3 1761 06184869 3

A NEBULOSA

POEMA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

PQ
9697
M15N438
1870z
c.1
ROBARTS

RIO DE JANEIRO
GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR, 71

CANTO I

A ROCHA NEGRA

Á

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR D. PEDRO II

Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil

O. D. C.

O SEU REVERENTE E MUITO LEAL SUBDITO,

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

A

NEBULOSA

POEMA

POR

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

NOVA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR, 71

LIBRARY
0 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

A NEBULOSA

I

Como duas columnas de guerreiros
Gigantes feros, que avançando irados
Parão ambas a um tempo antes da lucta,
Deixando ao turvo olhar espaço breve;
Duas filas de rochas escarpadas
Tinhão, rasgando o pelago raivoso,
Frente a frente estacado; inabalaveis
Os pés fincavão no profundo abysmo,
E em suas frontes remoinhavão nuvens,
Quaes de vingança tenebrosos planos.

II

Curta passagem concedida ás aguas
Entre os petreos colossos s'estreitava;

Fóra rugia o mar, e além das rochas
Mansa e bella enseada s'escondia;
Pela estreita garganta s'escoavão
Para o seio abrigado ondas serenas
Do oceano traidor fugindo a medo,
Como piedosas inspiradas virgens,
Que do mundo escapando, o claustro asyla.

III

Dentro estava a enseada; em frente as rochas
Como atalaias de mansão vedada;
Niveas praias, que as ondas galantêão,
Os flancos lh'engraçavão; densos bosques,
Florestas seculares, altos montes,
A campinas ridentes succedendo,
Por encantada terra s'entranhavão.
No sitio infiltra a solidão magias;
Breves passos do mar via-se apenas
De um pescador cabana preguiçosa.

IV

E ali por entre as ondas se desdobra,
Qual um Tritão que debruçado aferra,

Meio n'agua submerso e todo em somno,
Longo espinhaço de troncada rocha.
Pára no meio de outros que o semelhão
Peças mil que ou d'essencia são vizinhas,
Ou já penhasco enorme um só formárão,
Que o tempo em cem penhascos dividira;
Mais alto do que os outros, sobranceiro
Ao pégo, que raivoso aos pés lhe atira
Ondas bravas de colera espumando,
Um rochedo elevado, aspero e negro,
Velho pai da familia de granito,
Audaz, se arroj'á frente, o vulto eleva
Sobre o mar que a rugir lhe açoita as plantas,
Emquanto afogão-lhe o cabeço as nuvens.
Horrivel tradição mancha-lhe a historia;
Dos vivos nenhum vio, avós não virão,
Quando foi ninguem sabe, e todos creem.
Dizem que ali na turva penha immensa
Em velhas éras se acoutava insana
Mulher sabida em magicas tremendas,
Que ensinão máos espiritos; formosa,
Inda aos cem annos moça como aos vinte,
Vê-la um momento era adora-la sempre;
E ama-la eterno perdimento d'alma.
Genio das trévas, só da lua amiga,
Fugia á luz do sol; mercê d'encantos,
Durante a noite mystica pairava

No espaço em torno á rocha densa nuvem,
Em cujo seio toda se embebia,
Mal se abrião no céo rosas d'aurora;
Chamavão-a por isso a *Nebulosa.*
Em noites de luar trajando vestes
Roçagantes e brancas, sobre as ondas
Os encantados philtros preparava
Com chammas, que nos olhos accendia,
E com orvalho do céo; inda nos mares
A' meia noite, como em praia ou campo,
Corria em pé e nem os pés molhava;
Vinha depois na rocha pentear-se,
Madeixas d'ouro desatando ás brisas;
Logo outra vez no mar cantava e ria,
Té que á luz do Senhor cedendo as trévas,
Em seu leito de nuvem se abysmava.
Tempo, que se não mede, assim vivêra
Sempre moça e gentil, máo grado os annos;
Uma noite porém de tredo olvido
(Foi castigo de Deus) ao mar se atira,
Sem que antes repetisse as da cabala
Satanicas palavras; tarde as lembra...
Mais tarde as balbucia... os pés se molhão...
Vai sentindo afundar-se... em vão braceja....
Ruge a tormenta... subito revolto
A juba monstruosa o mar encrespa,
E no abysmo e no céo jogão madrias;

D'encontro á *rocha-negra* bravas ondas
O corpo arrojão da esquecida maga;
Debalde a miseranda estende os braços;
Se á pedra quer ligar-se, as mãos lhe faltão,
Pelo dorso escabroso escorregando,
As unhas lasca em vão e fere os dedos;
Uma, dez, vinte vezes... sempre o mesmo,
Dubia esperança, e desengano certo!...
Volve os olhos ao céo... scintilla aurora;
Quebra-se á luz do sol de todo o encanto;
Ai da fada gentil!... solta no espaço
A nuvem protectora, mago asylo,
Vai fugindo a embeber-se no horizonte,
Como no mar immenso abandonada
Erma barquinha que a corrente alonga!...
Não póde mais coma vida... perde as forças...
Um derradeiro arranco... inda é baldado...
Ultimo foi: — abrio medonha bocca
O pégo vingador, e absorveu-a,
Dando-lhe cova aos pés da *rocha-negra*.

V

Ninguem da maga diz que o corpo exanime
Boiasse á flôr das aguas; um mysterio

Foi sua vida, igual mysterio a morte;
Contão muitos porém, que nas deshoras
Das noites em que a lua aclara a terra,
No turvo cimo da tremenda rocha
Vem sentar-se a scismar branco fantasma;
Que tão profundos ais longos desata,
Como nunca exhalára humano seio;
Que ha frio gelador da rocha em torno.
Esse fantasma... é ella; e canta e chora,
E com perfido choro e tredos cantos,
Os incautos attráe, que ao mar se arrojão
De subita loucura arrebatados,
Ou por negros contractos s'escravisão
Ao imperio fatal da *Nebulosa*.

VI

Verdade ou não da *Nebulosa* a historia,
Tem fóros de encantada a *rocha-negra:*
E se dos velhos não falsêa crença,
Ai de quem lá subir noites seguidas
Tres, em que a lua tremular nas ondas;
Tarde ou cedo catastrophe terrivel
Da imprudencia o castigo assellar deve:
Quem ao perto navega arrisca a vida;

Se ao longe o mar é chão, ali referve;
Voga por isso o pescador de largo,
Benzendo-se a tremer, cáe sobre o remo,
Faz voar a canôa, e a Deus rezando
Esconjura o poder da *Nebulosa*.

VII

E no emtanto era noite; em pino a lua
Brilhante pelo céo se deslisava,
Céo e lua suaves derramando
Pallida luz, e orvalho de mistura;
Dormia a terra; as ondas murmuravão.
O tempo era sereno; mansa brisa
Lambia a face das tranquillas aguas;
Chegava a hora que separa os dias,
— Meia noite; — velava uma barquinha,
Dentro dous pescadores, que remavão,
Pyrilampos do mar aos mil chovendo
Ao levantar dos remos: longe assoma,
Ao clarão do luar, feio, iraeundo,
Da *rocha-negra* o vulto pavoroso;
Do gallo ouvio-se o canto; após silencio;
Véla a barquinha; os pescadores mudos;
Dormindo a terra, murmurando as ondas.

VIII

De repente, qual sombra de um fantasma,
Humana fórma volve-se na praia;
Ninguem vio donde veio e se approxima;
Subio a rocha; vagaroso e triste
De penhasco em penhasco foi saltando,
Galgou emfim da *rocha-negra* o cume,
E em pé, soberba estatua, o mar contempla.

IX

« Elle ainda!... » murmura estremecendo
O pescador mais moço, e com um écho
O velho pescador repete « ainda! »

X

Quem é elle?... mysterio; um mez volveu-se
Depois que no rochedo vez primeira

A sós velando a noite consumira.
Ninguem se lembra conhece-lo outr'ora ;
Ha um mez appareceu, só, mudo e triste,
Do velho pescador buscou o abrigo,
E pedio mesa e leito a troco d'ouro;
Retirado de dia, aos olhos todos
Furta-se cuidadoso; a ninguem fala,
Não quer ouvir ninguem; não diz seu nome;
Traja negros vestidos, rubra capa
Prende nos hombros ; companheira eterna
Harpa sonora a toda parte o segue ;
Nome lh'empresta o musico instrumento,
E de outro em falta Trovador o chamão.
Fôra bello talvez, se estatua fôra ;
Mas dá-lhe a vida um parecer sinistro ;
Pelos traços distincto agrada o rosto;
Carrancudo porém, sombrio e turvo,
O fel do coração nelle transpira;
Alto e delgado não se dobra aos annos,
Mancebo ainda pisa firme a terra.
Tem pretos os cabellos, que lhe ondeião
Sobre as espaduas ; a elevada fronte
E o rosto pelo sol se vêm tisnados;
Ardem-lhe os negros olhos como raios,
E a graciosa bocca é muda a todos.
Nas fórmas varonis se ostenta a força
De vigoroso braço affeito á lucta ;

Não é gentil no emtanto, antes repelle :
Resumbra em seu olhar desprezo ao mundo;
Da fronte no enrugar, dos supercilios
No terrivel franzir se apanha a idéa
De um coração inhospito p'ra os homens;
Nos seus labios ás vezes um sorriso,
Que não é rir, que é onda de sarcasmo,
Confunde a quem o vê; não fala nunca,
E n'um véo de mysterios envolvido,
Vaga, escondendo ao mundo, que detesta,
Seu nome, seu viver, e a dôr que abafa.

XI

Subito apparecendo e inesperado,
Nunca mais se arredou daquella enseada;
Em vão refere o velho o caso infausto
Da *Nebulosa:* mal o attende e foge
O Trovador incredulo ou sem medo :
Ave das noites nas deshoras vela;
Rei dos penhascos tem seu throno erguido
Na *rocha-negra:* esconde-se dos homens,
E ou nefanda traição tornou-lhe o mundo
Em barathro fatal, ou crime horrendo
Envolto em feio crepe aos olhos todos,

Elle, algoz de si mesmo, occulta n'alma,
Qu'a um tempo asyla o crime e os seus remorsos.
Não quer consolações, que as não procura,
E sombrio volvendo o olhar sinistro
Pelo mar, sobre a rocha, ou fundo valle,
Como que busca, onde melhor o espere
Mudo jazigo de eternal descanço.

XII

A que fim buscou elle as brancas orlas
Destas aguas? ninguem o soube ainda;
Chegou ao pôr do sol, e quando as trévas
E o silencio reinárão na enseada,
Lá foi velar na rocha de má sina.
Desde então sempre as noites lhe são gratas
Na solitaria penha repassadas;
Ou branda viração co'as mansas ondas
Murmure hymnos de amor, que ambas entendem,
Ou ribombe o trovão, lampeje o raio,
E com linguas de espuma o pégo em furia
Açoite as praias e impassiveis rochas,
Immovel, como a pedra onde campêa,
O vulto mysterioso lá se ostenta.
Se um remeiro novel vem na barquinha,

Que ao longe pelas aguas se deslisa,
« Quem é? » pergunta, olhando o vulto immovel,
E o pescador antigo impelle a barca;
E diz tremendo—« o Trovador! » e fogem.

XIII

Quem pudera arrasar vedado arcano,
Que se occulta por entre as rudes fibras
Daquelle coração fechado aos homens?...
Talvez memoria atroz de horrido feito
Jaz encerrada ali, como a caveira
De um malfeitor em campa não bemzida;
Talvez mal pago amor (traição d'ingrata)
Em fundo seio concentrado arqueja,
Qual passaro ferido em ninho agreste
Occulto no rochedo das devezas.
Ou remorso ou paixão, certo é que véla
Na rocha o Trovador acerbas noites;
A's vezes, poucas, qual fluente arroio,
Deixa correr su'alma em mar sereno
De tristezas tamanhas, que nem podem
Coar-se em pranto, mitigando as maguas;
A's vezes, muitas, qual possesso, freme,
Vocifera, maldiz, argue, pragueja...

Contra quem?... não revela; quando fala
Sempre está só; mas teme-se dos échos,
E um nome jamais rompe o mysterio.

XIV

Meia noite!.. ei-lo está: — talvez dissereis
N'um throno de granito o desespero;
Pelo vento estendida a rubra capa
Sobre o negro penhasco lembra a idéa
De sangue e morte em alma de assassino;
Soltos á brisa voão-lhe os cabellos,
Cinge a harpa de amor com o braço esquerdo,
Afaga-lhe com a dextra as cordas mudas,
E medita, olhos fitos no oceano.

XV

Tranquillo estava o mar, formosa a noite;
Na lisa face do inconstante lago
Encantos move d'auras ao bafejo
De dormido oceano arfar pausado
Aqui concavos sulcos se afundavão,

Onde ha bem pouco erguião-se collinas
Cingidas dos jasmins de nivea espuma,
Qu'em fitas s'estendião; sobre as ondas
Brilhantes, puros tremulavão raios
De namorada lua; fresca brisa
Pelas aguas e praia, espaço e nuvens
Aromas rescendendo se espargia;
Mansamente n'areia a debruçar-se
Incessante beijava o mar, as praias,
Trocando as furias em murmulho affavel;
Silencio emfim... dormia a natureza.

XVI

E o Trovador velava; aos meigos sonhos
Que se desfião sem dormir de uma alma,
Barquinha solta em mar de fantasia,
O mancebo infeliz se abandonava.
Menos triste quiçá e alheio ao mundo,
Banhando em risos no futuro a vida,
Ou do passado a ruminar saudades,
Ao menos de um presente, maguas todo,
S'esquecia uma vez.

XVII

Longas passárão
Horas de um meditar não tormentoso;
De subito porém, qual se accordára
Na mente deleixada um pensamento
D'infernal poderio, estremecendo
Do mar o Trovador arranca os olhos,
Onde fuzilão vingativos raios;
Toldão-lhe o rosto contracções violentas,
Sobre a rocha despreza a harpa innocente,
Com as vistas mede a terra, o céo invade,
Profunda o mar, e enfurecido brada:

XVIII

« O' natureza! minha dôr insultas!
« Na tua placidez leio um sarcasmo;
« Abomino-te assim, amo-te horrivel.
« Que quer dizer um mar que não rebrame,
« Uma terra que nada em luz d'encantos,
« Um céo que tormentoso não ribomba,

« Quando no coração temos o inferno ?...
« Oh !... mil vezes o horror e a tempestade !
« Apraz-me em guerra ver a natureza
« Abalada em seus élos mais profundos,
« A terra, o céo, o mar rugindo a um tempo.
« Do mundo escarneo, preso aos pés do mundo,
« Eu sou como esta rocha esteril, negra,
« Zombaria do mar, e exposta ás vagas;
« Desgraçado aborreço a dita alheia,
« E ouço meus hymnos no chorar dos homens !
« Sim ! o raio ! a serpente do horizonte,
« Que coriscante morde e rompe as nuvens;
« Os trovões a bramir, tigres do espaço;
« As montanhas do pégo embravecido
« Nas praias se quebrando, e branca espuma
« Do rochedo atirando a face turva;
« O vento impetuoso em mil refregas
« Gigantes da floresta arrebatando
« Pelos ares que raios incendeião,
« Para açoutar as nuvens com seus ramos
« Que orgulho forão da vetusta selva;
« Sim ! o raio... os trovões... o pégo... os ventos
« Ao som da tempestade alção meus hymnos. »

XIX

Parou, cedendo da fadiga ao peso:
Anciado respira; ao furor segue
Silencio longo; no sombrio rosto
Como que vêm as maguas enrugar-se
Do coração vasadas; pouco a pouco
Em ondas a tristeza a face invade,
E com mais calma e commovido accento
Repassado de dôr outra vez fala:

XX

« O riso alheio amarga aos desgraçados,
« Minh'alma, envolta em crepe, escarnecida
« Se viu nas galas que trajava o mundo;
« Cegou-me a dôr; maldisse a natureza.
« Fui injusto, e é injusta a humanidade;
« Menino grande, o homem de erro em erro
« Passeia a terra, máos caminhos segue,
« Tropeça e cáe, o mundo amaldiçôa,
« O fado culpa e a si nunca se accusa.

« Que é o fado ?... um sonho; vã chimera.
« Deus em noss'alma a liberdade accende;
« O resto a nós compete; a intelligencia
« Do falso discrimine o verdadeiro;
« Prudente estude o bem, e livre o siga
« O homem na vida; tropeçar na estrada,
« Tombar no abysmo prova só fraqueza;
« Demonstra um erro, imprevidencia ou crime.
« Feitura nossa, e não filha do acaso
« É a desgraça; nossos pés a buscão,
« Afagada por nós a nós se chega,
« Imprevidente o nosso seio a aquece;
« E quando a vibora morde, praguejamos
« Com vãos arrancos de vaidade estulta.
« Oh! não!... antes chorar! lagrimas corrão;
« Tributo é esse que se deve á terra;
« Do homem a face lagrimas não manchão;
« Mil vezes antes se afogando em pranto
« Da dôr o coração acalma o fogo.
« Como é doce chorar!... sinto que é doce!
« Oh! longe as maldições!... e tu, formosa,
« Placida lua, que no céo resvalas,
« Teus raios melancolicos derrama
« Em minha fronte, inspira-me harmonias;
« Ondas serenas, compassai meus cantos;
« Propicia noite, com teu véo m'esconde,
« E acolhe esta afflicção que foge ao mundo.

« Oh que é doce chorar! — Que é da minh'harpa?
« Vem, oh vem, minha eterna companheira!
« Vem, amiga fiel, que me traduzes
« Em accordes as maguas. »

XXI

Brandamente
O Trovador, qual pae á filh'amada,
A fiel companheira, harpa querida,
No seio aperta e lhe vibrando as cordas,
Desfia em voz sonora um terno canto,
Que nas azas dos zephyros levado
Desdobrou-se por sobre as mansas ondas.

I

« Eu vi-o dos annos no viço brilhante
« Passar, qual guerreiro que vae triumphante
« Colher altos premios que em justas ganhou;
« Eu vi-o cercado de amor e delicias,
« Gozando as maternas infindas caricias
« Na patria formosa, que louco deixou.

II

« Eu vi-o imprudente p'ra o mundo a sorrir,
« Saudando anhelante o incerto porvir,
« Que tristes acasos talvez lhe trará;
« E as damas qu'o vião galhardo passar,
« Dizião curvando modestas o olhar :
« Mancebo mais nobre, mais bello não ha.

III

« Mas qual genio tredo, qu'encanto, que fada,
« Da mãe carinhosa, da patri'adorada
« Arranca o mancebo donoso e feliz?...
« Acaso extremar-se foi elle nas guerras?...
« Faminto de gloria buscou longes terras?...
« Se alguem delle o soube, de certo não diz.

IV

« Eu vi-o; — já triste p'ra o mundo não ria,
« Em barca sinistra das praias fugia,
« A's vagas dizendo conjuros fataes;
« Depois a borrasca tremenda bramio,
« Cerrada caligem a barca encobrio,
« E o fim que ella teve ninguem soube mais.

V

« E vós, pescadores, que as ondas sulcastes,
« Dizei-me, nos mares jamais encontrastes
« O louco mancebo que nunca voltou?...
« E um velho barqueiro qu'ha pouco chegára,
« Erguendo a cabeça tristonho m'encara,
« Se afasta dos outros, e assim me falou:

VI

« Eu vi um mancebo qu'a dôr consumia,
« Bem longe vagando nas brenhas de dia,
« E á noite velando na rocha ao luar;
« Seus males, seus planos, esconde inflexivel,
« Mas sei que por negro destino terrivel
« A morte o espera no fundo do mar.

XXII

De cançado parou; mas dedilhando
A harpa sonora com o quebrar das ondas,
Com as doces auras que sussurrão brandas,
Accordes sons dormentes se harmonisão,

E aos poucos vão morrendo diffundidos
No espaço immenso da soidão profunda.

XXIII

Aos meigos raios da brilhante lua,
Máo grado o véo da noite, luz a terra
Com pallidos encantos graciosa
Como um rir melancolico de virgem.
Amor da solidão reina o silencio.
Dos pescadores fôra-se a canôa;
Sómente como á rocha encadeiado
Moderno Prometheo, firme persiste
Misero Trovador; em si só vive,
Exclusivo o absorve um pensamento,
E em tão profunda introversão se abysma,
Que nos tormentos d'alma concentrado
P'ra o mundo exterior é corpo inerte.

XXIV

E então da longe duvidosa sombra,
Qual magico batel, ficção de um sonho,

Cysne que nada em mar de encantamento,
Rompendo as nevoas da orvalhada noite,
Vem surgindo imprevista, inopinada,
Leve barquinha; de coberta é livre;
Garça que á tona d'agua o vôo estende
Como um véo de odalisca alveja á lua;
Não traz remeiros nem desfralda ao vento
A vela, azas do nauta, amor das auras;
Brando remo qu'impelle e rege a um tempo
O nocturno batel, maneja um vulto
Que a sós navega, qual sabida maga
Que o mar passeia em conch' alabastrina.

XXV

Não é de pescador a ignota barca,
Que quer ali tão tarde assim, tão branca?...
Mysterio imprimem nella a côr e a hora,
E esse quem quer que é tão solitario,
Que cauteloso e mudo piloteia.
Da longe sombra já desfeito o encanto
Mais se distingue o vulto; brancas vestes
Gracioso traja; longas, bellas vôão
Bastas madeixas ao soprar das auras.

XXVI

O nocturno batel segredo envolve;
Inquieto vaga perturbando as ondas
Sempre da rocha em torno e acautelado,
Ora della se chega, ora lhe foge,
Qual travêssa menina vergonhosa
Que correndo ante nós nos desafia
A segui-la e abraça-la. Não se move
O branco vulto que maneja o remo,
E no joven que scisma, de olhos fitos
Rodeia a rocha recortando as aguas.

XXVII

Do peito arranca doloroso arquejo
O infeliz Trovador. Silencio longo
Como estatua o deixára, immovel, mudo,
Olhando as vagas que a seus pés batião.
De novo aos labios a afflicção lhe assoma,
Donde se entorna em sonoroso canto;
E todo entregue á dôr nem vê tão perto
O branco vulto que o batel demora.

I

« Pescador que me vês no rochedo
« Solitario de noite velar,
« Que te importa este pranto qu'eu verto,
« Que t'importa meu negro pezar?
« Minha dôr é segredo profundo,
« Que ninguem saberá neste mundo. »

E como um écho que repete um canto
O branco vulto ao Trovador responde :

« Tua dôr é segredo profundo
« Que só eu saberei neste mundo. »

XXVIII

A' voz estranha o Trovador suspende
Arpejo e canto; indaga o mar com as vistas,
Embebe os olhos na alvejante barca
Que pelas ondas outra vez doudeja,
E com voz abafada remurmura :

XXIX

« Ei-lo ainda! o batel véla comigo!...
« Como tres noites já, vem perturbar-me
« Hoje de novo; conceder não querem
« Nem mesmo a solidão ao desgraçado!...
« Vem rir-se aos olhos meus de meus martyrios,
« As phrases repetir que a dôr inspira,
« E n'um tom qu'inda mais a dôr provoca.
« De mim zombão, mercê de mar e trévas :
« A voz é de mulher; — o instincto a guia
« Para zombar do homem; não importa...
« Sofframos tudo; é soffrimento a vida. »

XXX

E emquanto a nivea barca sulca as ondas
De longe em torno a rocha que namora
Do Trovador o animo se acalma;
Dedilha a harpa que outra vez lhe fala,
A voz lhe acode, o canto se desata,
E a barquinha tambem outra vez pára.

II

« Pescador, torna aos teus que deixaste,
« Não me busques, incauto mortal,
« Minha bocca respira ar de morte,
« Os meus olhos têm brilho fatal,
« Sou maldito que o céo reprovou,
« Onde eu chego degraça chegou. »

E como um écho que repete um canto,
Logo e no mesmo tom a voz responde :

« És maldito que o céo reprovou,
« Onde chegas desgraça chegou. »

III

« Pescador, breve fujo a teus mares,
« E de um mundo que horrores encerra,
« Fugir devo e nem mesmo aos abutres
« Deixarei meu cadaver na terra.
« Corp, nomoe e segredo guardar
« Vou nos fundos abysmos do mar. »
E como um écho que repete um canto
De novo ao Trovador responde o vulto :

« Corpo, nome e segredo guardar
« Vae nos fundos abysmos do mar. »

XXXI

Subito pensamento invade a mente
Do nocturno cantor ; suspende aos hombros
A harpa, deixa presto a *negra rocha* ;
Salta de pedra em pedra e des'pparece
Qual se fugira ao bateleiro ousado.

XXXII

Longa hora passou ; a rocha nua;
Silencio em toda parte; audaz barquinha
Vagando louca; o vulto qu'a dirige
Mysterioso a devassar com as vistas
A praia, o campo, as penhas, simulando
A ligeira gazella e temerosa,
Que astuto caçador de longe espreita ;
Por fim como ao temor cerrando o peito,
Abica a praia, prende a leve barca,
E com segura marcha vae subindo
A *negra rocha*.

XXXIII

De repente surge
O Trovador que inopinado avança;
O passo toma ao vulto, que se arreda;
Alonga os braços, quer prende-lo, e pára
A' voz potente que lhe agita os nervos.

XXXIV

O VULTO

« Treme se audacioso a mim te chegas
« A meu despeito! — encantos me defendem;
« Menos sou deste mundo do que cuidas,
« Fala de longe se falar pretendes. »

XXXV

Tinha a bravura no semblante impressa
O Trovador; mas sem querer vacilla

Ante o vulto qu' impavido lhe fala :
Um momento passou, presto serena,
E com seguro accento emfim pergunta :
« Quem pois és tu ? »

XXXVI

Um passo recuando
Estende um dedo de crystal mimoso
O branco vulto : o fundo mar aponta,
E com pausada voz, tremula e baixa,
Responde assim :
« Pertenço á *Nebulosa.* »

CANTO II

A DOUDA

I

Não longe da enseada, em valle escuro,
Ha uma densa e tenebrosa selva;
Cavou ali a natureza um antro
Tão negro e vasto que terror infunde;
Servira outr'ora de covil ás féras,
Povoárão-no após os máos espiritos
Segundo creem; fôra emfim o asylo
De astuta feiticeira; os pescadores
Contão ainda formidaveis casos
Que muitos virão; velha hirsuta e feia
A maga era; mas sabida em artes
De nigromancia que o demonio inspira:
Um pacto havia entre ella e a *Nebulosa*:
Previu futuros, desnudou arcanos,
Até que um dia embalde a procurárão:

Dizem uns que a vôar por entre as nuvens
Perdêra-se no espaço, e lá suspensa
Em castigo vagando em torno á lua
Vela chorando pelo mal que ha feito,
Ou de borrasca nas tremendas noites
Ulula exasperada; outros pretendem
Que em deshoras de um sabbado saltára
Da *negra rocha* p'ra morrer nas ondas.
Certo é que se sumio: mas sobre a terra
Só, sem amparo, desditosa filha
Deixou penando; de que val' belleza?...
É moça e linda, fulgem-lhe os encantos;
Mas, ai da triste! endoudeceu no berço.

II

Causa dó ve-la! julga-se encantada
E cara á *Nebulosa*: ninguem sabe
Que faz de dia; quando a noite chega,
Foge do antro e vela o mar sulcando.
Tem um leve batel branco e ligeiro,
Onde ella só e mais ninguem se embarca:
Crê-se feliz e espera mil venturas
Depois da morte, no entretanto chora;
Não diz porque; um padecer constante

Tudo annuncia ; mostra-se abatida,
Pallida, triste e não se queixa nunca.

III

Aquelle vulto que o batel deixára,
Da douda era : peregrina em tudo,
Como nas vestes, singular nos modos.
Madrasta não lhe fôra a natureza ;
Tem castanhas madeixas e tão longas,
Que soltas como um brinco dado ás brisas,
Qual densa escura nuvem, collo e seio
E os braços nús em seu volver escondem ;
Surge d'entre ellas rosto gracioso,
De enlevadora pallidez assento.
Mal cabido senão, mancha qu'enfeia
De negra côr na branca e lisa fronte,
Bem no meio apparece ; os olhos bellos,
A's vezes ternos, outras radiantes,
Vagando agora, daqui a pouco fixos,
Terriveis como o olhar do moribundo
Que em nós se embebe, um não sei que desprendem
D'encanto ou de loucura ; a face eburnea
Rosas não tem, ou já rosas murchárão :
É dos seus labios o sorrir tão triste

Que nem é rir, e mais do que uma lagrima
Exprimiria a dôr; de neve o seio,
De neve os braços, de crystal os dedos,
E a mão que alveja, como os pés, mimosa;
De nobre altura, e por demais delgada,
Desperta a idéa de um soffrer profundo
Que a vae mirrando e consumindo aos poucos;
Longa tunica azul que a côr imita
De um céo todo bonança, traz vestida,
Na cintura uma fita ao corpo a une,
Cáe-lhe do collo e pelo chão se arrasta.
Sandalias calça; sobre a simples veste
De offuscante candor lança uma capa
Vasta, que sobra para envolve-la toda.

IV

A sua voz é doce e maviosa,
Seu estylo obscuro e desusado,
Inconsequente ás vezes, quasi sempre
Falar de louca. Em seu semblante nadão
Vagos affectos; seu olhar doudeja
Ora altivo no céo; depois baixando
Como que sonda o abysmo do oceano;
Dirieis que o sonhar com a eternidade

De lá descêra a procurar um tumulo.
Não anda, não; é resvalar de sombra
O volver de seu vulto; em torno della
Rescende tudo encantos; vaporosa,
Impalpavel talvez a julgarieis
Não deste mundo.... *ser* de alheia esphera.

V

Máo grado seu, dous passos recuára
O Trovador que ouvira-lhe a resposta.
E embevecido, fitos nella os olhos,
Ficou: tambem a olha-lo docemente
Deixa-se a pobre douda, e em suas vistas
De tão ternas que são, tão maviosas,
Parece brando affecto derramar-se,
Como orvalho subtil que o céo transpira;
Melancolico riso que faz pena
O contempla-lo só, lhe expande os labios;
Depois de muito volve em torno olhares,
Melancolico riso que faz pena
O contempla-lo só, lhe expande os labios;
Depois de muito volve em torno olhares,
Talvez buscando mais alguem, e fala
Ella primeira ao Trovador absorto.

VI

A DOUDA

« Comtigo estava alguem...

O TROVADOR

« Não, tu te enganas;
« Ninguem se atreve a compartir-me as dôres.

A DOUDA

« És tu qu'intentas illudir-me; sempre
« Que a voz modulas sobre a *rocha negra*,
« Com teu canto outro canto se mistura.
« Não sei quem é, mas sei que alguem te segue;
« Hei de sabe-lo a pezar teu, se o negas.

O TROVADOR

« E quem t'o contaria ?...

A DOUDA

« A *Nebulosa*.

O TROVADOR

« Demais confias no poder das fadas.
« Não vás tentar de uma illusão captiva
« Ouvir um morto ; que loucura indica :
« Eu velo solitario.

A DOUDA

« Porque mentes?...
« Já tres vezes, afóra a noite de hoje,

« Ambos vos tenho ouvido; até na sombra
« Tambem já distingui estranho vulto
« Em teu seio inclinado, apraz-me ouvi-lo;
« Não lhe entendo o falar, mas doce fala;
« É a voz e a expressão propria de um anjo!
« Dize quem é : uma mulher!... duvido
« Que amada seja, pois bem sei quem amas.
« Desejo ouvi-lo... eu gosto da pureza,
« E voz mais pura nunca ouvi no mundo;
« São suas phrases vibrações sonoras
« Que n'alma entornão magicos deleites;
« Se o favonio falasse era um favonio
« A derramar finezas sobre as flôres;
« Teu canto é doce, Trovador, mas esse
« Não é cantar de humano. Vae chama-lo,
« Mulher ou anjo.... pouco importa, eu quero
« Ouvi-lo ainda, inebriar-me ouvindo. »

VII

Percebe o Trovador da douda o erro;
Corre a buscar a harpa qu'escondêra,
Tra-la nos braços como a filha amada
Um extremoso pae, e diz mostrando-a :
« Eis quem me segue, quem me entende e ama! »

VIII

Maravilhada, o musico instrumento
Contempla a douda, como temerosa
Recúa um passo, logo a rir-se alegre
Vem-se chegando; duvidosa ainda
Estende o braço, que outra vez recolhe,
Té que se anima... com suave dextra
Palpa-lhe as cordas e o examina todo,
E sem que os olhos volva emfim pergunta :

IX

A DOUDA

« Nem anjo nem mulher !... — Como é seu nome ?

O TROVADOR

« Harpa.

A DOUDA

« Mal escolhido... não me agrada,
« Não lhe exprime a doçura; ouve, mancebo,
« Vamos dar-lhe outro nome; d'ora ávante
« Chama-la-hemos — *amor que fala.*
« Faze-a cantar... »

X

O Trovador harpeja,
E muito tempo extasiada escuta
A pobre douda; nos seus labios rompe
Um rir que é novo ali, que é todo enlevo;
Depois dos olhos lagrimas borbotão,
O riso e o pranto se misturão; subito
O Trovador suspende, e arrebatada
Beija as mãos do mancebo, e as cordas da harpa
Uma... cem.... vezes mil, como em delirio,
E a rir ainda e a chorar exclama:

XI

A DOUDA

« Oh ! basta !... basta ! é muito ! eu mais não posso !
« No excesso do prazer a alma se afoga !...
« Deixa beijar-te as mãos ! tens mãos de um anjo
« Movendo o canto desse — *amor que fala !*
« Ouve ; uma graça almejo merecer-te ;
« Oh !... deves-m'a fazer... muito me deves !
« (O que não digo que m'o inhibe o pejo) ;
« Escuta : é meu destino aqui na rocha
« Vir murmurar extremo adeus ao mundo ;
« A *Nebulosa* o quer e o mar me espera ;
« Raios da lua escreveráõ nas ondas
« Funebre aviso ; na prefixa noite
« Virás, mancebo, te encontrar comigo ;
« Has de ver-me sem dôr do tumulo á beira
« Mirar-me nelle m'espelhando n'agua :
« Da morte a hora é hora de triumpho ;
« Devo, quero morrer entre harmonias,
« E ao som dos cantos desse *amor que fala*
« Ir ter com a *Nebulosa*. Eis quanto peço ;
« Juras servir-me ?...

O TROVADOR

« Ah ! misera ! quem sabe
« Se antes que a ti me tragaráõ as ondas !...

A DOUDA

« Tens razão : por demais te pesa a vida ;
« Sei bem que negra idéa n'alma turva
« Como a ave das trévas te esvoaça :
« Tambem me cança este viver tão longo !...
« Mancebo, attende : — morreremos juntos...
« Abraçados a um tempo ao mar saltamos !
« — Não queres... não, 'stou lendo nos teus olhos,
« Até na morte a solidão te agrada !...
« Não terei cantos pois ! — embora ! um dia,
« Quando eu no fundo mar morta p'ra o mundo,
« Habitando em palacios d'ouro e fogo
« Onde se hospedão *Nebulosa* e lua,
« Fôr ondina feliz, hei de pedir-lhes
« E dar-me-hão ellas um *amor que fala*,
« Das cordas saberei mover-lhe as phrases ;
« Sem aprender os mortos sabem tudo.

O TROVADOR

« Desvarias fallando !... quem és ?... dize.

A DOUDA

« Douda me chamão ! tenho bem juizo.

O TROVADOR

« Não queres responder-me ?...

A DOUDA

« Eu digo tudo,
« Quem sou, quem és, a tua historia e a minha.

O TROVADOR

« Impossivel !...

A DOUDA

« Escuta : sobre a rocha
« Inclina o — *amor que fala* ; — vem sentar-te
« Ao pé de mim.... aqui, nada receies ;
« Quando me apraz sei refrear encantos,
« Nem tenho em mente o emprego de magias.
« Desejo ouvir-te, e me ouvirás primeiro. »

XII

Da Douda ao lado o Trovador sentou-se,
E de enleio indizivel possuido,
Ouve em silencio reloucada historia.

XIII

A DOUDA

« Não quero sobre ti ter predominio
« Algum que seja ; a vida te conheço,
« E nem sabes quem sou !... pois vou dizer-t'o.
« Nasci n'um antro de medonha selva
« A' meia-noite, e ao rebentar de um raio ;
« N'um berço me embalei agreste e rude
« De bravos cardos e de sarças feito ;
« Adormeci ao sibilar das serpes
« Primeiro somno ; minha mãe tão pobre
« Que nada tinha, misturou soluços
« Com os meus vagidos ; foi pedir esmolas,
« Nada lhe derão, colheu só vergonha
« Em vez de pão !... desesperada foge
« Nos hombros me levando, e tres seguidas
« Noites velou em que brilhava a lua
« Aqui sobre esta rocha ; na terceira
« Surge das ondas branca e vaporosa
« Pallida virgem... sóbe a rocha negra...
« Chammas dardeja no fitar dos olhos...

« E fórmas simulando graciosas,
« É sombra apenas que não gasta espaço.
« A *Nebulosa* era.
« — Porque choras?...
« Meiga pergunta ; e minha mãe responde :
« — Choro as miserias de uma vida ingrata ;
« Trabalho um anno p'ra comer um dia !
« Mirrados tenho já maternos seios ;
« Vae morrer minha filha. »
« A *Nebulosa*
« Olhar de tigre em minha mãe cravando,
« Faz-lhe a fronte curvar e a enleia toda ;
« E emfim lhe torna :
« — Mudarei teu fado ;
« Sou das magas rainha ; em corpo e alma
« Mãe e filha a meu culto consagradas
« Terão em paga protecção de genios,
« E dos encantos tenebroso ensino;
« Vê se te agrada. »
« Reflectir tentava
« Misera mãe, quando um vagido escuta
« Que solta a filha a procurar-lhe os seios ;
« Nubla-lhe a mente o padecer da prole,
« E em pranto exclama : — Decidi : sou tua !...
« Um sorrir de triumpho abre nos labios
« A *Nebulosa:* vôa pelos ares
« E não tem azas, vae dansar nas ondas

« E não se molha; brada como louca :
« Inda mais duas !... »
« E outra vez tornando
« A' *rocha negra*, por favor do encanto
« Que hoje desnudo, d'entre as fibras rudes
« Do sinistro penhasco vem surgindo
« Vapor sulphureo que envolvendo a fada
« A nossos olhos pouco a pouco a esconde;
« Da tempestade o genio obumbra a terra
« Com as madeixas de nuvens crespas, negras,
« Pelo espaço e nos montes espargidas;
« Ruge o mar... trôa o céo... e de repente
« Radiosa, inflammada, qual se ardesse
« Em chammas toda, já desfeito o fumo
« Qu'inda ha pouco a envolvêra, a *Nebulosa*,
« Como um astro resplende na enseada
« Que luz ao fogo, que a magia accende;
« Não pára... vem de um vôo, onde a nós ambas
« Extaticas deixára; e em nossas frontes
« Ardente beijo d'inflammados labios
« Deixou cahir, como centelha horrivel :
« Volta aos ares depois : é meteóro
« Que arroja incendiado labaredas;
« Negras aves doudejão pelos ares
« Sinistras a piar, gritos s'escutão,
« Gemidos, vagão sombras espantosas,
« Monstros informes, nuvens se abalroão,

« Pesada atmosphera e sulphurosa
« Suffoca o mundo : escuta-se nos ares
« Bramir trovões, a tempestade ruge,
« Estala o raio, dobra o mar as furias,
« E a *Nebulosa* a desatar risadas
« Longas, ruidosas, some-se... mas onde ?...
« Não póde vê-lo minha mãe, e eu menos.
« Ainda creancinha...
« Eramos fadas.

XIV

« Mudou nosso destino. O encantamento
« De repente assombroso em nós fulgia :
« Minha mãe desde então, e eu dentro em pouco,
« Mal dos vestidos infantis despi-me,
« Pudemos sábias predizer futuros,
« Sonhos interpretar; eramos fadas :
« Nada aprendêmos e soubemos tudo.
« Homens, mulheres consultar-nos vinhão
« Ao antro escuro : por conselhos magos
« Pagavão ouro; tinhamos riquezas;
« Dentro de nós porém o inferno estava :
« Da *Nebulosa* aquelle fatal beijo
« Foi do demonio em marca transformado :

« Não vês na minha fronte a nodoa negra?...
« Deixou-m'a o beijo della : é nodoa horrivel!...
« Mancha-me o niveo rosto e um fogo ateia
« Que inextinguivel me devora o seio !
« Afeia... pesa... queima... oh ! nunca a tenhas;
« Nada póde lava-la : é um castigo
« Do céo por sermos fadas. »

XV

Tristemente
A douda curva dolorosa a fronte,
Onde entre lirios negrejava a nodoa,
Marca sinistra, que sellára o beijo
De esconjurada maga.
Condoido
O Trovador seus males olvidava
Ante a infeliz tomada de loucura;
Muito se deixa contempla-la mudo;
Por seus proprios pezares resequido
Já consolar nem sabe!... em seu semblante
E no olhar triste a compaixão nadando
A misera percebe e diz sorrindo :

XVI

A DOUDA

« Douda me julgão?... tenho bem juizo!
« De mim duvidas?... crês que eu desvario?...
« Escuta: eu nunca minto; a *Nebulosa*
« Mora lá embaixo n'um palacio d'ouro,
« No fundo mar, é sua amiga a lua,
« Ambas se adorão; não tens visto ás vezes,
« Depois de navegar no mar do espaço,
« Plena lua entre as ondas mergulhar-se?...
« Vão juntas pernoitar no fundo abysmo,
« N'um céo d'encantos, que povoão fadas;
« Tem lá festins, banquetes, maravilhas,
« Onde entre chammas, que não queimão, fulgem.
« Oh! que um dia tambem (breve elle chegue)
« Como fada que sou, serei com ellas!...
« Minha madrinha, a *Nebulosa*, o disse;
« Sua dilecta sou, na extrema hora
« Ha de arrancar-me de assassinas vagas,
« E levar-me comsigo ao céo das aguas;
« Com lirios de oceano, undosa espuma,

« Viráõ lavar-me festivaes donzellas,
« Da fronte a mancha que meu rosto afeia;
« Dar-me-ha riquezas... leito só de flôres...
« Fulgentes vestes... um — *amor que fala*,
« Irmãs galantes... homens lá não entrão,
« Nem tu que és bello e pallido como ella : —
« Hei de aprender mysterios mais profundos;
« Virei dansar nas ondas sem molhar-me,
« E sem azas voar por entre as nuvens.
« Como serei formosa!... em minha fronte
« Não haverá mais nodoa : eu te prometto
« Velar então por ti, se ainda viveres.

O TROVADOR

« Vives n'um mundo de illusões perdida!
« Nunca existio a fada que imaginas.
« Já viste, por ventura, a *Nebulosa*?...

A DOUDA

« Se a vi... se a vejo? em toda parte! oh! sempre!
« Vi-a primeira vez ao dar-me o beijo,

« Ardente lava que manchou-me a fronte,
« Bem creança que eu era, e inda me lembro!
« (Força d'encanto que a memoria exalta!)
« Belleza de anjo em fórmas impalpaveis,
« Vestidos côr de leite em corpo aereo,
« Corpo aos olhos sómente, ao tacto sombra,
« Eis como a vi então, depois mil vezes;
« Mas só de noite a vejo, a sinto, a escuto;
« Quando aos labios do mar na areia vires
« De algum ligeiro pé vestigios leves,
« Foi ella que passou : se lá no espaço
« Alguma nuvem branca vaga errante
« Em torno á lua, ou coroando os montes,
« Vae ella nessa nuvem : se ouves perto
« O sussurrar das desinquietas ondas,
« Que ali se abração borbulhando espuma,
« É ella que murmura : em toda a parte,
« Em tudo e sempre a *Nebulosa* eu sinto;
« No mar, no céo, no ar, na terra a vejo :
« E me fala tambem, se, em caso estranho,
« Conselhos quero da primaz das fadas.

O TROVADOR

« Como te falla então ?...

A DOUDA

« Sempre escrevendo :
« Toma da lua um raio, e sobre as ondas
« Escreve muito tempo, e jamais erra.

O TROVADOR

« Que idade tens ?...

A DOUDA

« Eu sou bem nova ainda ;
« Se os annos como vós contar devesse,
« Vinte contára; mas a nós, as fadas,
« Que importa a idade ?... somos sempre moças. »

XVII

Em silencio profundo ambos se engolfão :
O Trovador medita, reflectindo
Em tantas graças, que a loucura perde ;
Emquanto a douda transportados olhos
Esquece sobre um rosto, onde mil vezes
Tem já corrido amargo pranto ; ha fogo,
Ha mais que affecto brando a desatar-se
Naquelle olhar tão preso : ha como uma alma
Que nos olhos se entorna, e delles foge
Por encanto indizivel attrahida :
A *Nebulosa* e as fadas já nem lembra ;
Do coração transpira occulto arcano,
Toda se perde, mas do enlevo accorda
Subito, ouvindo um suspirar anciado,
Que escapa ao Trovador, e prompto fala,
Escondendo na voz o enleio d'alma.

XVIII

A DOUDA

« E a tua historia?...

O TROVADOR

« A minha historia é um livro,
« Que se não abre ás vistas dos humanos;
« No meu peito o fechei, e ha de comigo
« No tumulo cerrar-se.

A DOUDA

« E eu li teu livro,
« Tua historia conheço, em parte, ao menos!...
« Sei muito já, mas quero saber tudo.

O TROVADOR

« Já viste um tigre, e penetraste um antro?...
« O tigre é meu soffrer, o antro meu seio;
« Ninguem os vio, nem os verá, que eu vélo.

A DOUDA

« Nem sei mentir, nem t'enganar pretendo;
« Uma palavra te resume a historia;
« Posso dize-la; vê, se o queres...

O TROVADOR

« Dize-a.

XIX

Com terno olhar cravado no mancebo
A infeliz murmurou : « *Jamais!* »
Tremendo,
Com as mãos o Trovador os labios cerra
Da pobre douda, arqueja, desatina,
E clama emfim :
« Oh basta! basta! eu sinto
« Que do demonio a mão no meu semblante

« Imprimio, como um sello, essa palavra!
« É como a nodoa, que te mancha a fronte,
« Da maldição e do desprezo a marca!... »

XX

Emmudeceu depois, curva a cabeça,
Roça-lhe o peito a barba, e meditando
Como que a douda esquece: emfim mais calmo,
E mais triste, tambem fala sentido:

O TROVADOR

« Mulher, quem quer que és, douda ou praguenta,
« Phrase de maldição disseste ha pouco,
« Quem t'a ensinou?... responde.

A DOUDA

« E ao pensamento,
« Quando o afogas nos prantos do passado,

« Jamais, ah ! dize ! minh' afflicta imagem
« Infante ou moça se mostrou sentada
« Desse rio de lagrimas á beira ?...
« Nunca me viste ?... nunca ?...

O TROVADOR

« Sim : tres noites
« Já tenho ouvido a tua voz.

A DOUDA

« Mais nada ?...

O TROVADOR

« Onde podia eu ver-te ?... »
A dôr transborda
D'alma da louca pelo rosto em ondas;
Vem a seus labios do martyrio o riso;

Sinistro riso, que é descrer da terra!
Volta a cabeça e disfarçada enxuga
Lagrima insana, que um mysterio envolve,
E emfim tremendo, mas depressa, fala.

A DOUDA

« Porque resistes?... não me ouviste franca?...
« Teus pezares relata-me: consola
« Verter a dôr em fonte dolorosa,
« E um amor confiar, que nos tortura,
« A quem o comprehende.

O TROVADOR

« Pois tu amas?!!!

A DOUDA

« Qual é a vida que um amor não murcha?...
« Não ama a lua o sol?... e a *Nebulosa*,

« Que é rainha das fadas, não se dobra
« A' lei que rege os mundos?...— tambem amo.

O TROVADOR

« E és infeliz? ..

A DOUDA

« Escuta : já tens visto
« Nas vagas do alto mar nauta perdido,
« Que solta um grito, e não lhe acode um écho?...
« Já viste no deserto a flôr que pende
« Sobre a torrente que a despreza e foge?...
« Já ouviste o arrulhar de afflicta pomba,
« Que solitaria geme?... Já notaste,
« Como ante um desengano, uma esperança,
« Vem aos beijos quebrar-se onda amorosa
« Aos pés do rude e inhospito rochedo?...
« Assim o meu amor!

O TROVADOR

« E tu que és fada,
« Que dos encantos a sciencia ostentas,
« Não descobriste ainda um philtro amigo,
« Que no seio te afogue amor tão fero?...

A DOUDA

« Eu matar este amor?!!! — Que mãe já poude
« O filho — que causou-lhe horriveis dôres,
« Que rouba-lhe o socego, a paz, o somno,
« Que quando soffre, a faz soffrer em dobro,
« E que depois ingrato a desampara,
« Velhinha e pobre — despregar da alma?...
« Oh!... quanto mais padece, mais o adora!...
« Tal é amor : no coração se infiltra,
« Maisse aprofunda, quanto mais nos punge :
« Com a vida se mistura... é nossa vida.
« Quem se peja de amar, o mundo infama :
« Ninguem póde vence-lo : — é lei do Eterno :
« Curvão-se aos pés do amor as proprias fadas.

O TROVADOR

« Oh!... não és douda, não! — genio benigno
« És, que para animar-me o céo me envia.
« Orgulho de homem vão!... vergonha eu tinha
« De um amor, que o desprezo envilecêra;
« Dever julgára denega-lo ao mundo,
« E comigo na campa adormece-lo.
« Agora não, eu fallo: abriste as portas
« De minha alma: ouve pois meu impio fado. »

XXI

O TROVADOR

« Atrás daquella verde-negra selva
« Ha um formoso e pittoresco valle,
« Onde nasci no seio da abundancia;
« Amavão-se meus paes, e o caro filho
« Foi de ambos o enlevo; entre sorrisos

« E amantes beijos despontou-me a infancia;
« Guardavão-me comsigo desvelados
« Como mimosa flôr, que ao sol se esconde.
« Cresci longe do mundo, e a deseja-lo,
« Sonhando a vida em lisongeiro quadro
« De arabescos brilhantes; na minha alma
« Ardia o fogo, que alimenta o genio;
« Amava a Deus, meus paes, e a gloria insana
« Já de anhelante no meu peito arfava.
« Veio a mão do infortunio desfechar-me
« Primeiro golpe; a morte orphão tornou-me;
« E através do pranto olhando a terra,
« Ao lado de uma dôr, e ante um sepulcro,
« O mundo odiando vi-me preso ao mundo;
« Vivi por minha mãe, meu pae chorando.

XXII

« Vinte annos contava; já não tinha
« Olhar de pae, que imita a Providencia
« Velando sobre mim; dias e noites
« No meu futuro em reflectir gastava.
« Por entre o pranto de viuvez mal póde
« Cuidar misera mãe no filho amado.
« Uma tarde, a scismar transponho a meta

« De meus passeios, subo um monte e desço
« A estranho valle; de repente paro
« Escutando uma voz, qual nunca ouvira;
« Oh! que foi perdição!... longinqua frauta
« Na solidão saudades modulando
« A horas mortas da noite; harpa vibrada
« Por destras mãos da mais gentil donzella;
« Zephyro a susurrar, fonte escondida
« Que murmura no bosque... Oh! nada, nada,
« Não é como essa voz: — cantava um anjo;
« Amei... não soube a quem; se eu fôra cego
« Teria amado assim. Approximei-me;
« Vi... — novo encanto! — duvidei da terra,
« Da vigilia... e de mim; mas nem foi sonho,
« Nem me achava no céo; era um prodigio;
« Era uma virgem de esplendor divino,
« Um sorriso de Deus humanisado,
« Que Deus mandára, por milagre ao mundo.

XXIII

« Em extasis fiquei; immovel, mudo,
« Como ante uma visão; quando ao fugir-me
« A incognita formosa, acordar pude,
« De joelhos me achei: — tinha-a adorado.

« Desde então, qual novilho lastimoso,
« Que vae sempre chorar tristes saudades
« Onde morreu-lhe a mãe, irresistivel
« O coração levava-me a esse valle,
« Em que perdêra a paz; mas foi debalde!...
« Ninguem concebe amor tão abrasado,
« Nem tanta ingratidão n'um peito humano!...
« Quando nos olhos meus brilhavão chammas
« Do vulcão, que no seio acceso estava,
« Da esperança apagavão-se os ardores
« No gelo eterno da isenção tyranna.
« Quando, não mais conter o amor podendo,
« Deixei-lhe ouvir primeiro ardente voto,
« Primeira vez tambem — *Jamais* — me disse,
« *Jamais*, que repetio-me inda mil vezes!...
« Fraco que fui!... em vão busquei vencer-me;
« Dobrava-me a paixão a má ventura.
« Fiz-me dessa mulher misero escravo;
« Beijei a terra que seus pés calcavão;
« Cobri de flôres o relvoso assento
« Em que pousava; ousei entalhar versos
« Na molle casca d'arvore frondosa,
« A cuja sombra sesteava: — embalde!...
« Desfiz-me em novas, mais ardentes juras;
« Tirei dos olhos seus ardor e fogo
« Para accender-me as phrases, ameiguei-as
« Com lagrimas sentidas, e invocando

« Deus, seus paes, a virtude e a paixão minha,
« Pedi-lhe amor e fé, mas sempre embalde!...
« Ganhei sómente o gelo do silencio,
« Ou um — *Jamais* — que flagellava em dobro.

XXIV

« Este amor desgraçado imita a raiva,
« Derrama o desespero dentro d'alma.
« Como louco vaguei... uma serpente
« Feroz meu coração dilacerava!
« Já extincta a razão de amor nas flammas,
« A's vezes de um sorrir colhido a furto,
« De um olhar mais piedoso, ou d'um suspiro
« No deserto exhalado, a alma illudida
« Forjava uma esperança que bem cedo
« Frio gelo apagava : não dormia...
« Morrer vinha-me á idéa... sempre em lucta
« Com esse amor fatal, da juventude
« Murchárão rosas ; pallido tornei-me,
« E emmagrecido pela dôr; brilhava
« Loucura, ou desespero nos meus olhos :
« Espantador espectro, fui fallar-lhe
« Inda uma vez : era accusa-la mudo
« Deixar-me ver assim desfigurado

« Inda no albor da vida tropeçando,
« Ao pé do tumulo já!... entristeceu-se;
« Animei-me, esperei e a voz soltando
« Pedi-lhe amor e gratidão — e a barbara
« Só respondeu : — *Jamais!* — phrase sinistra!...
« É a sentença que á irrisão me vota.

XXV

« Minha esperança em hora de loucura
« Cahio dos pés de Deus no cahos do inferno.
« Não longe, em fundo valle, e gruta horrivel,
« Vendia philtros, e conselhos tredos
« Astuta feiticeira : procurei-a;
« Entrei no antro e consultei a maga;
« Minha historia escutou : depois anciado
« Perguntei-lhe anhelante o que podia
« Aos meus votos de amor dobrar a ingrata :
« Longo tempo scismou a feiticeira;
« E emfim erguendo a fronte, disse — *louros.*

« E viste alguem á entrada do antro escuro?

O TROVADOR

« Pobre menina, que me ouvio chorando.

A DOUDA

« De que idade?...

O TROVADOR

« Talvez tinha dous lustros.

A DOUDA

« Tinha-os : prosegue.

XXVI

O TROVADOR

« Fé prestando á maga,
« Fugi ao ocio e procurei batalhas.
« Oh! deixei minha mãe!... tão só e enferma,
« Filho ingrato olvidei dever sagrado :
« Falsa esperança á ingratidão levou-me,
« O desespero me accendia o animo :
« Nenhum mais bravo; poucos tão ditosos
« Houve como eu; a minha espada um raio
« Aos inimigos foi ; jamais vencido
« Venci mil vezes; proclamou-me a fama
« Heróe guerreiro; de trophéos coberto
« Voltei garboso; da mulher, que amava,
« Corri aos pés, depuz-lhe os da victoria
« Immarcessiveis louros; e em resposta,
« Quando pedi-lhe amor — *Jamais!* — me disse.

XXVII

« De novo a maga exasperado busco ;
« Lanço-lhe em rosto o perfido conselho :

« — Louros lhe trouxe! brado-lhe; e debalde,
« Não tive amor! que lhe trarei agora?... —
« Torna a scismar a feiticeira astuta;
« E emfim erguendo a fronte, disse — *cantos.*

A DOUDA

« E viste alguem á entrada do antro escuro?...

O TROVADOR

« Pallida moça a contemplar-me absorta.

A DOUDA

« Quantos annos teria?...

O TROVADOR

« Quinze.

A DOUDA

« É isso;
« Prosegue ainda.

XXVIII

O TROVADOR

« Desprezei batalhas,
« Trophéos, victorias; trovador tornei-me;
« Fiz troca de uma espada por uma harpa,
« E esta me deu o que me dera aquella;
« Gloria de trovador, ou de guerreiro,
« É sempre gloria, que deslumbra o mundo.
« Meus hymnos pelos valles entornando,
« Graças e nome eternisei da ingrata.
« Annos cinco gastei cantando a bella,
« E aquelles que me ouvião, commovidos,
« A bella e seu cantor abençoavão.
« Voltei emfim, e as ternas harmonias
« Fui depôr, como outr'ora os nobres louros,

« Aos pés da cruel virgem ; — docemente
« Peço-lhe amor em paga de meus cantos,
« E ella ainda uma vez — *Jamais* — me disse.

XXIX

« Louros ganhados no jogar das vidas,
« Cantos, perfumes d'alma, em vão gastára!...
« Corro de novo á gruta enganadora ;
« Ah !... já não vive a feiticeira insana!

A DOUDA

« Mas ouviste uma voz no antro da maga ;
« Quem te falou não sabes ; mas ouviste :
« — Trovador! o teu mal não tem remedio;
« — Tu morrerás de amor... e alguem comtigo. »

O TROVADOR

« E essa voz ?...

A DOUDA

« Era a minha.

A TROVADOR

« E a feiticeira?...

A DOUDA

« Minha mãe, que foi ter com a *Nebulosa*,
« E que ás vezes vagando em torno á lua,
« Olha-me lá do céo.

O TROVADOR

« Ah desgraçado!
« E que eu não tenha mais uma esperança!...
« Amor funesto! — affecto matricida,

« Que a minha mãe dez annos já me arrancas...
« Oh minha pobre mãe! vive ella ainda? !...
« Amor fatal! vergonha! opprobrio e crime!...
« Devo vencer-te, e te obedeço escravo!...
« Tanta fraqueza me envilece... embora.
« Eu quero ser amado; eu dera tudo
« Por este amor: a gloria das batalhas,
« Dos meus cantos a gloria; espada e harpa;
« Eu dera a minha vida, e até minh'alma.
« Ouve, mulher: — ninguem te chame douda;
« Não és douda, não és; — convem que sejas
« Anjo ou fada para mim; inventa um philtro,
« Dá-me este amor; em troco mil riquezas
« Dou-te, que as tenho; não respondes?... fala.

A DOUDA

« Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?...
« — Na fronte está me ardendo a nodoa negra!...
« Marca de maldição... signal do inferno!!!

O TROVADOR

« Inventa um philtro, é teu quanto possuo.

A DOUDA

« Tu pedes-me esse amor? a mim? tu mesmo?
« Sou reproba de Deus! sou feiticeira!...
« Ave das trevas... votão-me ao demonio!..
« É castigo do Céo; porque sou fada.

O TROVADOR

« E o philtro?... e o philtro?... »

XXX

A Douda as mãos torcendo,
Cáe de joelhos; correm-lhe dos olhos
Não mais contidas lagrimas; murmura
Com voz balbuciante :
« Eu cedo ao fado;
« Na fronte está me ardendo a nodoa negra!...
« Sou reproba de Deus! sou feiticeira! »

Emfim suffoca a dôr, no seio a encerra,
Dirige-se ao mancebo e lhe responde :

« Sobre teu mal falei com a *Nebulosa :*
« Não tem remedio, que te prestem fadas;
« Nas ondas m'o escreveu, e ella não mente.
« Mas um recurso resta; fraco embora;
« Vou tenta-lo por ti ; nada m'o paga,
« Nem mesmo toda em ouro a natureza :
« Quanto me custa elle, não calculas,
« Basta que o sinta eu, e Deus o saiba!
« Irei falar a essa mulher que adoras ;
« Se a commover... melhor para nós ambos.

O TROVADOR

« Sabes quem seja?...

A DOUDA

« Que não sabem fadas!...

O TROVADOR

« Onde mora ?...

A DOUDA

« Sei tudo; e antes da noite
« Farei por ti o que por mim não ouso. »

XXXI

Da Douda aos pés o Trovador se atira ;
Levanta-o ella, e diz-lhe tristemente :

A DOUDA

« Não te abaixes assim... nem mesmo ás fadas.
« Só ante Deus um homem se ajoelha.
« Ao crepusc'lo da tarde irei ao valle,
« Que tu bem sabes ; falarei com ella.
« Agora eu parto, — que nos foge a lua.
« Adeus !... — Desperta o amor que fala e ouve. »

XXXII

Arpeja o Trovador, emquanto a Douda,
Saltando no batel, maneja o remo,
E vae cortando o mar ao som de um canto.

CANTO III

A PEREGRINA

I

A extrema da enseada e não longinquo
Das brancas praias amplo valle acouta.
Ao mar o esconde penha enorme e longa,
Separa-o da terra alta montanha :
Cobrem-o todo verde-negras selvas,
Em cujo seio pavoroso e tetro
Raro penetra o sol, jamais a lua.

II

Lá n'um recanto do sombrio valle
Um antro a rocha tenebroso alberga.

Petreas entranhas tempo edaz roera,
Cavando assim uma guarida aos tigres,
Que escondidos de dia á noite rompem
Levando ao campo e selva estrago e morte.
Conquista a solidão o esforço humano,
Os tigres prema, que rugindo fogem,
E a crença popular transmuda aérea
Das feras o covil em lar de fadas.

III

Ultima herdeira da sombria gruta
A Douda e mais ninguem nella se abriga :
Tremenda fama despovôa o sitio,
E aproveitando a solidão propicia,
No silencio se obumbra a desvairada.

IV

O sol em pino enverdecia os bosques
Após a noute, em que se ouvirão cantos,
Desses cantos que lagrimas são d'alma :

Envolveu no seu véo a noite umbrosa
Do Trovador o caso infausto, e o voto
Que imprudente jurára a pobre Douda.
Nada revela o que abafárão trevas :
O Trovador se occulta, a rocha é muda,
E á confidente a solidão enubla.

V

Passára a noite, e o sol estava em pino.

VI

Muda e triste a scismar no escuro antro
Horas longas passou misera Douda.
Onde a sombra reinava mais espessa
Sentada se deixou em rasa pedra.
Cáe-lhe pesada a fronte entre os joelhos,
Que as mãos mantêm entrelaçando os dedos;
Com a sombra as madeixas confundidas,
Como um lugubre véo a envolvem toda
Em borbotões de anneis tombando immensas :
Muda, immovel estatua a julgarieis,

Ou corpo inerte que a alma abandonára,
Se anhelito afflictivo não provasse
Em vez da paz da morte a dôr da vida.

VII

É fundo abysmo o meditar sombrio
Em que se engolpha a Douda inconsolada;
No espirito rumina a que fizera,
Generosa promessa : não a enjeita;
Não quebra um voto o coração honesto;
Mas ah ! que assaz no seio este lhe pesa !
É doce pão do espirito a virtude,
E mil vezes tambem pão que se compra
Com lagrimas acerbas ! — Não importa :
Prometteu, cumprirá. No emtanto immersa
Nesse deserto que mudez se chama,
Presa ao tormento seu, esquece o mundo.
Dirieis que de todo introvertida
No coração contempla um triste arcano,
Já extincta esperança, flôr quebrada ;
Tal como infeliz mãe se prende á lousa
Que o filho inanimado eterna esconde
Para chorar a dôr, que é sem remedio.

VIII

Ai misera! por que maligno genio
Que te arrebata em vôos desvairados
A mente que cogita, a sós te deixa
Entregue toda ao coração que sente?...
Ai de ti, pobre Douda! que te queimão
A um só tempo dous fogos seio e fronte:
Este ao menos não dóe-te; que não póde
Julgar damno a loucura alma de louca;
Mas o fogo de amor... ah que dóe muito!

IX

De tão longo scismar triumpha a Douda,
Alça emfim a cabeça e a face mostra.
Que turbilhão de sevos pensamentos,
Dessa infeliz na alma tempesteia!...
Turva e sombria a fronte se lhe enruga,
Como empolado mar que o vento agita,
On irado leão que a juba encrespa.
Em continuo volver rodão-lhe os olhos,
Em cada olhar centelhas dardejando;

E o seio virginal sagrado berço
De um puro amor, que por mesquinha sorte,
Ali mesmo terá tambem seu tumulo,
Arfa, prevendo o funebre destino.

X

Ao declinar do dia ergueu-se a Douda :
Do coração lhe rompe agro gemido,
Primeiro foi ; mas ah ! como arrancado
De um seio, que a gemer exhala a vida.
Serena e balbucia :
« É meu destino !
« Na fronte a nodoa negra está me ardendo ;
« Sou reproba de Deus, sou feiticeira ;
« É castigo do céo ; devo curvar-me. »

Cáe-lhe então a cabeça como ao peso
De tremenda desgraça, e a nivea capa
Toma, envolve-se nella, e deixa o antro.

XI

Ei-la vae : — generoso sacrificio
Misera Douda a consummar se apressa.

Sóbe alta serra, entranha-se n'um bosque
Umbroso e denso ; e quem então a visse
Nessa que alveja roçagante capa,
Com as madeixas tão longas espargidas
E muda e só, de espanto estremecêra,
Qual se encontrára pallido phantasma,
Ou branco genio, que a floresta encanta.

XII

Ei-la vae : já desceu a fundo valle,
Passa além de um ribeiro, e menos alto
Vence outro monte, que palmeiras c'rôão :
Chega-lhe ao cimo, e para baixo olhando :
« É ali ! » murmurou : cáe-lhe uma lagrima,
Quente ainda, que é fibra derretida
De um coração que ferve em fogo insano ;
Com a dextra enxuga do martyrio a filha,
Anima-se e prosegue : a longa marcha
Não a fatiga ainda ; mas no seio
Tanto lhe pesa um desvalido affecto,
Que já seu passo é vagaroso e tardo.
Ao ir sôar do sacrificio a hora,
Hesita o mesmo bravo que não treme,
Quanto mais ella que é mulher e amante !

XIII

Com diadema flammante o sol se ostenta
No throno das montanhas; mais um'hora
E o rei dosastros dormirá tranquillo
Do horizonte no leito nebuloso,
E ao collo ardente das houris de fogo.
A scena é magestosa! atrás e aos lados
Montes severos, cujos dorsos mordem
Torrentes que a bramir se precipitão,
Florestas gigantescas, negras penhas,
E em doces valles placidos arroios;
E ante si vê a Douda um verde bosque,
Donde lhe trazem vespertinas auras
De manacás e de baunilha effluvios.
De mysterios é hora: o bosque fala,
E com o fagueiro sussurrar dos zephyros
Com quem barulhão as bulhentas folhas
Mistura-se das féras o bramido,
Silvos das serpes, estalar de ramos,
Zumbir de insectos, e gorgeio de aves,
Que se despedem do astro moribundo.
E um hymno que entôa a natureza
Da solidão no magico sacrario.

XIV

Viva só pela dôr, morta p'ra o mundo,
E a tudo alheia, vae seguindo a Douda;
Vence o espaço por fim que a separava
Do sitio, altar de barbaro holocausto;
Pára... hesita... reanima-se, e de subito
Nervoso impulso as forças lhe excitando,
Ultimos ramos, que a detem, repelle
Com as mãos trementes, surge da floresta,
E ante um limpido lago immovel fica.

XV

A abobada pomposa da floresta
Quebra-se ali e um lago patenteia,
Que reflecte do Céo a imagem pura.
Onda serena a face enruga apenas,
Quando aos beijos dos zephyros se agasta.
No coração o bosque o lago acouta,
Qual o serralho de um sultão zeloso
A dilecta odalisca, e gigantescas

Em torno alinhão-se arvores soberbas,
Orgulhosas de ver-se retratadas
No crystal puro das tranquillas aguas.
Bordão as margens delicadas flôres,
Que embalsamão o ar doce vibrado
Por mil gorgeios de canóras aves.
A magia do bello o sitio encanta ;
E mais além... no fundo onde viçosa
Macia e nova reverdesce a grama,
Silvestre pavilhão ergue a natura.
De manacás em circulò dispostos
Um grupo vê-se entrelaçando os ramos,
Por entre os quaes enastrão-se em mil voltas
Virentes, delicadas trepadeiras
De verdura eternal forjando um tectò,
Onde flôres sem conta estão brotando,
Como estrellas no céo brilhantes luzem ;
A cupula florida guarda e zéla
De relva um banco — o throno da floresta,
Que só deve occupar a formosura.

XVI

Tinha a Douda volvido em torno os olhos,
Até que os fita no gramineo assento;

Extatica ficou... pasma, contempla...
Dóe-lhe o que vê; mas admira — absorta :
De verde relva no mimoso banco
Por entre as hasteszinhas entraçadas
De bellas flôres, que da verde cupula
Vem cahindo ao acaso vacillantes,
Quaes madeixas de um genio da floresta,
Vê-se n'um abandono voluptuoso
Sentada a meditar mulher ou anjo.
O primor de um cinzel sublime fôra,
Se fôra estatua ; tão formosa é ella !...
Quando póde a mudez quebrar do espanto,
Torcendo as mãos, murmura a pobre Douda :
« Razão teve de ama-la !... »

XVII

A' voz estranha
Ergue-se o bello vulto... um passo avança...
E um abysmo de encantos se revela.

XVIII

Sua estatura é alta e magestosa,
Sem que lhe abafe a magestade a graça.

Quieta face de um lago manso e puro,
Sereno céo de bonançosa aurora,
Eis sua fronta socegada e lisa.
Os seus cabellos longos e brilhantes,
Como da tempestade a nuvem negros,
Em bastos caracóes brincando soltos,
Quando assentada, o collo lhe annuvião :
Tão grande negridão, seio tão niveo,
Em desordem furtando a mil desejos,
É como um chaos que um mysterio esconde :
Olhos negros tambem, de amor são raios;
Tem uma luz que aos corações é dia,
Tem um fitar que á indifferença é morte.
Ao ver-lhe a breve e graciosa bocca,
Suas madonas retocára Urbino;
O bico da trocaz rubor mais puro
Não tem, que os labios seus, nem mais alvura
Que os finos dentes neve crystallina.
Ao cysne do Uruguay não cede em graça
Seu collo altivo e bello, e nem as fadas
A cintura no mimo e delgadeza,
Torneára-lhe os braços genio amigo,
Tão formosos se mostrão! mão de um anjo,
Branca e leve qual penna de uma garça,
Jasmins colhendo por jasmim se houvera;
Niveos dedos corôão rubras unhas,
Quaes hastes de crystal petalas de rosas;

E o lindo pé, que ás vezes se adivinha,
Quando mergulha na rasteira grama,
Invejarião sylphos, que só voão.
Oh ! tão formosa, custa a crê-la humana!
Parece um anjo que baixára á terra,
Anjo exilado da mansão dos justos,
Peregrinando na mansão dos erros.

XIX

Dóe-te a vida que arrasta alma captiva?...
Pesa-te amar debalde?... — não a vejas :
Pede ao Céo que desfira um raio ardente,
Que de uma vez te cegue ; melhor fôra,
Do que vê-la e morrer de amor por ella ;
Quem avio uma vez, não mais a esquece,
Tantas lhe sobrão feiticeiras graças.
O angelico sorrir, que os labios puros
Lhe adelgaça, alvejando eburneos dentes,
É como onda mansinha, que recúa,
E mostra nivea praia; ou como a aurora
Despontando n'um Céo claro e formoso;
Ou como dadivosa uma esperança
N'alma se dilatando. Nos seus olhos
Brilhão talvez centelhas, escapadas

Dessas que Deos raiou, quando nos dias
Da immensa creação, olhando o espaço,
Creou a cada olhar um sol, um astro.
D'ave amante do Céo placido vôo,
De gracioso batel nado suave,
Que ao luar, em deshoras, vae tranquillo
Lambendo a face de dormente lago;
De meigo sonho a idéa preguiçosa,
Que como que se arrasta pela mente,
Que de saudosa o seu fugir demora;
D'harpa sonóra o som, que vae morrendo
Pouco a pouco entre as auras diluido,
Nem ave, nem batel, nem pensamento,
Nem som d'harpa amorosa são serenos
Como o volver dessa mulher formosa,
Quando anda, ou se deslisa pela terra.
Oh! não a vejas, que de amor succumbes.

XX

Oh! não a escutes, que debalde és cégo!
Para matar de amor a voz lhe basta.
Sobeja ouvir o seu fallar mavioso
Para embeber-se n'alma um philtro insano
De indizivel doçura repassado.

É nos seus labios uma phrase um hymno
Desses que aos pés de Deus modulão anjos.
Se entoa um canto... eleva-se da terra,
E a quem a ouve arrouba em doce enlevo;
É sua voz prodigio de harmonia;
E em cada nota resoar se escuta
Alma de genio, e coração de artista.
Subtil perfume de virginea rosa;
Écho nocturno de longinqua flauta,
Que geme aos labios de amador saudoso;
O primeiro — talvez — que ousa tremendo
Pudica virgem conceder ao amante;
Um gemido de mãe, que ajoelhada
Junto á campa do filho idolatrado
Chora saudades; um adeus extremo,
Que em despedida — o ultimo — se dizèm
Já de longe os esposos que se adorão;
Oh! tão ternos não são como seu canto,
Quando falla de amor celeste e puro.
O furor do ciume interpretando,
Raios desprende n'um cantar sublime,
Que o coração em tempestade mostra;
O crime a praguejar é como um anjo
Que o castigo de Deus troveja aos impios.
Terna, sublime, ardente, é sempre a mesma,
Sempre artista feliz, genio inspirado.

XXI

Dobra o mysterio da belleza o encanto,
Seu nome, a patria sua, e d'onde ha vindo
Ninguem sabe : surgio inesperada
Naquellas solidões, qual nos céos brilha
Do astronomo absorto aos olhos longos
Noite primeira incalculada estrella.
Como um arcano no sacrario d'alma
Cerrou depois a vida n'um retiro,
Onde se apraz de se roubar aos homens.
Ali respira amor; mas seus amores
São dous só — harmonias e porfumes;
As aves ama, porque as aves cantão,
Flôres cultiva, porque aromas vertem,
E entre cantos e odores frue a vida.
Ella canta, e cantando se arrebata
Levada em vôos ás mansões do genio;
Não quer louvores, nem modestia inculca;
Canta, só porque vive de harmonias.
Suas vestes rescendem odorosas
Sempre; quando ella passa, após nos deixa
De indizivel fragancia onda suave,
Como vestigio de um passar de fada.

Onde ella mora, desabrochão rosas;
Bella princeza de ridentes valles
Formão-lhe a côrte peregrinas flôres;
Talvez um *ser* de natureza estranha
Vive só de perfumes e harmonias.

XXII

Puderão vê-la astutos componezes
A furto ás vezes na soidão do bosque;
Nunca mais a esquecêrão; do crepusculo
Sabem, que apraz-lhe a hora, e mal descamba
Sobre os montes o sol, já pressurosos
De longe occultos das floridas moitas,
Encantos sorvem com famintos olhos,
Que veneno tambem incautos bebem.
O que primeiro a vê, arfa de gloria,
Aos socios a annuncia; se não sabem
Da bella o nome, um outro lh'inventárão;
De estranhas plagas lembrão-se que é vinda,
E a chamão de concerto a — *Peregrina*.

XXIII

Tão bella creação sempre era humana!
Anjo fôra, e na terra não vagára,
Se, milagroso *ser*, mortal fraqueza
Superando, perfeita em tudo, houvesse
Vencido a lei, que a humanidade acanha.
Oh! inda mal que em corpo tão formoso
Se aninha um coração isento e féro!
Menos bella antes fôra, e mais sensivel!
Do quinto lustro a méta já tocára,
E de amor um olhar... um riso nunca,
Raio d'alma ternura se accendêra
No angelico semblante; era uma estatua,
Marmore toda, coração não tinha;
Ou então flôr do Céo não vê na terra
Cultivador que lhe mereça effluvios;
Divino gyra-sol pende sómente
Para o astro de luz, que é seu encanto;
É no mundo em que vive uma estrangeira,
Nada do mundo quer; é pensamento
De piedade christã, que a Deus se eleva,
Ave altaneira, que despreza os valles,
E vae soberba conquistando as nuvens,

Sumir-se onde não chega a vista humana;
Centelha ardente de sagrada pyra,
Que foge á terra, e perde-se no espaço;
Coração de amyantho, que não arde,
Ou sol, que abrasa o mundo, e não se abrasa.

XXIV

Vacilla a Douda tantas graças vendo,
E uns olhos, que rebentão de ciume
Daquelle rosto arranca exasperada;
Flamma infernal lhe abrasa a consciencia,
E com voz abafada e um rir sinistro
De novo diz : « Razão teve de ama-la !... »

XXV

Attonita ficára a *Peregrina*
A olhar essa mulher, que ali surgira;
Debalde intenta descobrir quem seja;
Figura, vestes, parecer e modos
Estranhos por demais nada lhe indicão;
Espera em vão que fale, e ao vê-la muda,

Olhos fitos no chão, tremendo os labios
A murmurar imperceptiveis phrases,
Approxima-se della, e emfim pergunta :
« Mulher, quem és?... porque buscaste o lago?... »

XXVI

A voz de encanto convulsou a Douda;
Recorda o voto, que olvidado estava,
E treme inda uma vez. Como cumpri-lo?...
Como encarar um rosto e aquelles olhos,
Que em sua formosura o amor lhe matão?...
Como dizer : « Triumpha! é teu, quem amo!
« Sê rainha, e a teus olhos, e aos pés delle
« Escrava eu seja, que, rojando, viva
« A gemer desprezada?... » A miseranda
Hesita, arqueja, e as mãos emmagrecidas
Encruzando no peito, balbucia :
« Ordena-o minha mãe, hoje m'o disse
« Tres vezes no piar de ave agoureira;
« E n'um raio do sol, que entrou na gruta
« Primeira vez, na rocha tremulando
« A sentença dictou-me a *Nebulosa* :
« Na fronte está me ardendo a nodoa negra!
« Sou reproba de Deus!... cumpra-se o fado. »

E de um falso valor subito accesa,
As vistas ergue, a *Peregrina* arrosta...
Mas ah! que além não póde! em desatino,
De um delirio fatal cedendo aos impetos
Deita a correr em deredor do lago;
Suas madeixas pelos ares vôão,
D'encontro aos ramos fere as mãos e a face,
A capa desenvolta, s'espedaça,
Satanico fulgor nos olhos brilha,
E brada enfurecida: « Nunca! nunca!... »
Pára de chofre; uma assassina idéa
N'alma fuzila... volta-se p'ra o lago,
Um salto fórma; mas... pendente fica...
Os braços estendidos... labios tremulos...
Desconcertado o rosto... o seio arfando...
Extatica... pasmada... hirta de assombro.

XXVII

Demonio atroz, que o suicidio inspira,
E só triumpha em mente desvairada,
Ou quando em alma fraca a fé vacilla,
A infeliz, que em torturas se estorcia,
Mostrára insano no profundo lago
Um leito, onde se dorme eterno somno.

Deslumbr'a Douda do descanço a idéa,
A' morte avança; mas no extremo instante,
Em que do abysmo já pendia á beira,
A propria sombra n'agua lhe apparece,
Qual ondina, do fundo, olhando a victima;
Para os braços que estende a desgraçada,
Braços estende mentiroso vulto,
Os movimentos lhe arremeda, e acaso
Afflicção, e terror tambem simula.
Em treda exaltação perdido o esp'rito
A sombra desconhece a Douda, e turbida
No vacillante vulto os olhos crava,
Espanto radiando, e pavor toda,
Té que rendida a impulso irresistivel
Vae curvando os joelhos, mãos encruza,
Desprende a voz, que lhe peára o susto,
E falla á sombra com dorido assento:
« Compaixão! compaixão, ó *Nebulosa!*
« Reconheço-te ahi nas vagas fórmas,
« Como reges o mar, no lago impéras!
« Em toda a parte predominão fadas.
« Curvo-me a teus decretos, não me punas!
« Sou reproba de Deus, sou feiticeira:
« Arde-me a fronte! cumprirei meu voto. »

XXVIII

E uns olhos, que á terra inda prendião
Ciume, e dôr, alonga pela relva,
Té que os suspende a contemplar absorta
Virginea rosa, tão virginea ainda,
Que nem de todo distendera as pet'las.
Algum tempo esqueceu-se mud' a olha-la,
Depois como ao fulgir de um pensamento,
Volve o rosto p'ra o lago, e diz baixinho :
« Curvo-me ao fado ; cumprirei meu voto ;
« Hei de fallar-lhe sem queimar meus olhos ;
« A rosa me ouvirá, e a rosa é ella. »
Depois chegou-se á flôr ; com o branco dedo
Toca as pet'las de leve, e suspirando
Desprende a voz, como um gemido triste,
Triste como da rôla o triste arrulho.

XXIX

« Estas petalas são paginas de um livro
« Que eu leio e comprehendo : feia historia

« Encerrava o botão, que vae se abrindo.
« No coração do valle ao pé do lago
« Ao mundo occulta se abrigav' á rosa,
« Qual vergonhoso terno pensamento,
« Que arde abafado em alma de donzella;
« Mas como os olhos e os sorrisos tráem
« Aquelle meigo affecto, o amor primeiro,
« Que nos véos do pudor esconde a virgem,
« Assim tambem aligeros perfumes
« Os segredos da rosa atraiçoárão.
« Das flôres o falar entendem fadas;
« E a *Nebulosa*, decifrando aromas,
« Fez-me ler, gentil rosa, a tua historia;
« Vou repeti-la; escuta; e vê se eu minto. »

XXX

E prosegue em falar com voz tão doce,
Com tão suave accento, que dissereis
Canto de amores a engenhada fabula.

XXXI

« Nem sempre rosa, linda flôr, has sido
« Nem sempre o mimo do secreto lago;
« De encanto és presa, de vingança exemplo,
« Se agora és rosa, foste já donzella.

« Doces aromas que teu seio exhala,
« Revelão mudos de teu fado a historia;
« Tambem sou maga, e desnudei arcanos;
« Sei que és donzella, e só no aspecto rosa.
« Lembras-te acaso das passadas glorias?...
« Tecêra a graça em tua face um ninho;
« Raios amor nos olhos teus vibrava,
« E contendias formosura aos anjos.

« Na voz as fadas te entornárão philtros,
« Eras do mundo maravilha e assombro;
« Em flôr és menos, qu'em mulher; rainha,
« Se hoje és das flôres, já das bellas foste.

« Muitos te amárão: — juras e protestos
« Deixaste, surda, que a teus pés morressem;
« Deusa impiedosa, só de ti ganhárão
« Desprezo frio, adorações ferventes.

« Nem de um poeta o coração domou-te
« O olhar de fogo, e derreteu-te o gelo ;
« Pobre insensata ! nem sequer sabias,
« O que é poeta, e que missão o alteia !

« Do céo trombeta, que na terra sôa
« Raio do genio, victima da gloria ;
« No céo tem palmas, tem na terra angustias,
« No seio a gloria, e na cabeça o genio.

« Flôr que desponta, quando á natureza
« Com santo amor o olhar de Deus fecunda,
« Predestinado, que aleitárão fadas ;
« Mytho de pranto e fogo : — eis o poeta.

« Impenetravel rocha que desdenha
« A lympha pura, que em seu dorso corre,
« Assim tu foste, desprezando extremos,
« Qu'ardente poeta esperdiçou comtigo.

« Pyra sublime, rescendendo amores,
« Alma de fogo derramada em hymnos,
« Só teve em paga enregelada phrase,
« *Jamais !* — a phrase, que á esperança é morte.

« Dóe-se da affronta o desprezado amante ;
« Transporta o vôo, em que se arrouba o genio ;

« Perlustra as nuvens, esconjura as fadas;
« E a voz lhe acode a *Nebulosa* amiga.

« Primaz das fadas surge de uma estrella,
« Em cujo seio toda em luz se banha;
« Os ares fende, vôa e não tem azas,
« E vai no espaço derramando encantos.

« Profunda a terra e desentranha o ferro;
« Do sol com o fogo, e com celeste orvalho
« Tempera um gladio, que a magia apura,
« E diz ao poeta : « Compra amor com louros! »

« Tu da fraqueza delicado symbolo,
« Flôr qu'embelleces tronco, que te alenta;
« Mulher, escuta : amor de um bravo é gloria,
« E pois qu'és flôr, o bravo seja o tronco.

« Raio é terrivel de victoria a espada,
« Que vibra o amante, louros conquistando;
« Perdidos louros, que os rejeita a ingrata;
« Quebra-se o gladio; e a *Nebulosa* freme.

« Surge iracunda de repente a fada,
« Das mãos do poeta arranca a lyra e vôa;
« Rebenta as cordas, que estalando gemem,
« E outras apresta, que de encanto enchêra.

« Volta, e de novo o magico instrumento
« Ufana entrega ao devotado amante;
« N'alma lhe accende lucida esperança,
« E diz-lhe : « Canta ! que serás amado. »

« Flôr do deserto, que te val perfume
« Se o não espalhão pelo campo as auras ?...
« Virgem formosa ! tu és flor do poeta
« Que em doces cantos eternisa as graças.

« Baldado esforço ! rompe em vão da lyra
« Hymno em que o genio fervoroso avulta;
« Aos ternos cantos não responde a ingrata,
« Ou dura e féra só — *Jamais !* — responde.

« Audaz affronta não supportão fadas :
« Fulgindo irada a *Nebulosa* em fogo,
« Phrases sinistras pronuncia e subito
« O encantamento da vingança opera.

« Gentil donzella, já teus pés se afundão,
« Prendem-se á terra, e tornão-se raizes;
« Já de teu corpo se enverdece a cutis,
« Mudão-se em ramos teus formosos braços.

« Já tomão corpo teus fataes desprezos,
« Espinhos são, e folhas os cabellos;

« É seiva o sangue, é flôr o que era rosto,
« E é rosa agora, quem já foi donzella.

« Ingrata! ingrata! nunca o seio virgem
« De amor o pranto penetrar pudera,
« E hoje, que és flôr, as lagrimas dos sylphos,
« Que orvalho chorão, banhão-te a corola.

« De amor a um beijo nunca ardeu-te a face
« Em rubras ondas de pudor virgineo,
« E ora os colibris, da inconstancia typos,
« E abelhas ageis tuas petalas beijão.

« Triste suspira a tal castigo o amante;
« Move-se a fada, em zephyro o transforma,
« E ind'é suspiro, que é tambem o zephyro
« Pelo infinito um suspirar da terra.

« Alfim triumpha! o desprezado amante
« Zephyro goza deleitosos mimos;
« Tem mil amores, vinga-se da ingrata,
« E a rosa é delle, como as outras flôres.

« Lá vem tão bello precedendo a aurora,
« Que tremem folhas ao sentir-lhe o vôo;
« E tu, qu'outr'ora o desprezaste humana,
« Hoje que és rosa, a teu pezar és delle.

« Com teus cabellos, que são folhas, brinca,
« Beija-te a face, e labios, que são pet'las;
« O amor negado em teus perfumes liba,
« Depois te deixa, e vai gozar mais flôres.

« Nem sempre rosa, linda flôr, has sido,
« Nem sempre o mimo do secreto lago;
« Puniu-te o encanto da primaz das fadas;
« Se agora és rosa, foste já donzella.

« E como as graças murchão da belleza,
« As pet'las murchão da mais leda rosa;
« Tranças alvejão, como as folhas seccão,
« E a flôr s'extingue, como o corpo morre.

« Podião dar-te eternidade as fadas;
« Mas a vingança a *Nebulosa* apura;
« Já se congela a seiva, que te é vida,
« E resequida o teu rubor desmaia.

« Extremo bafo nem perfume' spira
« Secco pedunculo é derradeiro apoio...
« Cahes sobre a relva... vês ao longe o zephyro...
« E, encanto novo, a falla recuperas.

« Clamas: « Piedade! » e o zephyro insensivel,
« Por ti roçando n'um rasteiro vôo,

« E indo outras flôres festejar no bosque,
« *Jamais! jamais!*... sussurrará com as folhas.

XXXII

Emquanto a Douda fabulava, aos poucos
Chegando-se viera a *Peregrina*,
E apenas ao silencio a vê tornada,
Com dulcissima voz assim lhe falla:
« Nem zephyro, nem rosa; um nome escondes
« De uma innocente flôr por entre as pet'las:
« Entendi teu fallar; meu nome é esse;
« Mas a que vens, e quem te manda ignoro. »

XXXIII

Inda a custo ou a medo, inda com os olhos
Pela terra espalhando vagos lumes,
Responde a Douda; mas de ardor crescente
Accendida depressa, erguendo a fronte,
Na *Peregrina* encara e mais não treme.

XXXIV

A DOUDA

Trouxe-me aqui o coração sensivel,
Que se doeu de um pranto mal chorado;
Completo um sacrificio, em que sou victima;
De altar que me devora a pyra accendo.
Quem m'o inspirou, bem sei; não é da terra,
Não a conheces tu, que o não mereces.
Da lua amiga, pelo céo divaga;
Aguia não é, e conquistando os ares
Entre nuvens passeia, como a virgem
Por entre flôres meditando vaga;
De amiantho não é, e nas estrellas
Banha-se em chammas; luz, e não se queima;
Não é da terra, mas na terra ás vezes
Solitaria a scismar vê-se de noite
Mysterios decifrando; é bella, é rica,
No fundo mar tem um palacio d'ouro;
Hei de lá ir... tu não irás, que és féra,
E é força que te odeie a *Nebulosa*.

A PEREGRINA

Que dizes tu?...

A DOUDA

Ella vê tudo; ah! treme!
Tudo vê, e ouve tudo a *Nebulosa*
Incessante velando; ha na magia
Poder, mysterios, supernaes arcanos,
Que á rainha das fadas só competem.
Quando lhe apraz, simula a fórma, ou toma
Do ser que mais lhe agrada, ou mais lhe serve.
A's vezes um favonio vai correndo
Nas azas de anjo que invisiveis vôão,
A devassar jardins, beijando as flôres;
Ah! treme! treme! que o favonio é ella;
E ao grato sopro dobrão-se as palmeiras,
Que ciciando ensinão-lhe os segredos,
Que o silencio occultára á sombra dellas.
A's vezes borboleta, illusões finge,
Confunde faces de rubor tingidas
Com as rosas que ama, e como em desengano
Das faces cahe no seio da donzella

A perscrutar suspiros. Flôr ás vezes,
Sem que o penses a tens nos teus cabellos;
Passarinho do céo; écho d'um canto;
Arroio do deserto; vaga sombra,
Que pallida ao luar surgiu d'um tumulo;
Raio da lua... matutino orvalho...
Etherea exhalação, ou sonho d'alma,
Que te perturba, á meia noite, o somno,
Tudo, tudo é talvez a *Nebulosa*...
Ah! treme, treme della!...

A PEREGRINA

Desgraçada!
Tão bella, e de loucura assim ferida!
Lastimo-te, infeliz...

A DOUDA

Tu me lastimas!...
Oh!... podes lastimar-me!... não! não podes:
Douda me chamão, tenho bem juizo!...
Filha de fada, fada sou; dilecta

Da *Nebulosa*, gozos mil prelibo,
Que lá me esperão no encantado alcaçar.
Mas — quem falla de mim? quem sou, qu'importa?
Que me lastimas, dizes?... oh! pranteia
Antes essa, que a lei sagrada olvida
— Primeira lei de Deus, — e a um tempo affronta
A Deus, que legislou, e a *Nebulosa*.
Mulher, que abusas de fataes encantos,
Teme o raio de Deus, e teme as fadas!
Criminosa! arrepende-te, que é tempo.

A PEREGRINA

Quem criminosa?... eu?...

A DOUDA

Sim; tu não amas.

XXXV

E olhos que amaldiçoão e horror fuzilão
Na *Peregrina* a Douda irada fixa;

E ella por sua vez, tremendo ao fogo,
Que nesse olhar de louca radiava,
Recua um passo e transportada exclama:

A PEREGRINA

Eu não amar!... oh Deus!... eu que no seio
Do mais sublime amor guardo o sacrario!
Eu que vivo de amar... que amor sou toda!...

A DOUDA

Pois tu amas?...

A PEREGRINA

Se eu amo!... escuta; apalpa
Este anhelante peito; sente a força
Com que palpita um coração de virgem;
E de amor a cratéra que referve;
Que santo amor porém!... delle me ufano!...

Tão alto e nobre, que me arranca á terra,
E me embebe no céo; oh!... cem amores
Reunidos n'um só, que é mais que todos.
Amo as flôres, thuribulos mimosos,
Que ao Creador incenso exhalão puro;
Amo as aves, que o bosque, o valle, o espaço
Enchem de doces e ineffaveis cantos;
Amo o rochedo, que namora as nuvens;
O arroio, que serpeia em campo ameno;
A torrente soberba, que desaba;
Amo a briza, que geme no deserto;
A fronte a soluçar manando a lympha;
O prado, o monte, o rio, a serra, e o mar,
Que o infinito arremeda; amo as estrellas,
Mundos fulgentes, que espalhou no ether
O Senhor, e que a luz dardejão pura
Que nelles accendeu o olhar sagrado;
Amo o sol, amo o Céo, a natureza,
Amo o bello — amo a Deus!

A DOUDA

E um homem?...

A PEREGRINA

Nunca;
No homem amo sómente a obra divina;
Inda nelle amo a Deus, e só Deus amo.
Verme do coração, sensual instincto,
Nada sobre mim póde.

A DOUDA

Ave da terra!
Prende-te um laço pelos pés ao mundo,
E as azas bates p'ra vôar aos astros!

A PEREGRINA

No carcere do pó sei que está preso
Meu espirito; embora! os seus anhelos,
Ao menos, livres para o Céo remontão.

A DOUDA

E tu que Deus com tanto amor cultivas,
Acaso ignoras que de Deus aos olhos
É o mais bello altar uma alma pura,
E a virtude o incenso o mais eximio?...

A PEREGRINA

Minh'alma dei-lhe toda; amo a virtude.

A DOUDA

E a gratidão, mulher ?...

A PEREGRINA

Acaba !

XXXVI

A DOUDA

Attende.
Duas fadas n'um antro um dia ouvirão
A estranha confissão do amor mais triste;
Já uma dellas se furtando ao mundo,
Subiu ás nuvens, e no espaço vaga;
Era essa minha mãe: outra inda vive
Votada a um sacrificio aqui na terra.
Genio que ordena, e amor que se holocausta
Arrastão-a a teus pés, e é força ouvi-la,
Que a *Nebulosa* nos seus labios falla.
Sabes, mulher, que o Trovador te adora:
Dez annos, e inda mais de ardente pranto,
De lagrimas a sêde não sacião?...
Oh!... dez annos de amor te não commovem!...
Que provas te não deu?... dize, o que falta?
Hora fatal, ao ver-te a vez primeira,
Não te fallou no extasis, que é alma
Dos olhos a pender, porque não bastão
Ao volcão, que prorompe, a voz e os labios?...
Já te não lembras?.. dize.

A PEREGRINA

Sim... prosegue.

A DOUDA

E as flôres que espargia, onde os vestigios
Ficavão de teus pés?... acaso ignoras,
Que ás flôres ternos beijos precedêrão ?...
E esse respeito temeroso e bello
Com que de longe suspirava a olhar-te?...
É santo amor o que o respeito acanha.
E as juras fervorosas, que vehemente,
Como se a um Deus orasse de joelhos,
Té fez d'amor tão forte, que bastára
A Deus um tal amor?... já te não lembras ?...

A PEREGRINA

Lembro-me, sim.

A DOUDA

És porventura céga?...
Que outro mancebo mais gentil já viste?...
O Trovador é bello! a fronte altiva
É qual sereno céo; se a tolda ás vezes
Nuvem, que a enruga, é pensamento grave
Que a alma enubla; o Céo tem tempestades.
Seu vulto vence da palmeira a graça;
De sol brilhante os raios tem nos olhos,
E no semblante a pallidez da lua.
Fadas o amão! tu, louca, o desprezas!
Quanto por ti ousou, nunca fizera
Amante algum, que extremos inventasse;
Guerreiro deu-te da victoria os louros,
Poeta a gloria de sublimes cantos;
Cantos e louros!... que fizeste delles?...

A PEREGRINA

Forão cantos e louros não pedidos;
Esqueci uns; deixei murchar os outros.

XXXVII

A DOUDA

Não és mulher, não és! no peito aninhas
De féra um coração. Treme! a vingança
Das fadas é cruel. A *Nebulosa*
Protege amor, e a ingratidão castiga.
Genios do ar, os sylphos invisiveis
Por toda parte vagão; treme delles!
Sabes acaso como os sylphos nascem?...
Não sabes o que são?... negros perjurios,
Falsos votos de amor, sacras promessas,
Que as mulheres voluveis quebrão, mentem,
Em sylphos se transformão... ah! são tantos!...
Tantos já, que invisiveis a não serem,
O sol encobririão. Seu destino
É pelo espaço errar, amor vingando.
Treme pois do furor da *Nebulosa*,
Treme! treme, mulher, de irados sylphos!
Dos genios a vingança é, qual a morte,
Inevitavel; nada escapa aos genios.
Impalpaveis gyrando em toda a parte,

No soluçar da fonte um sylpho existe,
No suspirar da brisa um sylpho geme,
E em torno de teu leito aos mil volteião
A preparar-te detestaveis sonhos.
Teme, oh mulher, a *Nebulosa* e os sylphos!

XXXVIII

A PEREGRINA

Já me fatiga esse fallar de louca.
De mais tenho-te ouvido. Volta, e dize
A quem deu-te a missão, que eu sempre a mesma
A seus votos de amor — *jamais* — me dobro.
Longe a esperança! um desengano frio
Leva-lh'o tu, que extinga aquelle fogo
Vero ou fingido, que debalde o queima.
E se a mão do Senhor baixar piedosa
A arrancar-te das garras da loucura,
Mulher, irmã, escuta-me: não ames!
Quando a teus pés um homem curvo, e terno
Jurar amor, chorar pranto de sangue,
Não creias, não, mulher; elle te engana.
As lagrimas são galas da mentira,

E o juramento o manto da perfidia.
O homem é rei, que tyrannisa, e ao menos
A isenção nos garante a liberdade.
O homem que pede amor, merca uma escrava ;
Se agora é flammas todo, em breve prazo
Em gelo se transforma, e desabrido
Ou a despreza sem pudor, ou cedo
Com a indifferença mata-a. Somos flôres,
Que emquanto novas de ornamento servem,
E murchas pelo chão rolão pisadas,
Dá-nos vida o desejo, e o gozo a morte.
Os amores da terra todos morrem
De indifferença ou tedio, afóra aquelles
Mortos pela traição ao pé do gozo,
E do algoz pela mão. O amor do bello,
O amor de Deus sublime, puro, santo,
Esse sim, e só elle, eterno vive
No mundo, e além na eternidade fulge,
As almas que o cultivão perfumando.
Mulher ! irmã ! não ames ! quando ouvires
Juramentos de amor, commigo aprende
A responder — *jamais !*

XXXIX

E arrebatada,
Qual temerosa corça a *Peregrina*
A correr pelo bosque foge rapida.

XL

Ficára a Douda attonita e sorpresa ;
E mal tornando a si, brando suspiro
Escapa-lhe do seio, e diz gemendo :
« Que irei dizer ao misero !...
« Ouvi tudo ! »
Murmura o Trovador com voz sinistra
Surgindo d'entre as arvores : « Terrivel
« Minha sentença foi ; embora : ouvi-a.
« Vai-te, infeliz, e se te apraz ainda
« Ver-me á ultima vez, — na *Rocha-Negra*
« A' meia-noite — adeus ! »

XLI

E tambem elle
Some-se na floresta, emquanto a Douda
Tristemente repete : « A' meia-noite ! »

CANTO IV

NOS TUMULOS

I

N'um recanto afastado e solitario
Daquelles sitios, de florestas virgens
E serranias turvas circulado,
Rompia d'entre o bosque altivo monte,
Que não distante devassava a estrada.
Outr'ora em seu cabeço mãos piedosas
Erguido havião protectora ermida.
O monge que essa luz levára ás selvas,
Ao tumulo baixou ; corrêrão annos ;
Dormiu a fé no coração do povo ;
A incuria religiosa pune o tempo,
E a casa do Senhor vê-se em ruinas.
Pião agouros funebres corujas,
Onde outr'ora orações ao Céo se erguião ;
E o lar sagrado, que os fieis reunia,
De guarida nocturna aos brutos serve.

II

Como na vida humana uma esperança,
Que a luzir e apagar-se nos desvaira,
Um estreito carreiro e tortuoso,
Que surge aqui, e alli desapparece
Para surgir e se esconder de novo
Por entre grupos d'arvores frondosas,
Vai sinuoso terminar-se humilde
Da velha ermida aos pés. Em torno della
Se ufana sobre o monte a natureza.
Vegetação herculea arrosta as nuvens,
D'aurifero diadema ipês c'roados,
Quaes da floresta reis; sapucaeiras
Em coifas côr do pejo a fronte erguendo,
D'espaço a espaço em turmas soberanas
Ostentão força, e em generoso impulso
Parecem, dilatando os longos braços,
Estrenuos proteger tenues arbustos,
Que ao perto humildes crescem. Pela terra
Vêm rochedos rompendo, como dorsos
De elephantes curvados; negras furnas,
Despenhadeiros turvos lá se afundão,
E além brame a torrente impetuosa,

Que as rochas morde e emfim se precipita
No abysmo pavoroso, onde se engolpha
A urrar como um touro embravecido.

III

Sobre o monte no emtanto mal se avista
Por entre os braços d'arvores frondosas
A ermida moribunda. Largas fendas
Suas paredes carcomidas rasgão;
Da torre, que já pende, o campanario
Conquistão parasitas; já tres vezes
Uma após outra vento impetuoso
Do protector telhado arrancou parte,
Que em pedaços e em monte aos pés ficou-lhe,
Ninho prestando a venenosas serpes;
Aves se aninhão em figueiras bravas,
Que no sagrado tecto ousadas crescem,
E as andorinhas de afflicção gaseião
Vendo os filhos de Deus deixar ingratos
Que uma casa de Deus assim desabe.

IV

O tempo que atacára o lar da vida,
Da morte o campo respeitar soubera.
Ao passo que em ruinas cahe a ermida,
Lugubre pateo que a seu lado asyla
Illeso permanece, illeso o tecto
Que cobre rude altar, onde singela
Ergue-se a Cruz sagrada, e illesa ainda
A lampada que exhala a flamma triste,
Unica luz que lucta alli com as trevas :
É da morte a morada ; em longas filas
Os tumulos se ordenão ; breves phrases,
Epitaphios, que a mão de amor gravara,
Nobilitando o pó, os mortos lembrão.
É o alcaçar da morte, e seu ministro
O tempo recuara ante o jazigo.

V

A ermida é solitaria; ha longos annos
Morrêra o monge, que viveu por ella;
Após elle ninguem fugindo ao mundo

Zelar viera a arca veneranda
Esquecida no monte; quem piedoso
É pois que accende a lampada dos mortos?...
Ninguem dize-lo sabe, e o povo credulo
Em conta de assombrada tem a ermida,
E do lar do Senhor foge medroso.

VI

Ardente imaginar, que o medo excita,
Creou fantasmas, pavorosas sombras,
Que vagão pelo monte; á noite, dizem,
Abrem-se as campas, erguem-se esqueletos,
E fóra do jazigo os mortos velão
Passeando ao luar; alguns pretendem
Ter ouvido um gemer, que humano seio
Dos vivos nunca geme, longo, triste,
Sahir do bosque á meia-noite; affirmão
Outros que á mesma hora brancas sombras
Banhão-se na torrente, onde não póde
Chegar um homem sem cahir no abysmo;
Jurão emfim que sempre, ou clara lua
Brilhe no céo, ou brama a tempestade,
Ou vente, ou chova, ou denso o véo das trevas
Sepulte o mundo, vai as noites todas

Um vulto de mulher, que traja vestes
Negras, sinistras, sobre as quaes alveja
Na cabeça a corôa da velhice,
Em cabellos que a neve em côr igualão
Subindo o monte a visitar a ermida;
Que é ella quem renova a luz da lampada,
Que ella é sombra, ou é alma de algum morto.

VII

É noite já; no azul do firmamento
Melancolica lua se annuncia.
Reina o silencio em derredor da ermida;
Só dos genios da noite a voz se escuta;
Vagueia o mocho em solitaria estrada,
Nos leques das palmeiras se embalanção
Sombras da noite a sussurrar queixumes;
É além tudo silencio; é triste a hora,
É hora de mysterios; no jazigo
Arde a lampada funebre, lançando
Vacillantes clarões de espaço a espaço;
Pyrilampo dos mortos, luz propicia
Aos filhos do terror, como que surgem
Nos escuros recantos sombras mudas,
Ou sentadas *nos tumulos* meditão.

VIII

Mas quem, ousado, é esse que se arroja
A penetrar dos mortos a morada?...
Quem é esse que vem lento e sombrio,
Com a fronte curva, os braços esquecidos,
Rubra capa arrastando pela terra,
Ao altar do jazigo?... o que pretende?...
Que busca um vivo na mansão da morte?...
Quem é que vem?... o Trovador?... é elle.

IX

Respeitoso penetra o seio escuro
Do reino mortuario, e vai direito
Aos pés do altar ajoelhar-se, e resa;
E o sussurrar das orações se espalha
Dos tumulos no campo, frio, sestro
Como um apuridar-se de finados.
Orou, e ergueu-se; sempre mudo, e triste
Da lampada expirante a luz anima,
E logo após investigando os tumulos,

Um procura talvez, achou-o... é esse;
De dôr arqueja, e debulhado em pranto
Outra vez de joelhos cahe : piedosa
A fria pedra beija, e soluçando
Com voz entrecortada afflicto exclama :

X

« Oh meu pae!... Oh meu pae, que me fugiste,
« Que a morte me ha roubado, ouve teu filho,
« Que veio dar-te o extremo adeus da vida.
« Não tive flôres que trazer-te á campa,
« Lagrimas choro, lagrimas recebe;
« São flôres da saudade, e brotão d'alma.
« Meu pae! meu pae! se acaso a voz de um filho,
« Repassada da dôr, que rasga o seio,
« Por milagre do amor mais puro e santo
« Póde acordar-te desse eterno somno,
« Meu pae, escuta! mas se o tumulo é mudo,
« E nem te aquece o pó de amor o bafo...
« Oh! que um anjo nas azas da piedade
« A' celeste mansão leve o meu pranto.
« Oh meu pae! oh meu genio abençoado,
« Oh de ternuras fonte inesgottavel,
« Protector vigilante, guia, amigo,

« Pae que me davas maternaes extremos,
« Porque morreste, ou não morrêmos ambos
« Para unidos dormir na mesma campa?...
« Só me deixaste... aqui me tens perdido!...
« Tu te lembras, meu pae, daquelles risos,
« Que nos meus labios respondião tantos
« A teus carinhos? já murchárão todos.
« Tu te lembras daquellas esperanças,
« Que ao ver-me ardente conquistando applausos
« O seio t'inflammavão?... desmenti-as.
« Tu te lembras daquelle ousado arrojo
« Com que ao futuro ufano me atirava
« Sem jámais tropeçar, por ti sustido?...
« Tu me faltaste!... já precipitei-me.
« Oh meu pae!... teu amor forjav' o encanto
« Da minha felicidade, e tu morreste!
« Teu amor, que era immenso como os mares,
« Como o céo bello, fertil como a terra,
« Brilhante como o sol, puro e sublime
« Como um olhar de Deus, roubou-me a morte.
« Meu pae, sem conductor que póde um cégo?...
« Tu eras o meu anjo, e me guardavas;
« Desvairei-me sem ti; paixão nefanda
« Escravo me deshonra; achou-me o inferno
« Sem o meu anjo, e á perdição me arrasta.
« Louco me sinto, e entrego-me possesso
« A um crime... horrivel, derradeiro appêllo.

« Não posso mais com a vida! odeio um mundo,
« Que nas garras me aperta, e despedaça;
« Odeio a terra... não! meu pae, perdoa,
« Eu amo a terra, que teus restos cobre!
« Eu só detesto a vida; em prazo breve
« Desse fardo pesado hei de livrar-me.
« Pela ultima vez o sol no occaso
« Vi-o ind'ha pouco; despontar brilhante
« Não o verei mais nunca; a noite é esta
« Sem termo para mim; a eternidade
« Das trévas abafou-me antes da morte.
« Oh meu pae! oh meu pae! quebra essa lage,
« Abre esse tumulo, estende-me os teus braços!
« Chega-me a ti! reparte com teu filho
« Da paz o leito!... dormiremos juntos,
« Pae e filho, abraçados docemente!...
« Não respondes?... é muda a cinza tua?...
« Não devem misturar-se ossos de um filho
« Com os ossos de seu pae? pois bem; lá em cima
« Prenderá laço eterno as nossas almas.
« Meu pae! meu pae! o extremo adeus da vida
« Recebe de teu filho!... adeus... á terra
« Nada me prende...
« E minha mãe?!»

XI

Tremendo
O infeliz Trovador ergue-se afflicto;
Com as mãos aperta exasperado a fronte,
Amargo pranto verte, geme, arqueja,
Tão preso ao mundo a devotar-se á morte!
Nada iguala as torturas que o trucidão,
Afogado na dôr a custo rompe
O lacerado seio um grito ancioso
E « minha mãe! » e « minha mãe! » bradando
Por entre as campas delirante vaga.

XII

Pela nave da ermida sôão passos;
Murmurão vozes que o cuidado abafa,
Qual conversar de amigos lastimosos
Junto ao leito de enfermo moribundo
Que descansa a dormir. Emfim s'escuta,
Mais distincta que as outras, voz sonora,
Que une a tom senhoril doçura extrema.

« Quero entrar só, a sós orar desejo;
« No atrio ide esperar-me. » Pela ermida
Dos passos o rumor espalha o écho
Que aos poucos vai morrendo, e todo extincto
Reina o silencio ás orações propicio.

XIII

Estranho ao mundo, acabrunhádo ao peso
Dos tormentos horriveis que o devorão,
Sem ouvidos p'ra o som, p'ra luz sem olhos,
Vivo só no soffrer d'intimas dôres,
Infeliz Trovador afflicto vaga
Pelo campo da morte; féra antithese
Alli a mão do acaso está mostrando
Nesse penar de um vivo ao pé dos tumulos,
Onde dormindo tantos nenhum geme!
Quem é que pensa e não desama a vida?...
Quem não prefere esse dormir eterno
Que olvida as máguas todas, aos labores
Da vigilia fatal, que nos tortura
Com o futuro, que as duvidas ennublão,
Com o presente, que barbaro flagella;
E com o passado, vasto mar de lagrimas,
Em que a memoria o coração afoga?...

Inda bem que o Senhor doces amores
N'alma nos accendeu; se elles não fossem,
Seria o mundo um barathro medonho :
São esses laços que sustêm a vida,
E fingem tormentosa a morte placida.

XIV

Misero Trovador! já lhe não resta
Uma, uma só das illusões de joven!
A' força de soffrer cerrado e árido
É o seu coração como um sepulcro
De amores e esperanças! mão gelada
De fortuna cruel mirrou-lhe n'alma
A força e a paciencia : nada espera.
Nada mais quer do mundo insano e fero,
Onde o homem correndo após fantasmas
Abraça a cada passo um desengano.
Pesa-lhe a vida, extremo desvario,
Fatal inspiração do mundo ainda,
Com uma lava de infernal cratéra,
Offusca-lhe a razão, e cégo, e louco,
Nas garras do suicidio Deus affronta.
Ha de morrer, que o decidiu; piedoso,
(Não para si) no tumulo paterno,

Tudo quanto inda tinha de virtudes,
Fé, saudade, esperança, amor, coragem,
N'uma lagrima só derramar veio.
Nada falta. — Oh que sim ! — terna lembrança
Da velha triste mãe, que afflicta chora
Pelo filho perdido, a mente assoma
Desse que a raiva da paixão transvia,
E o degraçado que aborrece a vida
Sente-se ainda encadeiado á terra.

XV

Ei-lo vai anciado e a largos passos
Medindo o campo funebre; uma a uma
Em su'alma revolvem-se as delicias
Que ao maternal amor tantas devêra.
Carinhos lembra que gozára infante;
Celestes risos que pagavão beijos;
Olhos, olhos de mãe nadando em fogo
Ao contemplar o filho; os mil cuidados;
As noites de vigilia repassadas
Em que junto a seu berço como um anjo
Rezava *ella* por *elle:* o som escuta
Da terna doce voz que o está chamando;
Sente a impressão do affectuoso amplexo,

Em que o seio materno ardor e vida
Como que passa ao coração do filho;
Depois de horror tomado, hirto, tremente,
Adivinha essas lagrimas de sangue
Choradas sobre os restos do suicida.
É matar sua mãe matar-se um filho.
O misero o comp'rende, e vivo ainda
Do crime que medita a pena soffre.
Agitado cem vezes tem corrido
O páteo já; a noite é fria, e um fogo
Queima-lhe o seio; o ar é puro, e o triste
Ancia suffocado: mas de chofre
Pára, e immovel os olhos no altar fixa.

XVI

Aos tremulos clarões da luz dos mortos
O Trovador aos pés da cruz distingue
Um vulto de mulher que óra piedosa.
Negras, longas madeixas desenvoltas
Tombão em caracóes sobre as espadoas
Que um leve manto abriga; inesperada
Em horas taes, naquelle desalinho,
Essa mulher, tão só, e alli rezando,
É qual sombra de um tumulo sahida,
E scismando ao luar pallida e triste.

XVII

O Trovador sorpreso a contempla-la
Extatico se deixa; ergue-se o vulto,
E desatando um soluçar magoado
Com as mãos aperta o seio, e dolorosa
Murmura : « Oh! minha mãe! »

XVIII

A voz mal sôa,
O Trovador ardente se arremessa
A aquella amante filha; as mãos lhe toma,
A força a leva junto á luz; encára-a;
E ao ver-lhe o rosto, desprendendo um grito,
Recua um passo, avança outra vez logo,
E exclama : « A *Peregrina!...* »

XIX

O sobresalto
Represa a voz á virgem do deserto;

Trémula e pasma alguns momentos fica,
Té que vai serenando; os olhos volve,
E na cruz do Senhor supplice os fita,
Como a pedir soccorro.

XX

A flamma, o impeto
De indomavel paixão nos olhos fulge
Do Trovador, que fervido devora
Com famintos olhares radiantes
A mulher que idolatra; vôa o tempo...
Do extasis se arranca; cede a impulso
De irresistivel força, a mudez rompe,
O ardor abafa, e diz enternecido :

XXI

O TROVADOR

Inda bem que o sagrado lenho attentas!
Mulher, que me enlouqueces, não compr'endes,

Que essa barreira que entre nós levantas
Só póde ser inspiração do inferno?...
Não vês que a mão de Deus nos approxima?
Aos pés do altar de Deus não vês que estamos?

A PEREGRINA

Um piedoso dever guiou meus passos,
Funebre anniversario hoje me enluta;
Vim chorar minha mãe no altar da morte.

O TROVADOR

Da morte embora, amor o altar aceita.
Comtigo, ó Peregrina, no aureo throno
Do mais alto dos reis, na humilde choça
Do mais pobre pastor, no fundo escuro
Do mais medonho abysmo, encadeiado
Sobre a cratéra de um volcão, nos mares
Solto em fragil baixel, n'um antro horrivel,
N'um palacio, n'um tumulo, mas comtigo
Me julgára no céo, pois que és um anjo!

A PEREGRINA

E no emtanto — *Jamais!...*

O TROVADOR

Oh! não! não digas,
Por piedade, ó mulher, não mais profiras
Da maldição a phrase; nos teus labios
De tão puro carmim amor se aninhe,
E uma lava infernal nunca os descore.
Tu não sabes, mulher, que idéa lugubre
Essa palavra ressicada encerra.
Jamais é o suspiro derradeiro
Que aos ouvidos da mãe, nos braços della
Em seu agonisar exhala um filho;
Jamais é lousa eterna, que p'ra sempre
Esmaga n'um sepulcro uma esperança;
Jamais é do demonio infecto sopro,
Que extingue a luz da vida; é cahos informe,
Em que se perde o coração nas trévas;
Jamais é negro abysmo, onde se apaga

Sacro archote da fé : é morte d'alma ;
É do atheismo inspiração malvada;
É sentença fatal do impenitente,
Que a eternidade vai penar no inferno.
Oh! não digas *jamais*, mulher, não digas!

A PEREGRINA

Um prompto desengano é mais proficuo
Do que falsa esperança.

O TROVADOR

E porque falsa?
Onde acharás amor que ao meu iguale?...

XXII

Transluz a compaixão no olhar da virgem;
Mais perto do mancebo alfim se chega,
E fala, dando á voz um tom que enleva.

A PEREGRINA

Afflige-me esse amor, que te desvaira;
Não t'o posso pagar; mas devo abrir-te
Uma vez, uma só, toda a minh'alma;
Praza ao Céo que esse fogo, ao vê-la, acabe.
Insensivel não sou; a natureza
Um coração me deu, que se arrebata
Aos impulsos de amor; se em flamma ardente
Por um homem meu seio se abrasasse,
Minha paixão o mundo espantaria;
Céga, louca, em delirios me perdêra.
Meu amado a seus pés cultos rendendo
Ver-me-hia sempre em extasis divinos.
Se eu soffresse, occultára as minhas dôres
P'ra não vê-lo soffrer, agonisante
Rir-me soubera disfarçando a morte.
Sempre a seu lado p'ra morrer por elle,
Aos tumultos e á guerra o seguiria
Tão de perto que um golpe ambos ferisse.
Eternamente unidos, nossos laços
Nem a morte quebrára; se a desgraça
M'o roubasse na vida, ás horas mudas
Da lutuosa noite sós iria

Penetrar no jazigo, erguer-lhe a campa,
Tomar-lhe ao lado o meu lugar de esposa,
Unir os labios meus aos seus de gelo,
Fogo emprestando a seu cadaver frio,
E estreitada com elle em terno amplexo
Expirar entre lagrimas e beijos.
Se em meu amor porém trahida eu fosse
Uma vez... meu furor... oh! nem pensa-lo!
Toda a paixão se tornaria em odio,
E igual a ella atroz fôra a vingança!
Do amante e da rival no sangue impuro
Saciára um ciume enfurecido,
E insepultos deixando seus cadaveres
De pasto ás féras, tombaria exanime,
Ao rebentar o coração de raiva,
Ao som das maldições de um mundo estulto,
E votada por Deus ás negras furias.

XXIII

Redobra a chamma que devora o seio
Do infeliz Trovador; luzem-lhe os olhos:
Respira a custo da paixão nas ancias,
E trasbordando a alma em labios tremulos
Da Peregrina aos pés se atira, e brada:

O TROVADOR

Dá-me pois esse amor!

A PEREGRINA

Jamais! — jurei-o:
Votei-o a Deus; que o não merecem homens.

XXIV

Levanta-se o mancebo; exasperado
As vistas crava no formoso rosto
Da Peregrina; nunca mais brilhantes
Na presa os olhos embebêra um tigre!
Raio infernal scintilla; mas sublime
Doma a virtude a inspiração satanica,
E o Trovador o peito comprimindo,
Diz a tremer:

« Ingrata! ingrata! eu te amo,
« E tu me matas, se este amor não pagas!... »

A PEREGRINA

Jamais ! jamais ! quizesse embora amar-te,
Prendem-me juras, e a razão m'o inhibe.

XXV

Segue um silencio de momentos breves
Dado aos combates intimos do espirito.
Anhelito afflictivo ao peito escapa
Do Trovador ; medita triste a virgem,
E um instante depois suspira e fala.

A PEREGRINA

Fui o genio do mal que transviou-te
Da estrada onde fulge a luz da gloria.
Mas ah ! não te busquei. Dóe-me o teu fado ;
Sou a flamma innocente a que se arroja
O louco insecto que procura a morte.
Mancebo, nunca mais na vida possas

Ver outra vez quem motivou teu damno.
Vou fugir-te, e p'ra sempre; ouve no emtanto
Na minha historia o funebre segredo
Da insenção que jurei. És o primeiro
Que assim me escuta; devo-te esse indulto.

Meu pae não conheci; remorso e lagrimas
O berço annuviárão da innocencia
Em que juntas dormirão, gemeos fructos,
De um desgraçado amor, duas meninas.
Inda encerradas no materno ventre
Já nos marcára do infortunio o sello.
Quando, ao nascer, a um tempo dois vagidos,
Eu e mais minha irmã soltámos, logo
Com sinistro piar, presagio infausto,
Agoureira coruja respondeu-nos.
De sangue o laço, um nome de familia,
Élo das gerações nunca tivemos.
Era de um crime nossa mãe a victima,
E o opprobrio seu na solidão sumindo,
Só vivia por nós, morta p'ra o mundo.
Seu pae morrêra aos golpes da vergonha,
E com potente voz na extrema hora
Bradára: « Ingrata! a maldição te deixo!
« Morrerás desta dôr que me assassina,
« Das filhas a deshonra ha de matar-te! »
Esta idéa fatal pungindo eterna,

Seu coração de mãe angustiava.
E em troco, vezes mil, de nossos beijos
Nos afogando em lagrimas, tremente
Entre as suas as mãos nos comprimia,
E em soluços clamava: « Oh ! minhas filhas !
« O amor dos homens empeçonha as virgens,
« Oh ! não ameis ! *jamais !* »
Volvem-se os annos;
O ardor da mocidade; o viço, as graças
Em nós fulgindo, a mãe zelosa inquietão;
Temendo o ocio, o tempo que sobeja
Ao religioso ensino dôa ao culto
Das letras e das artes; no sacrario
Da solidão que habita nos encerra
Como Vestaes no reservado templo;
Mas embalde, que a furto os camponezes
Virão-nos já no placido retiro,
E de uma vã belleza a fama espalhão.
Ah! pobre mãe ! redobra os teus cuidados,
Que nublado horizonte já troveja,
E imminente annuncia a tempestade.

Aos seus dominios que demorão perto,
Nobre e rico senhor joven faustoso
Inopinado chega ; os cantos sôao,
Fervem as festas, jogos e prazeres;
E ao clangor das trombetas, e aos latidos

Dos cães tremem florestas invadidas
Por incançaveis caçadores. Menos
A corça então amedrontou-se aos échos
Dos tiros que no bosque reboárão,
Do que o materno coração que augura
A' prole horrivel damno. Esquiva foge
Ao convite que as festas a provoca,
E mais esconde as filhas como as folhas
Na tempestade a sensitiva cerra.
Mas pouco a pouco os regozijos cessão;
Reina o silencio no palacio, outr'ora
Pelas funcções ruidoso, e solitario
Vive o joven senhor negado a todos.
A subita mudança o povo admira,
Que a principio a murmura e logo a olvida.
O socego renasce e os dias correm;
Ah! não tarda porém que no semblante
Da irmã transborde um sentimento occulto.
Seu olhar vaga attonito, perdida
A's vezes fica em magicos enlevos,
E sempre só, á mãe e a mim se furta.
Se cuidadosa inquiro-lhe o que soffre,
Ou não responde ou suspirando corre.
Gemo por vê-la assim, e a toda parte
Sigo-a de manso p'ra velar por ella.
O arcano emfim desnudo; era uma tarde,
Oh! que sinistra foi! a irmã buscando

Entro no bosque, e á margem d'um regato,
D'um sassafraz á sombra a seus pés vejo
Transportado um mancebo; ambos s'espantão
Ao ruido que faço, o amante foge,
E ella em meus braços cahe desfeita em pranto.
Ouço a historia de amor, — foi como todas; —
Quero mostrar o abysmo a que se arroja
A desgraçada, ai della! estava céga.
— Sabes tu a quem amas?... lhe pergunto;
— Um simples camponez bello e modesto,
Que teme ver desmercer-lhe extremos
A pobreza que a vida lhe amesquinha. —
— Precautela-te, irmã! torno-lhe ainda;
Raro se esconde no mysterio a honra;
No amor do camponez agouro insidias. —
— Elle me adora! — Intenta seduzir-te.
— Não, que jura ser meu. — Seus juramentos
São artificios perfidos. — E o seu pranto?...
Ha quem minta chorando?... — O riso, as lagrimas
Sabe tudo fingir a face do homem. —
Ah! debalde falei; estava surda;
Só escutava amor; só de amor cuida;
Tudo me conta, e impõe logo um segredo
Que sellou com seus beijos nos meus labios.

O que mais succedeu já tarde o soube.
Um dia ás horas em que o sol descamba,

E o crepusculo da tarde a terra encanta,
Minha irmã, que a paixão não mais reprime,
Arrojada penetra o bosque insano;
(N'alma em que ferve amor não ha prudencia.)
Do sassafraz sentada á sombra espera
O amante que já tarda; sem que o pense,
Em doces devaneios se arrebata,
E sonha sem dormir; subito accorda
De susto a um grito; e os espantados olhos
Lançando em torno, a um lado vê o amante,
Que a espingarda ajustando a fronte pallida
Vai desfechar um tiro, e d'outro horrivel
Monstruosa serpente erguendo o collo
Prestes a dar o salto sobre a victima:
Era a morte a seus pés; de pavor cheia:
« Soccorro! » brada, o tiro se despede,
A serpe se espedaça, e inda aterrada
Do amado aos braços a infeliz se atira.
O delirio completa a obra do medo;
Sussurrão auras de um profano beijo,
Fere no seio outra serpente a vigem;
E ultrajado da pureza o anjo
Geme fugindo e perde-se no bosque.
Misera irmã! surgiu-lhe ao pé do do crime
Logo o remorso, e prestes o castigo.
O falso amante a mascara tirando
Do horrivel seductor a face mostra;

O simples camponez despe a pobreza,
E do joven senhor as galas traja.
A infamia se consumma; quando a victima
Do peito arranca mais crueis gemidos,
Entoão cantos festivaes convivas
Do feliz seductor, graças louvando
Da rica herdeira, que o hymenêo lhe entrega,
Do consorcio fatal rebenta a nova,
Qual raio que fulmina; a irmã desmaia,
E quando em nossos braços torna á vida
(Antes logo morrêra) estava louca.
Viveu um anno em dôr sem lenitivo
Até que Deus emfim se amerciando
Dessa martyr de amor, fez della um anjo,
Qu'ao céo o vôo alçou; misera douda
Reconquista a razão ao pé do tumulo,
Terna me chama.... chega-me aos seus labios,
E murmura a chorar : «Irmã! não ames!
« O amor dos homens empeçonha as virgens;
« Oh! não ames.... jamais! » e nos meus braços
O alento derradeiro exhala e morre.

Ah! mal pude chorar a irmã querida!
Fôra o golpe tremendo; enferma e velha
Não lhe resiste a pobre mãe : frenetica
A maldição do pae recorda, e ou véle,
Ou durma, na vigilia e em sonhos clama :

« Morrerás desta dôr, que me assassina;
« Das filhas a deshonra ha de matar-te! »
E uma noite, prevendo o ultimo transe,
Manda que a leve ao tumulo da filha;
Chega, prostra-se, e óra; após erguida,
Brilhante, fixo olhar febril me crava,
E desprendendo a voz convulsa, fala:
« Eu morro! ella me chama... e tu me perdes;
« Quero salvar-te ao menos; de joelhos!...
« De joelhos, oh! filha, e sobre a lage
« Que os restos cobre dessa triste martyr
« Jura de tua irmã pelo cadaver,
« E pelo meu, que a morte já presinto,
« Jura, sim, que *jamais* nem leve esperança
« Darás de amor a um homem; jura, ó filha! »

Prompta me ajoelhei; e sobre o tumulo
Da irmã a dextra impondo, fiz solemne
O austero juramento; um grito d'alma
Rompe de minha mãe; «*Jamais!*» exclama,
« *Jamais!* » e d'improviso cahe sem vida.

XXVI

Toma um soluço a voz á Peregrina,
E inunda a face doloroso pranto,

Como o orvalho do céo rocia um lyrio;
Mas logo a dôr suffoca e já tranquilla
Serena erguendo a fronte assim prosegue :

A PEREGRINA

Eterno luto aos olhos meus vestirão
Da minha infancia os campos; fugi delles;
Quebrado tinha a morte os laços todos,
Que á terra me prendião; patrio solo
De horrendo sacrificio altar infame
Servira a um seductor, e inda saudades
Chorou-me o coração deixando o berço,
Onde infantis me despontárão graças!
Venço longinqua marcha, e alfim descubro
Socegado retiro, em que me esconda,
A elle me acolhi, buscando o olvido;
E em solitaria vida esqueo mundço o,
Homens esqueço ou temo, e só me lembra
Da irmã, que expira, a voz em despedida,
Que tremula murmura: « Irmã, não ames;
« O amor dos homens empeçonha as virgens!
« Oh não ames! *Jamais!* » e o juramento
Tambem me lembra dado sobre um tumulo,
E saberei cumpri-lo até que morra.

Ouviste a minha historia; um laço funebre
Prende meu coração a dois cadaveres:
Deixa-me agora, Trovador, e foge,
Que *jamais* ha de amar-te a Peregrina.

XXVII

Presa aos labios da virgem se deixára
Com os olhos longos a alma do mancebo,
Que a historia lhe escutou enternecido,
E só ao termo, quando a vê chegada,
Lhe torna tristemente:

O TROVADOR

Insanos casos
Enlutárão-te a vida, ó Peregrina,
Pr'a o mundo aborrecer razão te sobra;
Mas não punas em mim crimes alheios!
É santo o meu amor!...

A PEREGRINA

E o juramento?

O TROVADOR

Fatal delirio precursor da morte
Juras forçadas validar não póde.

A PEREGRINA

Embora; hei de cumpri-las; devo, e quero.
O amor dos homens empeçonha as virgens,
E mais sublime um outro amor me exalta.
Da terra, em que sómente a dôr provára,
Meus sentidos alcei ao céo piedoso;
Vi na contemplação o que não vira
Na vida tormentosa; concentrei-me
No mundo intimo d'alma, e seus thesouros
Pouco a pouco explorando, embeyecida
O mais profundo, ardente, e bello, e puro,

Brilhou-me o amor de Deos; oh! sou ditosa!
Deu-me esse amor beatitude e gloria.
Vi dos olhos de Deus ao almo fogo
A vida rebentar na immensidade,
E encher a terra, o mar, o espaço, os astros.
Vi no seio de Deus, como em seus olhos
O infinito na luz, no amor, na graça;
Vi Deus, a perfeição, o bello eterno,
Todo se dando aos gozos de minh'alma:
Goza-se Deus, e o gozo não fatiga,
E no extasi o gozo beatifica.
Em supremas delicias, Deus amando,
Toda no amado seu se embebe a alma.
É um fogo este amor; mas não devóra,
Eleva-nos ao céo antes da morte.
É o nó sagrado de hymenêo divino,
Que ao meu amado e meu Senhor me aduna.
É Deus o esposo que a pureza vela
Da virgem que em celeste amor se abrasa;
Quanto mais pura mais esposa é ella,
E eu sou pura! sou delle! a Deus só amo!

O TROVADOR.

Mais que nunca te adoro, ó *Peregrina!*
Rutilas como un anjo sacras flammas;

Mas vê que sem que o penses Deus offendes.
Não das virgens só as alvas frontes
Que cingem c'rôas da divina graça;
Tambem Sara e Rachel, tambem Rebecca,
Flôres são do Senhor, e ledas fulgem
No excelso paraiso. A sacra chave
Que abre as portas do Céo é a virtude,
Fonte de amor sublime; Deus acolhe
Ao seio a virgem como acolhe a esposa,
Se a virgem como a esposa é digna delle.
Vem! sê minha! sê minha, ó *Peregrina*!
Vem ao templo sagrar eternos laços
Que a Deus são gratos, e a pureza applaude;
Cumpre a lei do Senhor dobrando o collo
Ao amor, que é do mundo luz e vida.
Ser — filha, — esposa e mãe, eis o destino,
A triplice missão que á mulher coube.
Deus abre a flôr p'ra annunciar o fructo,
E faz que exhale amor em seus perfumes!
Oh! *Peregrina*! attende, é Deus que ordena;
Abranda essa isenção! amor me paga!...

A PEREGRINA

Jamais! *Jamais*!

O TROVADOR

Escuta : hora solemne
É esta p'ra nós ambos. Não simulo
Ardores falsos ; tenho n'alma o inferno,
E um negro pensamento a obumbra toda.
É solemne esta hora, e nella é força
Que ou a morte me dês ou f'licidade.
Sem ti não quero a vida ; o mundo é órco
Horrivel, se a esperança em nós se apaga ;
E as esperanças todas tu resumes,
Que me raiavão tantas ! sim, decide ;
Algoz ou anjo, fala : ou mata ou salva.
Ah ! desejo viver ! salva-me, ó anjo !
O teu amor póde encantar-me a vida,
Como aos labios o riso, aos céos a aurora,
E o teu desprezo ao barathro me atira.
Não vês como te adoro ?... nestes olhos
Não falão chammas ?... nestes labios tremulos
Não falla a convulsão ?... no macillento
Já descarnado rosto a dôr não fala ?...
Não fala mais que tudo esta demencia
Que á perdição me arrasta ?,.. ó *Peregrina !*
Nem mesmo eu sei com que paixão te adoro !

Não é da terra, não, que eu sinto nella
A eternidade que é dos céos a essencia;
Do céo tambem não é, que a vejo ás vezes
Em raiva transformada, e a raiva é crime.
Oh! talvez que ella seja o amor do inferno,
Se desprezo invencivel... não, não deves!
Amo-te muito! não serás ingrata.

A PEREGRINA

Assim falava o camponez fingido!

O TROVADOR

A traição com a virtude não confundas.
Aqui, no altar de Deus, vem que eu te juro
Dedicar-te com amor a vida inteira.
Pelo sol que aviventa a natureza,
Por minha honra emquanto vivo, e morto
Por minha alma que aspira á eterna gloria,
De meu pae pelas cinzas que me escutão
Do tumulo em que jazem; pelos seios
De ternura e de amor fontes sagradas,

Onde infante bebi materno leite,
Por Deus emfim! por Deus que lé nas almas,
Por Deus que a meu favor agora impréco,
Juro-te amor profundo, infindo e santo.

A PEREGRINA

O camponez fingido assim jurava!

O TROVADOR

Oh! paga-me este amor!

A PEREGRINA

Jamais!

O TROVADOR

É muito.
Basta, que é muito já; de ti me aparto

E te deixo, mulher, atroz remorso.
És meu algoz, podendo ser um anjo!
Ainda uma palavra — a derradeira, —
E depois nunca mais vivo has de ver-me;
Que morto... póde ser! — não creio ao menos
Que este amor esfriar consiga a lousa,
E talvez minha sombra triste... pallida
Venha seguir-te na mansão da vida;
Então não a maldigas... não me odeies
Na eternidade já. — Adeus! eu parto;
Minha misera mãe desamparada
Na terra fica em afflicções submersa,
Peregrina, consola-a! tu que és causa
De lhe morrer a prole, se puderes
Chora com ella, que nos transes d'alma
O pranto só se adoça com outro pranto.

A PEREGRINA

Tanta fraqueza n'um christão é crime.

O TROVADOR

Falas em crime, tu?... mas ah! qu'importa?...
Sim, criminoso sou; sondei o abysmo,

Onde as furias que esperão o suicida
Garras estendem já ; sou criminoso !
E eterno, como o amor que inspira o crime,
De minh'alma o tormento ha de punir-me.
Que destino fatal ! paixão nefanda !
Vivo, esse amor que o seio dilacera
Pelo mundo me lança exasperado,
Qual reprobo Caim que errante vaga
Da maldição de Deus seguido sempre ;
Morto, esse amor atira-me ao demonio,
Que em horridas torturas me flagella
Sem acabar de atormentar-me nunca !
Mulher, triumpha ! a perdição cumpriu-se ;
Já uma alma de mais deve-te o inferno.
Teus encantos, mulher, insidia occultão,
De flôres são um perfido tecido,
Que a bocca escondem de medonho abysmo
Em cujo fundo a morte aguarda a presa.
Accendeu-te satan o olhar de fogo,
Como tu, tambem olha a serpe ás vezes !
No rir dos labios teus philtras veneno,
E em teu doce falar canta a perfidia ;
Toda inteira és traição, frio egoismo,
Mentira, hypocrisia ! eu te abomino ;
Mulher, que me perdeste, horror me causas !
Eu te detesto... vai-te — foge... — oh !... pára !...
Não fujas, não ; perdôa ao desvairado ;

Peregrina, eu te adoro, muito! oh, muito!
Sempre, cada vez mais, não me repillas;
Peço-te a vida... a vida... eu quero a vida!...
Amor!

A PEREGRINA

Jamais! jamais!

XXVIII

E d'improviso
Das mãos do Trovador, que aos pés lh'estava,
Arrança a virgem mal seguras vestes,
E veloz, do temor nas leves azas,
Do mudo páteo arrebatada foge.

XXIX

Ergue-se rapido o infeliz amante,
E, qual após a vida, corre presto
Da virgem fugitiva em seguimento;

Das campas através cégo se atira,
N'uma lousa tropeça, e cahe sobre ella,
Fere a cabeça (tinge o sangue a pedra),
E ainda no desmaiar « amor! » exclama.

XXX

E em vez de amor, « jamais! » responde o écho.

XXXI

Da noite as brisas e o celeste orvalho
Chamão á vida o misero mancebo.
Pesada a fronte ergueu; apalpa em torno,
E encontra a lousa e pó; sinistra idéa
Em sorrir de ironia se transforma,
D'alma passando aos labios; pó e lousa!
Irrecusavel fim da humanidade,
Da raça humana desengano certo!
A lousa! o mudo asylo do cadaver,
Umbral da eternidade, arca do olvido,
Escura porta de um mysterio immenso!
O pó! o corpo do homem, que o homem pisa,

Plebéa origem da creação vaidosa,
Miseria que o pastor e os reis irmana,
Nada tremendo, que é da vida o *tudo!*...
A lousa e o pó — a eternidade e a morte!

XXXII

Os olhos inda turvos lança em torno
O infeliz Trovador ; na dubia mente
Vão-se as idéas ordenando aos poucos
Como do inverno nas manhãas nublosas
De um mar de cerração, que o sol desmancha,
Surgem montes agora, logo outeiros,
Ilhas verdes n'um lago côr de prata.

XXXIII

Só, isolado na mansão da morte,
Quasi no chaos das trévas engolphado,
Pois que apenas soluça triste lampada
Vacillantes clarões de luz de angustia,
Como arrancos finaes de um moribundo,
O Trovador medita ao pé de um tumulo,

E sobre as campas que ao redor se alinhão,
Sentinellas do pó, ficções dos vivos,
Pelos póros das lousas traspassando,
Melancolicas velão mudas sombras.

XXXIV

O meditar sem luz é sempre amargo;
São todos côr da noite os pensamentos;
No emtanto irreflectida a alma se deixa
Da tristeza levar, qual flôr mimosa
A torrente, em que cahe, se abandonando
Arrebatada vai, onde ?... nem sabe...
Talvez a um antro, que devora as flôres.

XXXV

Longa hora passou, e inda scismando
Se olvida o Trovador; mas na capella
Outra vez se ouvem passos ; pelas fendas
De arruinadas paredes, fraca embora,
Vem uma luz adelgaçar as trévas;
Ao estranho ruido os sonhos d'alma

Espantão-se, o mancebo volta ao mundo,
Ergue-se e attenta do jazigo a porta.

XXXVI

Um vulto de mulher visita os mortos,
E é qual refere a tradição do povo;
Traja negros vestidos, seus cabellos
Da idade o gelo embranquecêra todos,
E uma lanterna, que sustem a dextra,
Aos pés, que arrastão já, mostra o caminho.
Tinha o povo razão, não mente a crença;
Eis quem accende a lampada funerea;
Mas será sombra ou alma de um finado?...

XXXVII

Procura embalde o Trovador conter-se;
Presto e violento o coração palpita;
Não póde — vai; ao vê-lo approximar-se
O vulto pára, e firme espera; um passo
Apenas entre os dois medeia agora;
Lanterna, que se ergueu, luz no semblante

D'um e d'outro a um só tempo, e cahe por terra;
Morre a chamma; dois gritos se desatão;
« Meu filho ! ! ! minha mãe ! ! ! » solução ambos
Mãe e filho abraçados ternamente.

XXXVIII

Emfim triumpha o coração do pranto;
Perdura ainda o agonisar de lampada,
E esses clarões de longo espaço accesos
De amor aos olhos são riqueza agora.
Onde chega mais luz os dois se ajuntão,
E como louca embevecida a velha
Sem falar (que a sorpreza a voz lhe toma)
Vai com as tremulas mãos palpando o rosto
Os cabellos, os olhos, seio e braços
Do amado filho, que tambem não fala;
Os vestidos lhe beija, as mãos, a fronte,
E de novo a chorar bânha-se em lagrimas,
E o abraça outra vez, e afaga e beija.

XXXIX

Alma cheia de amor quer mil caminhos,
Em que do affecto as explosões trasbordem;
Não basta o pranto, a voz se desenlaça.

A MÃI

Meu filho! és tu, meu filho amado?...
Tu voltas a meu seio?.. . o Céo te manda?...
Oh! meu Deus, que fiz eu p'ra valer tanto?!...
É meu filho! elle mesmo... vive ainda!
Oh! dez annos de ausencia! — e tu não falas?!
Fala! o nome de mãe sôe em teus labios;
Quero ouvir tua voz... preciso... quero...

O TROVADOR

Oh! minha mãe! melhor do que os meus labios
Não te responde o pranto que derramo!...
Minha mãe!...

A MÃI

Sim... é elle... a voz é delle!
A voz do filho amado! basta: agora
Não falles mais... escuta-me sómente;
Deixa esgotar as fallas de dez annos,
Que em silencio sem ti passado tenho.
O coração, tu sabes, ficou mudo,
A ninguem mais ouviu, ninguem o ouvia.
Ah! porque me fugiste?... onde é que fôras,
Que amor como o de mãi achar pudesses?...
Filho! filho! uã mãi... (só mãis o sentem)
É o symbolo do amor mais puro e santo,
Amor que nunca esfria e sempre avulta,
Qualquer que seja o tempo, o transe, o fado.
Extremosa, nem vê do filho os erros;
É feliz só com a dita de seu filho;
Só desgraçada se a desgraça o fere.
Se um crime o nodoou, mesmo no crime
Ama-o sublime, desdenhando o mundo;
Que tem com o mundo? o crime, que lh'importa?
Lá no Céo está Deus p'ra perdoa-lo,
E ella na terra para amar seu filho.
E pudeste fugir-me?... assim dez annos
Esquecer tua mãi? ingrato! ingrato!...

O TROVADOR

Ah! minha mãi! perdão!...

A MÃI

Quero eu punir-te?
Punir-te quando voltas aos meus braços?...
Sentes que has sido ingrato? amo-te em dobro
Agora que volveste arrependido.
Abraça-me outra vez; oh! são dez annos
Perdidos sem beijar meu caro filho!
Dez annos vôão do prazer nas azas;
Quando os dias porém conta a saudade,
Os instante são annos que se arrastão.
Custão muito dous lustros de amarguras!...
Vê os vestigios seus; olha, meu filho,
Aquellas negras tranças anneladas,
Enlevo de teu pai, não vês grisalhas?
Na dôr envelheci, c'rôa-me a neve.
Aquelle esbelto corpo onde a magia
Da graça scintillou, não vês curvado?

Tronco velho, quebrou-me a tempestade.
Olha...

O TROVADOR

Não mais; que ralão-me os remorsos!
Leio meu crime no materno aspecto.
Sou maldito de Deus! tinha em meu seio
Sagrada flôr que Deus alli plantára,
E plantei ao pé della a flôr do mundo.
O seio me envenena a flôr profana,
E seus effluvios miasmas são pestiferos;
'Stá profanado o seio; eu sou maldito!
Esqueci minha mãi, sou réo de infamia,
Sou maldito de Deus, sou condemnado!

A MÃI

És meu filho! por mim Deus te perdoa.
Que temos com o passado? elle é dos mortos;
O futuro é do Eterno, e a f'licidade
No presente inebria as almas nossas.
Perpetuemos, filho, esta ventura;

Nunca mais féra ausencia nos separe,
E p'ra sempre lançado ao chaos do olvido
Esse funesto amor...

O TROVADOR

Ah! que o despertas!...
É um flagello d'alma que incessante
A vida me attribula; é negra sina;
Mão de fogo que dilacera o seio,
Iman da maidição que attrahe-me ao crime;
Esqueleto fatal que se mascara
De anjo com o rosto, e n'um gelado amplexo
Em seus braços de ferro me suffoca;
Embora!... inda esse amor póde em mim tudo!
E embalde o tento, seus grilhões não quebro.

A MÃI

E has de fugir-me?...

O TROVADOR

Minha mãi, perdôa!
Pelo que faz o louco não responde,
E é loucura este amor: tremendo golpe,
Sinistro, embora, inevitavel sendo,
Cumpre dispôr o animo a soffre-lo;
Hoje, amanhã, inesperada, é certo
Que a morte chega a todos nós um dia.
Não é desgraça a morte, é paz eterna;
Não te exasperes pois; morreu-te o filho;
Este que vês aqui é sombra delle.
É viver esperar, — eu nada espero, —
Já não vivo, só falta entrar no tumulo.

A MÃI

Ingrato filho! assimd a mãi te esqueces?...
Assim tu me abandonas?... Deus piedoso!
Ai! vou desamparada errar na terra,
Enferma e velha, sem que um braço tenha
A que me arrime nos cançados annos!

Morta, os olhos ninguem virá cerrar-me,
Nem rezar por minh'alma ao pé da campa!
Quem dirá que sou mãi e tenho um filho?...
Ingrato, dei-te a vida e tu me matas!
Oh!... tua mãi!... que já te amava anciosa
Antes mesmo que a luz visses do mundo,
Invisivel sentindo-te no seio!...
Que por ti vezes mil volvêra os olhos
De uma esperança dubia para a morte,
Do seio para o tumulo volvendo-os!
Que ao teu nascer a dôr provou suprema;
Que a teu grito primeiro a alma tremeu-lhe;
E a teu primeiro rir chorou de encanto!
Que vivia de olhar-te, e a cada instante
Com seus beijos o rosto te inundava;
Que feliz por te amar, sempre extremosa,
Deu-te o seu leite; que te déra a vida,
A propria salvação, nada pedindo,
Ou só pedindo affagos e sorrisos!...
Oh! filho! e tu me esqueces? tu me deixas?
Queres morrer... matar-me? e por quem morres?
O olhar de uma mulher estranha em tudo,
Talvez um riso ou phrase astuciosa
Mais que o materno amor merece e póde!...
Féra contradicção! vil natureza,
Que faz de um filho amado um filho ingrato!...
Detesto essa mulher!... e tu commigo

Aborrecê-la deves!... sim, maldita,
Ella que te despreza e que me usurpa
Um coração meu só! és meu!... gerei-te!
Meu filho, ella te odeia, eu te idolatro!...

XL

Da *Peregrina* a barbara esquivança
Sem o golpe medir a mãi recorda;
E as phrases soão n'alma do mancebo
Como o tinir dos ferros e cadeias
Aos ouvidos do afflicto prisioneiro;
Assoma-lhe com a dôr impia demencia,
Olvida a mãi que chora, e truculento
Nas garras do delirio estrebuchando,
E os dentes a ranger, responde em furia.

O TROVADOR

Eu sei que ella me odeia, e eu amo ainda!
A sorte foi lançada, o inferno ganha.
Vês, triste mãi, a lua tão brilhante
Que no Céo se deslisa? vês na extrema

Do horizonte a montanha que negreja?...
É esse o abysmo em que se afunda a lua :
E esta noite (a sentença está lavrada),
Quando no seio da montanha escuro
A lua s'embeber, hei de embeber-me
No mar tambem, que açouta a *Rocha-Negra*.

A MÃI

Meu filho !...

XLI

Era arrancado das entranhas
Esse brado de mãi; mas de repente
Some-se a lua atrás de negra nuvem,
E a lampada, exhalando extrema flamma,
Extingue-se de todo; afflicta a velha
Ia entre os braços agarrar o filho,
Mas na sombra perdida cede ao instincto,
Corre á lampada... embalde... reinão trévas.

XLII

O Trovador aos impetos do affecto
Vaga de novo em torno dos sepulcros;
Vive ainda ou nem vive, qu'insensivel
Tomado de uma inercia irmã da morte
A poucos passos cáe sobre uma campa,
E sentado a sorrir um riso féro,
Que bem coubera aos labios de um possesso,
Nada vê, nada escuta e nada cuida.

XLIII

Em vão a infeliz mãi procura o filho;
Brada por elle, e só responde o echo;
Ululando a correr estende os braços
Para nas trévas apanhar o ingrato,
E só trévas abraça; arrebatada,
Talvez longe suppondo o desgraçado,
E sem que a idade lhe demore os passos,
Rompe rapida em marcha desabrida,
Furiosa, terrivel como a tigre,
A quem um caçador matára a prole.

CANTO V

A MĂI

I

A noite se adianta ; dorme a terra ;
Inflammado batel, no Céo resvala
O espaço abrilhantando argentea lua ;
Chorão as nuvens lagrimas de orvalho,
E as auras que bafejão perfumadas
Da terra um doce respirar simulão,
Que serena dormindo sonha amores
Embebida na luz propicia ás fadas.

II

Sobre collina que avassalla em torno
Valles formosos de eternal verdura,

D'entre os bosques assoma, rindo aos bosques,
Da solidão princeza graciosa,
Do deserto ufania, linda casa,
Que aos clarões do luar candida alveja.
Em roda e pelo outeiro se desdobrão
Jardins, cujo cultor só planta e zela
Flôres, que odor exhalão; nos arbustos
Aves se aninhão sonorosas todas:
Perto murmura somnolento arroio,
Onde se espelhão leques de palmeira,
Que ao bafejar dos zephyros balanção.

III

A noite se adianta; dorme a terra;
No solitario lar, flôr da collina,
Doce repousa placida innocencia:
Na habitação da paz o somno é facil.

IV

Insolito labor de um dia acerbo,
Do jazigo a visita, a scena ardente

Representada á face dos sepulcros,
Triste lembrança da materna perda,
Tudo convida a Peregrina ao leito.
Ah! que nem sempre ahi mora o socego,
Que delle sequioso o vivo espera;
Nem sempre varre d'alma um somno amigo
Os cuidados que a vida vão mirrando.

V

A casa do deserto é casto albergue
Em que morão sómente moças virgens;
Formão donzellas côrte á Peregrina,
E em perfumes e cantos engolphadas
Fruem alli o nectar da virtude.

VI

Mas é noite; em seu manto de papoulas
A's donzellas acolhe um brando somno.
Em vasta sala que as janellas abre
Para o remanso de escolhidas flôres,
Descança a Peregrina; em doces ondas

De perfumes fagueiras vêm as auras
Brincar com as télas de virgineo leito;
Da mãi de Deus a imagem sacrosanta
Em aureo quadro á cabeceira pende;
Dorme feliz a candida donzella,
E das roupas finissimas e brancas,
Sob as quaes lindas fórmas se desenhão,
Um collo, que no alvor supera a neve,
E um rosto divinal surgem formosos,
Onde estão os encantos pullulando
Através das madeixas atrevidas,
Que soltas vão pousar no seio e face,
Nublando graças que paixões accendem.
Um braço nu, que das cobertas foge,
Typo de perfeição meigo se dobra,
As télas conchegando ao niveo seio,
Instincto de pudor, inda no somno.
D'uma janella aos zephyros aberta
Vê-se no Céo a lua, e a lua affavel
De luz derrama enchentes sobre o leito,
Contemplando, qual anjo adormecido,
Immersa a Peregrina em seus fulgores.

VII

Ella dorme, e é tão leve o seu alento,
Que ao peito foge e esvae-se imperceptivel,
Como se esvae das rosas o perfume.
É da innocencia o halito suave,
Que pelos labios de carmim se exhala.
Dorme feliz...— Mas subito vacilla;
Contrahindo-se vão da face os musculos,
Treme-lhe a dextra sobre o peito, e aos poucos
Crescendo a inquietação, começa o transe;
De anhelito cruel arfa-lhe o seio;
Gottas borbulhão de suor na fronte;
Espalha-se no rosto o espanto, ou medo,
Perdem os labios o rubor; os braços
Pela afflicção debatem-se agitados;

VIII

Mas que é o sonho?...—A's vezes vã chimera,
Brinco da fantasia, o sonho é nada;
É a illusão, que o accordar dissipa
Como o fantasma d'impalpavel fumo,

Que ao impulso das brizas se desmancha;
Mas ás vezes tambem emquanto inerte
Ao somno o lasso corpo se abandona,
Em lucidez pasmosa a alma accendida
Como que invade do futuro as raias,
O successo prevê, que é longe ainda,
E denso véo rompendo arrasa e mostra
Arcanos que profundo esconde o fado.
Eis o sonho; um mysterio indecifravel,
Que o sabio não resolve, e Deus reserva.

IX

A Peregrina sonha : — treda fada
De feio aspecto e faiscantes olhos
Praguenta e má vociferando horrores,
Na camara penetra e avança ao leito;
Com as musculosas mãos, qu'aos poucos tomão
Medonhas proporções, crescendo enormes,
Pelas madeixas que enriçára o medo
Agarra a Peregrina; um grito solta,
Sinistra imprecação ao longe echoa,
E de poder satanico inspirada
Através da janella invade o espaço;
Condor do inferno pelos ares vôa,

(Obliquo vae seu corpo) e o braço estira
Pelas tranças levando a Peregrina.
Negra era a noite ; um ar pesado e quente
Da arrebatada presa o peito ancia.
A fada vôa sempre, rompe as nuvens;
Onde não sobem aguias, sobe altiva ;
Novo brado desprende, o mundo treme,
Brame um trovão, um raio se desata,
Na longe terra divisada apenas
De assombroso vulcão luz a cratéra,
Que em torrentes vomita rubras flammas ;
Desencadeia a tempestade as furias,
Precipita-se a fada em vão rugindo,
As vestes desenvoltas o ar suspende,
Com os vermelhos cabellos ouriçados,
E os pés p'ra o Céo, e a fronte p'ra o inferno,
Cáe no volcão, que ao devora-la estoira,
E a mergulha nas fervidas entranhas,
Sulfuroso vapor lançando ás nuvens.
Fulge, logo no Céo brilhante a lua,
A natureza bonançosa esplende;
Mas tomada d'encanto irresistivel,
No espaço abandonada, a Peregrina,
Suspensa como um astro, permanece.
Baixa os olhos á terra : — o mar se estende
Immenso, e entre mil rochas uma avulta
Alta e tão alta que topeta as nuvens,

De cujo cimo contemplando as ondas
O Trovador (é elle!) a morte invoca.
Perto e onde mais clara a praia alveja,
Da Peregrina a sombra, qu'impalpavel
No chão se projectava, pouco a pouco
Lavantando-se vae como um phantasma
E immovel fica; exasperada velha
A breves passos ululando mostra
Na rocha o Trovador: vôão nos ares
Anjos mil em desordem commovidos,
E suspensa no espaço, olhando, a virgem
Vê n'um dos anjos o materno aspecto;
Elles e a velha em lagrimas desfeitos
O rochedo apontando á sombra fallão,
Salva-o! clamando, e a sombra fica immovel;
Vae dar o Trovador o salto horrendo,
Estrebucha de dôr a Peregrina,
E á propria sombra grita — *salva-o*! — e ainda
A sombra não se move; ao mar se arroja
O mancebo; — *maldita*! — os anjos bradão,
E esse que a virgem pela mãi tomára,
Vôa, na quéda o Trovador suspende,
Leva-o nas azas e p'ra o Céo remonta;
Em medonho dragão torna-se a velha,
A' sombra se arremessa e a despedaça,
E como se em seu corpo os golpes fossem
Atrozes garras sente a Peregrina

Retalhando-lhe as carnes; fundo abalo
Revolve a natureza... estrondo enorme
Arrebenta; do Céo estala a abobada,
E por entre as immensas fendas jorrão
Chammas em borbotões, e chovem raios:
Lua, estrellas no pelago se affundão,
É tudo horror, e horrorisada a virgem
Desperta em ancias, arrancando um grito.

X

Tremula e cheia de pavor, os olhos
Volvendo em torno temerosa ainda,
Procura os seres que a dormir sonhára;
Menos afflicta emfim do leito se ergue,
Aos pés da mãi de Deus ora fervente,
Encommenda-se a elle, a imagem beija,
E mercê da oração tranquillisada
Volta de novo e ao somno se abandona.

XI

No sonho inda reflecte alguns momentos,
Ligeiros, curtos, porque facil dorme;

Mas outra vez o espirito agitado
A mesma, toda igual, já vista scena,
Aos olhos lhe figura : — a fada horrivel, —
O volcão que a devora, o Céo brilhante.
A sombra, a rocha, o Trovador e a velha,
Os anjos, d'entre os quáes n'um reconhece
Da mãi defunta o rosto compassivo,
E no meio do horror, que tudo abysma,
Accorda ao echo de apressados golpes,
E de um gemer pungente de agonia,
Que do lar solitario á porta soão.

XII

« Batem, senhora ! »

A PEREGRINA

Mas quem é ? tão tarde !..

« Uma triste mulher que chora e grita.
« É desgraçada ou louca ; ouvis, senhora ?...
« De novo bate, e com dobrada força. »

A PEREGRINA

E que pretende?

« Entrar e já falar-vos. »

A PEREGRINA

Dizes que chora?

« Oh! muito! exasperada
« Não sei que seja; ou se perdeu no bosque,
« Ou algum malfeitor matou-lhe o filho,
« Que a tentar defendê-la... »

A PEREGRINA

Abre-lhe a porta;
Traze-a depressa, e deixa-a só commigo.

XIII

Rapida e em sobresalto a Peregrina
Toma um leve vestido, e quando intenta
Da nocturna visita assustadora
Ao encontro ir correndo, arrebatado
Na camara penetra um negro vulto,
Que se lançando a ella como em furia :
Mal respira
« És tu ?... és tu ?... » pergunta.
A Peregrina, e treme aos olhos tendo
A mesma velha que nos sonhos vira,
No parecer, na idade semelhante,
Nos vestidos tambem, no olhar de chammas,
Nos modos e na voz... em tudo a mesma.

XIV

A MÃI

És tu ?... responde ; és tu ?... depressa falla !
Ah ! não vês que um momento hoje perdido

Póde a vida custar do amado filho?...
A lua está voando! ..

A PEREGRINA

Oh! Deus! que sonho!...

A MÃI

És tu a Peregrina?...

A PEREGRINA

Sim

A MÃI

Pois corre!
Vem commigo... que esperas?... tu resistes?...
Pois não tiveste mãi?... mãi que te amava?...

Que p'ra não ver-te morta déra a vida?...
Oh! depressa... eis a lua... está voando...
Sempre tão tarda, tão veloz agora!
Oh! meu filho!... corramos, Peregrina,
Por teus pais, por tu'alma, por teu anjo!...
Tem compaixão de mim!...

A PEREGRINA

Nada compr'endo...
Não sei quem és, nem sei o que me pedes;
Vejo que soffres; mas quem és?... responde.

A MÃI

A mãi do Trovador...

A PEREGRINA

Oh! sonho! oh! sonho!

A MÃI

É tempo... corre...

A PEREGRINA

Onde?

A MÃI

A' Rocha-Negra.
Não sabes que é dalli qu'o amor infausto
Nas ondas afogar comsigo intenta
Infeliz Trovador?...

A PEREGRINA

Oh! sempre o sonho!
Meu Deus, se acaso foi celeste aviso,
A mente me aclarai!

A MÃI

E as horas fogem !
E a morte se approxima e tu não corres!...

A PEREGRINA

Amanhã...

A MÃI

Amanhã... a eternidade!
Mulher fatal, não te condóe meu pranto!...
Pobre velha, ai de mim! só tenho um filho...
Riqueza, gloria, luz, vida, esperança,
Tudo, tudo que é meu consiste nelle;
— E esta lua que vôa!... — oh! Deus eterno,
Uma hora sequer detem a lua! —
Ah! suffoca-me a dôr... nem sei que digo!
Peregrina, meu filho a ti se prende!

Morre por teu rigor... sou mãi... piedade!
Já me roubaste o seu amor... qu'importa?
Faze-o viver, e seja teu sómente...
Salva-o! salva meu filho... ó Peregrina!...

XV

Entre o receio e a compaixão vacilla
A formosa donzella, e angustiada
A pobre velha mãi as mãos lhe aperta,
E olhos onde fuzila o desespero
A despeito do pranto que os inunda
Como os raios do Céo na tempestade,
No rosto lhe cravando, aos pés se atira
Da Peregrina, e de joelhos clama.

A MÃI

Eis-me aqui a teus pés, ó minha filha!...
Não me levantes, não; só p'ra seguir-me.
Vês-me chorando?... estanca-me estas lagrimas;
Pódes querendo em risos transforma-las!
Tu és virgem christã, porque o não fazes?...

Recorda a propria mãi quando me olhares!...
Quem soccorre a velhice a Deus venera.
Sou mãi, sou velha... deves ser piedosa.
Está no teu poder salvar meu filho,
Anjo no rosto, cumpre sê-lo n'alma...
Oh! salva-o! salva-o!... que serás meu anjo.
Escuta : elle jurou ao mar lançar-se,
E ha de fazê-lo, que o jurou... não tarda
Fatal prazo sinistro! — e a lua, a lua!
Ella avança, e com ella avança a morte!
Compaixão, Peregrina!... não me attendes?
Ai misera de mim! mãi sem ventura...
Não me escutas, mulher? de mim não falo...
Esmaga embora com teus pés meu rosto,
Insulta as minhas cans, fere o meu peito,
Despreza a velha, ri das minhas rugas;
Mas condóe-te da mãi! sou mãi! piedade!...
Quero meu filho!... sim!... meu filho amado!...
Escuta a religião... ouve a virtude...
Ouve os anjos do Céo que estão bradando:
Salva-o! salva-o!...

A PEREGRINA

Assim bradavão anjos
« No meu sonho tambem! »

XVI

Accesa em raiva
Ergue-se a afflicta mãi qu'em vão gastára
Tantas preces e lagrimas; dardejão
Odio e vingança os olhos seus agora,
E em delirio e furor convulsa exclama :

A MÃI

Tigre qu'o aspecto de mulher simulas,
Tigre no coração, matas meu filho!
Ei-lo na *Rocha-Negra*, ao pé da morte
Inda saudoso o nome teu murmura;
A mãi olvida e só de ti se lembra,
De ti, que ouvindo tanto inda não choras!...
Ei-lo que fita no horizonte os olhos...
Some-se a lua... o misero não treme...
Volta-se e diz extremo adeus ao mundo...
—Adeus, meu filho!... — foi d'um salto ás ondas...
Morreu! minha esperança o mar submerge;
Tudo... tudo acabou! — ah! nem me é dado

Chorar sobre o sepulcro de meu filho !
Do infeliz o cadaver insepulto
Já os peixes carnivoros devorão,
Emquanto colhes tu da vida as flôres!
O escarnado esqueleto á praia ignota
Arroja o mar em ondas de desprezo,
Emquanto te sorris de gloria aos sonhos!
Pois bem, mulher, triumpha, zomba e mata;
Mas treme, que não dorme a Providencia
E é certa sempre a punição do crime.
Quando no somno tormentoso vires
Embalde a bracejar com féras vagas
Em ancias de afogado te afogando
Um mancebo infeliz, treme, que é elle!
Quando em deshoras e ao luar formoso
Frente a frente de ti por toda parte
Do bosque á beira, em solitario campo
Ou á porta do lar sinistra, immovel,
Vires pallida sombra melancolica,
Será elle outra vez! — ou dia ou noite
A dormir ou velar constante sempre
Verás do Trovador a imagem triste
Teu crime a recordar, e a morte sua;
Foges?... em vão o fazes; rezas?... choras?...
Já tarde vêm as orações e o pranto;
Em vão... em vão... não acharás piedade;
Quando em lagrimas toda, as mãos cruzadas,

De joelhos cahida, a alma nos labios
Ao Céo, á sombra, a mim perdão pedires,
Dos remorsos na voz o Céo falando,
Gemendo a sombra em sussurrar de brisas,
E n'um grito de morte e de vingança
A mãi baixando ao tumulo — em mutuo accordo
Hão de em resposta unisonos bradar-te :
« Sê maldita!... »

A PEREGRINA

Maldita!... oh! não foi sonho,
Foi a voz do Senhor em somno ouvida!

XVII

Como n'uma alma em reflexão submersa
D'entre duvidas mil surge a verdade,
Que a mente esclarecendo espanca os erros;
A lua, qu'encobrirão densas nuvens,
De repente brilhou n'um Céo mais limpo,
Toda terra envolvendo em luz suave;
Ao senti-la estremece a mãi, que a teme,

A' janella se lança, e clama : « A lua !...
« Lá vai... sempre a vôar ! »

XVIII

No entanto afflicta
Recorre a Peregrina á Santa Virgem ;
Ajoelha-se e reza ; acaso embora,
Ou milagre do Céo que talvez fosse,
Então da lua um raio mais brilhante
Vem reflectir na sacrosanta imagem ;
Da Mãi do Salvador resplende o rosto,
Onde respira o amor dos infelizes,
Um não sei que de divinal influxo
De seus olhos lampeja ; o quadro é mudo,
Mas parece falar nos seus fulgores.

XIX

Subito ergueu-se em pranto a Peregrina.
Inspirada do Céo o ardor a exalta,
Comprehendeu o falar da Mãi do Eterno,
É toda amor e compaixão sua alma,

E á triste velha qu'inda impreca á lua,
Exclama soluçando : « Deus o manda !...
« Eia ! corramos ! salvarei teu filho. »

XX

A noite já vae alta; o bosque mudo
Não resôa ao cantar d'aves canoras ;
Erma estrada arenosa alveja á lua,
E as arvores frondosas que a ladeião,
Como a espelhar-se em transparente lago
Retratão-se mercê de luz e sombras
Em crivos de mil raios sobre a areia.
Como ao luar se ostenta a natureza !...
Mais vale assim que ao sol resplandecendo :
Quanto se póde ver bello se mostra,
E o que s'envolve em sombras, se adivinha
Talvez mais bello do que o fôra aos olhos!
Tal a modesta pudibunda virgem,
Qu'em dobro encanta quando um véo a eclipsa.

XXI

É tarde; é hora em que o silencio reina,
Hora de somno e paz, em que na terra
O amor, o crime e a dôr sómente velão.

XXII

Mas quem são essas duas que tão tarde
E tão velozes agitadas correm?...
Uma de vestes negras march'á frente
De cançaço offegando e de amargura;
De branco outra vestida soluçando
A' veloz companheira segue perto;
Vão como loucas ambas pela estrada
Que leva ao mar; os olhos levantados
Fitos os tem na lua, que serena
Vae no Céo resvalando indiffereten
A quanto soffre o mundo que esclarece,
Como féra belleza foge esquiva,
Insensivel a amor qu'inspira e olvida.

XXIII

Ai miseras! são ellas; a extremosa
Mãi tribulada, que rebenta em ancias
Ao só pensar na perdição da prole,
E essa da solidão donzella ingrata,
Que tantas esperanças extinguira,
E que sómente arrependida agora.
Vai — tão tarde! — a correr salvar o amante,
E talvez, infeliz, chegar tão tarde!
Ah! mal de ti, nem compaixão mereces;
Por teu rigor foi a desgraça urdida;
És causa deste mal, e o Céo te pune;
Mas esse coração, que ahi vae chorando,
Ah! ess'alma de mãi!... Deus a sustente;
Não podem homens, não; morte de um filho
Consolações não acha em seio humano;
Dôr, que devora a mãi que o filho perde,
Eterna punge e não se apaga nunca;
É talvez o infinito na agonia,
E só Deus o infinito comprehende.
As lagrimas das mãis recolhem anjos,
Ao Céo pertencem; que as tornou sagradas
A Virgem, tambem mãi, aos pés vertendo-as
Do Deus homem no Golgotha expirando.

XXIV

Ei-las vão; fazem dó!... quiçá prevendo
O esforço inutil da violenta marcha,
Já não sustêm o pranto que as inunda;
A moça vezes cem as mãos encruza,
Pedindo a Deus que de um remorso a livre;
Volve do Céo á terra de continuo,
A velha então, coitada, os olhos doudos
Do Céo vendo o que resta á lua celere,
E da terra o que falta a seus pés tardos,
Que tardos são, embora corrão leves,
Para levar a tempo a vida ao filho.
A's vezes de um cruel resentimento
Cedendo ao vivo impulso, olhar sinistro,
Vesgo olhar, onde luz vingança e furia,
Vae arrojar á Peregrina, e ao vê-la
Como ella a correr, chorar como ella,
Em borbotões de lagrimas se affoga.
A's vezes n'alma afflicta assoma a idéa
De prostrar-se no chão e a Deus orando
Pedir que a mão potente a um leve aceno
Suspenda o curso ao barbaro planeta,
Que ao filho ha de apontar da morte o prazo;

Mas não pára; rejeita o pensamento
Que uma demora impõe; reza correndo,
Entrecortando ás orações soluços.
Oh! que horriveis, tremendas agonias
Aquella estrada erma esconde ao mundo!
São duas agonias — velha e moça,
Mãi e amada — desgraçadas ambas.

XXV

A dôr redobra o lugubre silencio,
Que só gemidos quebrão; correm mudas
As duas infelizes, como ovelhas,
Que se esquecêrão do curral amigo,
E tarde fogem do pavor nas azas,
Escutando o bramir da onça faminta.
Uma phrase sequer não trocão ellas!
Uma palavra só d'alma esperança
Não tem, não balbucia a Peregrina,
Tirando alentos da illusão de instantes.
E que dirá a triste mãi?... não corre?...
Que mais fará?... não faz de mais tão velha?...
Lá vae... sempre em silencio; a longo espaço
Exclama apenas com bradar pungente:
« Meu Deus!... a lua!... » e a lua não a escuta,
E em seu nado sereno as nuvens rompe.

XXVI

Quanto da noite o astro mais avança,
Mais augmenta a affliccão que despedaça
Aquelles corações; e já bem perto
Da montanha fatal que negrejava
Na extrema do horizonte a lua brilha.
Pouco falta a vencer da noite a lampada,
E muito de caminho ás duas falta.

XXVII

Com olhar que desvaira o desespero,
E de terror desconcertado o rosto,
Inquire a velha o espaço limitado,
Que entre a lua e a montanha inda medeia.
« — Dous palmos só!... » exclama angustiada,
Convulsos tendo os braços, que estendêra.
Com a bocca aberta devorando os ares
Pela estrada veloz se precipita
Como douda a fugir, e em tal carreira
Mal póde acompanha-la a Peregrina,

Que, delicada e fraca, em vão deseja,
Azas de amor de mãi nos pés não acha.

XXVIII

Lá vae! misera velha! as negras vestes
Despedaçadas já em tiras vôão;
Brancos cabellos pelo vento erguidos
Na rapidez da marcha se desfraldão;
Oh! quem a vira assim, turvo o semblante
Pela dôr contrahido, os olhos rubros
De chorar, e em tão grande desespero,
De assombro e de piedade se exaltára.
Que horror de vulto, e que belleza d'alma!...
Fôra uma furia, se não fôra um anjo.

XXIX

Ai! nada mais! metade já no tumulo
Sua extrema esperança está descida;
Tocou a lua da montanha o cimo,
A terra pouco a pouco se annuvia...
Resta só baça luz... mais um momento...

Velha e moça sustêm-se, e horrivel grito
Ambas a um tempo soltão : — Desgraçadas !
A esperança acabou ! sumiu-se a lua.

CANTO VI

HARPA QUEBRADA

I

Dos sabbados a noite as fadas amão;
Vagão então mais livres e atrevidas
Dos maleficios a colher o fructo.
Nadando pelo ar, sylphos agora,
Salamandras depois do Céo no fogo
Em meteoros igneos lampejando;
Ondinas finalmente em claro lago
Na torrente ou no mar dansando á lua,
Dos sabbados a noite as fadas amão.
E então, ai do mortal que as vê, que as sente,
Mesmo de longe em duvidosa fórma;
Qual miasma, subtil o maleficio
Corrompe o sangue, o coração perturba,
Antes que este palpite emane aquelle:
Ninguem lh'escapa; em toda parte existe;
Nos vestigios que deixa em fina areia

A fada que passou; na branca espuma,
Que uma onda que foge, e outra que avança
Ao s'enlear borbulhão, como a rir-se;
No ruido de uma aura da floresta,
Que simula a gemer perdida virgem;
No silvo de uma serpe, ou no mugido
Da catadupa, que desaba ao longe;
No môcho, que no trilho ermado, á noite
Piando agouros lugubre vagueia;
Na luz qu'entorna a lua, no das flôres
Halito embalsamado, em tudo paira,
Respira, geme, ou ri, se esconde ou fala
Nas noites da cabala o maleficio.
Repelle idéas taes o sabio incredulo;
Mas das crenças o rei, o povo as ouve,
Nos sortilegios crê, receia as fadas.

II

De um sabbado era noite; na enseada
Uma barquinha só vagar não ousa;
O pescador mais bravo foi trancar-se
Na humilde choça ao lado dos filhinhos,
Que tremulos de medo e boquiabertos
Da mui sabida avó, a quem rodeião,
De magias escutão longa historia.

III

Gigante de granito debruçado
Sobre o mar, que a rugir mesmo em bonança
Vem a seus pés quebrar-se, a *Rocha-Negra*,
Turva sinistra e núa ali campeia.
É o feio senão do ameno sitio,
Que luz aos raios de encantada lua;
É n'um Céo de jasmins nuvem de chumbo;
É n'alma de um christão atro remorso;
É o terrivel maculando o bello;
É o esqueleto no banquete egypcio:
Gemido, que perturba o rir da festa;
Realidade, que evapora os sonhos;
Throno da morte na mansão da vida;
Phantasma da enseada — a *Rocha-Negra*.

IV

Já se approxima da agonia o prazo;
Não tarda a *meia-noite*, hora tremenda;
De horrivel sacrificio altar medonho,

A *rocha* ergue-se alli, fria, impassivel;
O mar, que será tumulo, tranquillo
Dorme, certo da presa, resonando;
Chronometro da morte, algoz funesto
Que o funebre momento apontar deve,
Vae placida no Céo brilhando a lua.
Altar, algoz e tumulo estão promptos;
Falta a victima só : ei-la se mostra.

V

Do Trovador o vulto magestoso
Surge na praia, e sobre a *Rocha-Negra*.
Nua traz a cabeça, e em dom ás brisas
Dera os cabellos bastos e anelados;
Purpurea capa em dobras cáe do braço,
Como de um vencedor romano a toga;
Serena, altiva fronte ao Céo levanta,
Nos olhos brilha a flamma do delirio,
E em ondas de fulgor se ateia o rosto;
O passo é gracioso, nobre e ousado,
Qual o do bravo, que a victoria acclama,
Subindo o carro triumphal da gloria;
O braço que enroscada envolve a capa,
Curvo deixa que a mão pouse na ilharga;

Abraça o outro a companheira e amiga
Harpa, socia de amor, do vate esposa,
Que em silencio reclina-se mimosa
No hombro daquelle que lh'entende as fallas;
Assim garboso e radiante avança,
E ao cimo do rochedo chega e pára.
Como um conquistador, que rei se c'rôa,
Por sobre a multidão que o victoria,
Grave olhar de senhor despede ufano,
Elle volvendo em de redor os olhos
Com os labios enfeitados de um sorriso,
Desses que aos labios dos heróes pertence,
Contempla o Céo, depois o mar e a terra,
Té que altisona voz desprende, e clama :

VI

« Vão theatro da vida, alfim deixei-te!
« Eis-me pisando o umbral da eternidade.
« Mansão das illusões, mundo! estou livre,
« Aguia do inferno, o cysne te assoberba.
« Salve, morte piedosa! eterna amiga,
« Que enxugas sempre do infeliz o pranto;
« Vingança do opprimido, audaz recurso,
« Anjo da gloria, que corôa o genio,

« Inimiga do mundo, que arrebatas
« Das garras desse tigre nobres victimas;
« Abysmo em cujo fundo a paz habita,
« Salve, doce mysterio! salve, ó morte!
« Calumniadora vida em vão pintou-te
« Hediondo esqueleto: — a vida mente! —
« Tu és pallida virgem compassiva,
« Que de uma vez a dôr n'um sopro acabas;
« Enviada do Céo, soltas o espirito,
« Que em carcere de pó escravo geme;
« Aos teus olhos de amor iguaes são todos;
« Em teu regaço que o socego aninha,
« É tão doce o dormir, que quem lá dorme
« Não mais desperta p'ra soffrer de novo;
« Ave serena, que em silencio vôas,
« Em tuas azas vão prender-se as almas
« Que dos valles da dôr ao Céo remontas;
« Por ti se regenera o pobre escravo
« Condemnado a arrastar injustos ferros;
« Por ti vinga-se o heróe da patria ingrata,
« Por ti zomba da sorte o desgraçado;
« Por ti vence o pudor, salva-se a honra,
« E em ti sómente a liberdade existe.
« O misanthropo velho, que se curva
« Já dos annos ao peso, no teu seio
« A fronte pousa e dorme eterno somno;
« O fogo das paixões no moço apagas,

E abres-lhe, em troco de um porvir sombrio,
De paz segura infindos horizontes;
O infante, anjo ainda, ao Céo que é delle,
De Deus a um rir de amor donosa elevas.
Oh! maldito o primeiro dos humanos,
Que deu-te por semblante uma caveira!
Que assignala esse horror qu'á morte emprestão?
O transe da agonia?... — inda é da vida.
Os gemidos que move?... — o tumulo é mudo.
O cadaver que resta?... é pó do mundo.
Salve suave nectar soporifero
Que das flôres do eden anjos distillão!
Rainha do silencio, morte augusta,
De sigillo e de olvido arca sagrada,
Desencanto do pó, assomo d'alma,
Porta solemne que se fecha ao mundo
E se abre á eternidade, salve!... salve!...
Salve papoula dos jardins do Eterno!

VII

Humano coração, harpa da vida,
Em que são notas lagrimas e risos,
Com tuas glorias teus pezares mede,
Compara com teus hymnos os teus carmes,

« Consulta as vibrações das cordas tuas!
« Quantas mil vezes tens chorado em troco
« De um riso só, que te brincou na face?...
« A vida é a charrua trabalhosa,
« Que o homem pela terra a custo arrasta;
« A vida é nossa cruz, calvario o mundo.
« Viver é ver do tumulo no abysmo
« Ir cahindo um a um nossos amores.
« Tu, misero mortal, tu que estremeces
« Ao só pensar na morte horrorisado,
« Vive muito... envelhece... e alfim tocando
« Tarde o termo fatal, introvertido
« O livro d'alma lendo na memoria,
« Tristezas só terás — flôres da vida!
« É teu passado um vasto mar de lagrimas;
« Do moribundo pai viste a agonia,
« Da carinhosa mãi cerraste os olhos,
« Viste á campa descer a esposa amada,
« Rasgou-te o coração penar dos filhos,
« O seu morrer, o dos irmãos e amigos,
« E afogado no meio de esqueletos,
« Coveiro infausto, herdeiro de agonias,
« Convidão-te os pezares p'ra o jazigo.
« Oh! feliz de quem morre! ai de quem fica!...

VIII

« Vasta rêde d'insanias e artificios
« Mil funestas paixões na terra estendem;
« Contra o homem o homem conspirando
« A cada passo um precipicio excava,
« Prepara um crime, e um infortunio tece;
« Morde do bemfeitor o seio a vibora
« Da ingratidão; o credito do justo
« Vil calumnia atassalha; a emmagrecida
« Inveja não tolera alheia dita;
« A prepotencia aos pés esmaga o pobre;
« Aureo metal do chão desentranhado
« Vence a virtude, que é celeste flamma;
« E a hypocrisia infame em toda parte
« O riso da traição nos labios tendo,
« E no horrivel semblante o véo do crime,
« Ou da perfidia a mascara nefanda,
« Abusando da fé, immola o crente;
« E luctareis em vão, se a tanto ousardes;
« Toda a lucta é perdida, a quéda é certa;
« O mal triumpha; o mundo escravo é delle,
« E a um só tempo são victimas e algozes
« Os homens pelo mal, que loucos forjão,

« N'um flagello tornando a vida humana.
« Contra inimigo tal só Deus e a morte;
« Salve, portanto, ó morte compassiva!
« Salve, ó morte, que a Deus nos approximas!
« Salve papoula dos jardins do Eterno! »

IX

Aqui parou; da terra e Céo desvia
Olhar seguro que afundou nas ondas;
Sinistro longa hora o mar contempla
Sondando um tumulo nesse immenso abysmo.
Paixão infrene que turbou-lhe a mente,
Da loucura aos impulsos o abandona;
E elle, um christão, em desespero acaba;
Elle, um bravo, deshonra-se cobarde;
Tão virtuoso, e ao crime se arremessa,
Na extrema perdição vendo um recurso!...
Oh! que fraqueza e que miseria humana!
Para eximir-se ás tormentosas lidas
Da vida transitoria, em desatino
O suicida se expõe a eternas penas,
E louco troca o mundo pelo inferno,
Os homens por Satan, e a Deus ultraja!...
Eis das paixões ao que nos leva o excesso.

X

Menos sombrio, mas agora afflicto,
De novo o Trovador rompe o silencio;
Um suspiro profundo ao peito arranca,
Estende um braço emfim, com dedo firme
Aponta o mar que ás plantas lhe rebenta,
E doloroso exclama :
« Eis o meu tumulo !
« Nelle ninguem virá chorar saudades;
« Nem minha mãi... ai triste !... »

XI

Inopinadas
Sulcão-lhe as faces lagrimas sentidas,
E terno, soluçando, a voz lhe escapa :
« Anjo de puro amor, mãi desditosa,
« Perdôa ao filho, involuntario ingrato,
« Que te abandona arbusto resequido
« Em solo esteril sem cultor que o vele.
« Ah! que remorso atroz me pesa n'alma!

« Arranco infindo acerbo pranto áquella
« Que o proprio sangue me infiltrou nas veias;
« Cubro de luto em annos de velhice
« A quem da infancia me vestira as faixas;
« Dou morte ao seio que me déra a vida;
« Oh! minha mãi! oh! anjo de amor puro!
« Tudo te roubo... até o meu cadaver,
« Da extrema dôr consalação extrema!
« Meu Deus! de minha mãi compadecei-vos!
« Negai-me o Céo, meu Deus, mas dai-lhe amparo. »

XII

Suffocado em soluços, cáe-lhe a fronte
Nas mãos trementes; longo afflicto geme,
Mas como p'ra furtar-se ao doce imperio
Do maternal amor arrebatado,
A longos passos pela rocha vaga,
Até que pouco a pouco alma invadindo
Diverso pensamento, o miserando
Com a capa envolve o corpo inteiro, e turvo
Segue, dizendo com medonho accento :

XIII

« Por minhas mãos em vida me amortalho!
« Mais um'hora e d'um salto hei de afundar-me
« No barathro que aos pés aberto vejo.
« Morro bem moço — no vigor dos annos, —
« Como arvore frondosa ao chão lançada
« Pelo choque violento da borrasca;
« Tão moço ainda, e no soffrer tão velho! »

XIV

Gemeu então, as mãos torce raivoso,
E ironico prosegue e desabrido :

XV

« Ufano joven que saudaste a vida
« Com cega confiança e ardor vehemente,
« Visionario que em sonhos deleitosos

« Aureos futuros desenhavas n'alma,
« Vaidoso lidador que a fronte erguias
« Em desafio ao mundo e a seus rigores,
« Fervendo em ancias de travar peleja,
« Qual ginete de guerra alça a cabeça,
« E a coma encrespa intrepido, escutando
« O clangor da trombeta bellicosa;
« Poeta do passado, onde os teus sonhos?...
« Onde a gloria, os triumphos, as corôas?...
« Como no mar soberbo a náo altiva,
« Teu coração ousado se arrojava
« A's ondas inflammadas da esperança;
« A esperança!... a illusão da mocidade!
« Foi ella o teu pharol; ignea mentira,
« Sonho da vida inteira, que sómente
« Desfaz-se ao pé da morte... oh! a esperança!
« Voluvel namorada enganadora,
« Que com um sorriso agora nos encanta,
« E logo foge esquiva e nos desvaira;
« Que ao perto ás vezes quasi qu'a abraçamos,
« E prompta nos escapa, e ao longe pára
« Dadivosa brilhando p'ra excitar-nos;
« Oh! a esperança! a feiticeira virgem,
« Que trajando se mostra lindas gallas,
« Com rosto de anjo e fórmas encantadas,
« Sempre a vencer e a seduzir com as graças,
« Jamais doando e promettendo sempre!

« A esperança! ai de quem nella confia!
« Annos espera, e um dia só não goza;
« Quando os braços lhe estende ella se evade;
« Um seculo zomba, se o homem vive um seculo;
« E apenas quando a morte, a rival sua,
« A victima lhe rouba, ante o sepulchro
« Se desencanta a virgem proditora :
« Ei-la! o rosto formoso era uã masc'ra,
« Erão de fumo as roçagantes vestes;
« Cahiu a mascara, as vestes se evaporão,
« E esse que a vida consumiu seguindo-a,
« Toca-a por fim — chimera enregelada...
« Esqueleto fatal! — eis a esperança! »

XVI

« Flôr das flôres da vida a mais dolosa,
« Flôr que veneno nos perfumes verte,
« Flôr que um espinho em cada pet'la esconde,
« A esperança fallaz, eu fui planta-la
« N'um fragil vaso furta-côr, e vario
« Que á luz exposto, iriante, muda as côres
« Sempre a cada volver, a cada instante.
« Plantei no seio da traição a insania,
« N'um peito de mulher minha esperança.

« Oh ! pois bem ! colho os fructos da loucura ;
« Minha esperança agora está n'um crime ;
« E essa mulher que eu adorei, com a dextra
« (Qu'inda hoje mesmo eu preferira a um sceptro)
« Abre-me a porta que conduz ao inferno. »

XVII

E por novas idéas impellido
Sobe da rocha a ponta mais altiva,
Cáe de joelhos, ergue em fogo os olhos,
Fixa-os no Céo, as mãos eleva e clama :

XVIII

« Perdão, meu Deus ! perdão ! incauto eu era,
« Mancebo ainda — o cego da fortuna ;
« 'Stava em annos de fé, e na minh'alma
« Via a mulher como um divino raio
« Por ti vibrado p'ra dar luz á terra ;
« Como orvalho do Céo por ti mandado
« P'ra suavisar-nos a aridez da vida ;
« Como o iris de placida bonança,

« Que ás borrascas do mundo o termo aponta;
« Acreditando ouvir e ver um anjo,
« Cahi nos laços que Satan forjára;
« Perdão, meu Deus, perdão, se dei sacrilego
« A essa mulher adoração divina!
« Da belleza o aspecto deslumbrou-me,
« Louco olvidei que as serpes são brilhantes,
« E o brilhar de uma serpe seduziu-me;
« Meu Deus, são testemunhas Céo e terra,
« A lua, o sol, o bosque, o lago, as flôres,
« De quanto ardor minh'alma incendiava!
« Perdão, meu Deus, perdão; mas dos teus anjos
« Ser mais puro que o meu o amor não póde;
« Amei como um poeta, amei um sonho,
« Amei nessa mulher um impossivel;
« Sangue, futuro, gloria, o amor sagrado
« De minha mãi, do anjo que me déstes,
« Tudo, meu Deus, sacrifiquei á ingrata;
« E em troco a tanto amor só tive escarneo,
« Frio desprezo, indifferença horrivel.
« Oh! mereço o castigo que me espera,
« Mereço a pena que flagella os impios;
« Mas á ingrata, meu Deus! vingança eterna! »

XIX

Do Trovador trasborda o desespero,
Ergue-se em furia e delirante corre
A saltar pelas rochas exhalando
A immensa dôr em violentos brados.

XX

« Morrer! morrer! é fardo enorme a vida!
« Um suicidio... um crime horrendo... embora!
« Vá cahir sobre o algoz o peso delle.
« Céo e terra, vingai-me! exemplo horrivel
« Dai ao mundo punindo a crueldade.
« Céo de Deus! despejai todos os raios
« Contra o monstro que amor insulta e nega!
« Terra do homem! mergulha-te nas trévas,
« Mirra teus fructos, murcha as flôres tuas,
« Teus rios secca; dira, esteril, negra,
« Ante seus passos sarças agermina.
« Mundo! retorna ao chaos; mas só p'ra ella,
« E ella que o saiba, e que debalde o chore;

« Meu Deus! dai que essa ingrata seja eterna,
« E fazei que n'um vôo os annos volvão;
« Envelheça a cruel, grisalhas fiquem
« As negras tranças; que seu rosto enrugue,
« Morrão-lhe as graças, dobre o corpo esbelto
« E feia, hirsuta, hedionda, abominavel,
« Constante viva aborrecendo a vida,
« De todos desprezada e de si propria!
« Mulher fatal, eu morro, e por legado
« A dôr de minha mãi n'alma te deixo.
« Ao som de maldições vaga na terra;
« Adormece em terror temendo o somno.
« Sonha com meu espectro, e despertando
« A voz de minha mãi sinistra escuta,
« Que em pragas mil arroja-te ao demonio.
« Eu morro, sim; mas não terão teus olhos
« Os meus restos por pasto da vaidade;
« Féra, que as féras arremedas todas!
« Tigre! meu coração despedaçaste;
« Tigre! fui teu na vida; morto, oh! nunca!
« Abutre! não terás o meu cadaver.
« Eu corro á morte.... adeus, terra nefanda!
« Fica orgulhosa dessa flôr impura;
« Adeus, ó mundo! ó minha mãi! perdoa!
« Eu morro! eu morro! adeus! »

XXI

E em furia indomita
A capa longe atira exasperado,
Corre a lançar-se p'ra morrer nas ondas;
Mas d'improviso pára; alonga os braços,
Banha-lhe a face o pranto da saudade;
E enternecido exclama:
« E tu, minha harpa?
« Nem um adeus a ti, constante amiga?
« Oh! não! não sou ingrato, vem! cantemos
« O adeus da despedida, hymno de morte. »

XXII

Sobre o peito reclina a harpa querida,
Doce lhe afina as cordas, e mais doce
Dedilha harpejos que no espaço entorna,
E entôa um canto que do seio arranca,
Repassado de dôr e de amargura.

XXIII

E ao frio sopro das nocturas brisas
Do sonoro instrumento as cordas gemem;
Uma rebenta já de resentida;
Mas, embalde, o cantor a voz desprende.

XXIV

I

« Minha harpa, saudemos o instante da morte,
« Que é lucida aurora de eterna victoria;
« O tumulo p'ra os vates é throno de gloria,
« E a vida é o jugo do inferno e da sorte.
« O jugo quebremos, ao throno subamos;
« É bello o triumpho, minh'harpa, morramos! »

E como pelo canto enternecida
Da harpa dedilhada uma das cordas
Rebentando sôou como um gemido.

II

« O vate é proscripto que vaga na terra,
« Bem poucos lhe entendem o estranho falar,
« Qual rocha batida das vagas do mar
« Supporta dos homens tormentos e guerra;
« Dos vates a patria no Céo achar vamos,
«. Deixemos o exilio, minh'harpa, morramos! »

E nova corda estala; outro gemido
Que sáe dos seios d'harpa, e é dado ás brisas.

III

« A morte é o somno que ádôr succedeu,
« Do qual se desperta no Eden do Senhor;
« É d'alma um arroubo em ancias de amor,
« É o tumulo é a porta dos atrios do Céo.
« A morte é o somno, minh'harpa, durmamos;
« O Céo nos espera, minh'harpa, morramos! »

E outra corda rebenta, e sobre as ondas
Longo sôa tambem outro gemido,
Que triste esvaecendo aos poucos morre.

IV

« Minh'harpa não gemas, que o mundo é traidor,
« Asyla a perfidia no gremio fatal,
« Não vale as saudades de um peito leal,
« Nem ternos suspiros de uma harpa de amor;
« Não gemas, exulta, que ao Céo subir vamos;
« A vida é sinistra, minh'harpa, morramos! »

Inda uma corda estala, e geme ainda,
Como profunda queixa que exhalada
Do lugubre cantor responde ao hymno.

V

« Esposa querida, minh'harpa, vem cá!
« A hora emfim sôa do nosso hymenêo;
« A pyra é a lua, que fulge no Céo;
« O thalamo virgem nas ondas será;
« A pyra flammeja! esposa, corramos!
« Aos gozos! á gloria! minh'harpa, morramos! »
E a derradeira corda emfim rebenta!

Gemido extremo foi de moribunda,
Ultima flôr que de um mirrado arbusto
Em murchidão precoce cáe na terra.

XXV

Lagrima ardente escapa aos olhos aridos
Do Trovador, que enternecido abraça
E beija a socia dos passados cantos;
E como se falára a um ser humano,
Assim lhe diz com voz apaixonada :

XXVI

« Não posso, oh não, abandonar-te aos homens,
« Qual orphã triste que mendiga amparo;
« Oh! não te deixarei tão só no mundo,
« P'ra que te vibre quem te não mereça;
« Talvez, quem sabe?... algum cantor profano,
« Que adulador deshonre a harpa orgulhosa,
« E varra com a poesia os pés dos grandes,
« A missão do inspirado rebaixando.
« Harpa de vate e escudo de guerreiro
« Um canto só, e um motte só proclamem.
« Minh'harpa, has de seguir-me até na morte;
« Teu destino é o meu; morramos juntos;

« Os teus harpejos, que eu amei, não sejão
« De mais ninguem no mundo; harpa querida!
« Não te reclinarás sobre outro seio;
« Sou teu esposo, acabarás commigo:
« Esposa do Indostão, teu dono segue:
« Muito te amei, oh muito! mas é força,
« Que morra a amada pelas mãos do amante.

XXVII

« Adeus, minh'harpa! oh! doce companheira,
« Echo fiel de meus sonoros hymnos!
« Amiga, que com risos respondias
« Ao meu prazer e ao pranto com gemidos!...
« Nunca mais te ouvirá um mundo ingrato,
« Nunca mais perderás divinos cantos
« Aos pés vertidos de uma féra humana.
« Adeus, oh sim, adeus, fada mimosa,
« Que o doce orvalho de um consolo terno
« Tanta vez espargiste em teus harpejos
« Sobre a minha alma consumida e triste!
« Adeus, meu anjo de amorosas fallas!
« Adeus, meu genio d'almas harmonias!
« Adeus, oh! rosa, de quem fui favonio;
« Minha irmã, minha esposa, amiga, filha,

« Harpa, harpa de amor, adeus ! acaba !
« Morre por minhas mãos... adeus, minh'harpa !... »

XXVIII

Foi seu ultimo adeus um grito d'alma;
Um passo recuou, e em fortes braços
Sobre a cabeça erguendo a harpa innocente,
Tres vezes contra a lage arremessou-a,
E tres vezes bradou : « Adeus, minh'harpa !... »

XXIX

Ei-la em pedaços sobre a rocha esparsa;
Emmudeceu p'ra sempre o *amor que fala ;*
E o Trovador, qual pai que ajunta os ossos
Do filhinho na terra do jazigo,
Um a um vae colhendo os pobres restos
Do instrumento querido, ao peito os une,
Aos labios, que em mil beijos se despedem,
E ao coração, que palpitando arqueja.

XXX

Succede emfim á dôr o abatimento;
Das mãos inertes cáe-lhe a *harpa quebrada*:
Como insensivel fica; estanca o pranto;
Os soluços que a voz lhe entrecortavão
O coração absorve, e a fronte erguendo
Misero Trovador, fugindo á terra,
Onde não mais lhe fulge uma esperança,
No Céo esquece uns olhos já sem brilho,
E com magua indizivel balbucia:

XXXI

« Vate sem harpa é alma sem idéa;
« *Harpa quebrada* coração sem vida,
« Tudo pois consummei, agora á morte. »

XXXII

Extatico se deixa espaço longo,
Depois, como de um somno despertando,
N'um profundo suspiro a dôr exhala,
Assenta-se na rocha, escode o rosto
Entre as mãos, e abysmado no silencio,
Derradeiro scismar concede á vida.

XXXIII

D'entre os vastos sendaes do fino orvalho
Noctivago batel no emtanto surge,
Que alveja á lua nas ceruleas aguas,
Como no campo verde o branco lirio.
Nas brandas azas de faceiro zephyro
Vem placido e sereno resvalando
E á *Rocha-Negra* dirigindo o vôo.

XXXIV

Alvacenta barquinha graciosa,
Amor das brisas, perola das ondas,
Que entre os fulgores do luar te mostras
Ao longe duvidosa, e já tão bella!
Serás tu da esperança mensageira,
Que traga a um triste inesperado alento?...
É da ventura bemfazejo sopro
A que a véla te enfuna aura suave?...
Linda filha do mar, a quem vestirão
Com as brancas vestes, que a donzella estima,
Que quer dizer esse candor?... não sabes,
Que o vestido da noiva em côr iguala
A mortalha da virgem?... não te lembra
Que da donzella a c'rôa se desfolha
N'um thalamo de amor, ou no sepulcro?...
Alva barquinha, teu candor que exprime?...
É véo de noiva, ou virginal mortalha?...

XXXV

E tu, ó Trovador, tu, que, em delirio,
Do desespero escravo, a morte evocas,
E nas garras do crime a vida afogas;
Tu, qu'impio ousaste contra a negra rocha
Em pedaços fazer a harpa do genio;
Tu, que no mundo a mãi tão carinhosa
A sós deixaste em horridas torturas;
Tu, que a patria esqueceste, honra e virtude,
E o proprio Deus no suicidio ultrajas;
E tudo e tanto porque cégo aos raios
De belleza cruel, em paixão louca,
Da ingratidão o fel tragaste horrivel;
Trovador, Trovador, tu que experimentas
Quanto é fero esse amar sem ser amado,
Que dirias se inesperada visses
Aos olhos teus, qual tu, votada á morte
De teu rigor uã estremosa victima?...
Trovador, Trovador, ergue a cabeça,
As lagrimas enxuga, o mar contempla,
E a barquinha que ao perto já se avisa,
Pergunta se tambem has sido ingrato.

XXXVI

Desgraça immensa, como immensa dita
A alma absorve e o coração preenche ;
Nada mais fóra della occupa o homem.
Tem muito que chorar as proprias dôres,
Não enxerga o infeliz maguas alheias :
O Trovador, da ingratidão ferido,
Mede por seu amor a desventura,
Geme ultrajado por crueis desprezos,
E todo em afflicções sempre submerso,
Nem vio, nem vê, nem mesmo ao pé da morte
Adivinha, sequer, o affecto ardente,
Que abafado, no peito de uã martyr,
Funesto amor, lhe dilacera o seio.

XXXVII

Aos poucos se approxima alva barquinha,
Já se apercebe o murmurar das ondas,
Que ella serena e doce vem cortando ;
O Trovador no emtanto, que engolphado

Em longo meditar olvida o mundo,
Nem ouve o murmurar, nem vê a barca.
Quando aos vôos de esp'rito se abandona
O homem que soffre, o espirito doudeja;
Zombaria ou piedade, acasos forja,
Glorias simula, e momentaneos gozos
Liba o triste, que cedo outra vez prova
Reaes tormentos, que revivem sempre.

XXXVIII

O Trovador medita, e sem que o pense,
Doces mentiras devorando exulta.
De seu pensar acerbo a alma triumpha;
Azas brilhantes pouco a pouco abrindo
A phantasia, das formosas pennas
Ao suave mover a dôr se abranda,
E vae no coração adormecendo.
Em liberdade o espirito remonta
Ao vago espaço, que povoão sonhos,
E o misero embalado por chimeras
Não dorme, e sonha; encantadora vida
Vem-lhe sorrir festiva e dadivosa;
A mãi, extremos toda, alegre o chama,
Acena-lhe que espere, corre e foge;

Depois trajando de noivado as vestes
Brancas, tão alvas como o branco lirio,
Ella... ella mesma, do passado a ingrata,
Carinhosa se mostra a Peregrina.
Que olhar o seu ! que riso o de seus labios !
Quanto amor nesse riso e nesses olhos !
Presa á doce visão a alma se deixa,
Esquece tudo, só da imagem cura,
Embevecida, como aos pés d'um anjo,
Breves instantes rapidos voárão;
Mas d'improviso o Trovador desperta,
Sente um ruido, ao lado os olhos volve,
E ao ver trajando de noivado as vestes
Brancas, tão alvas como o branco lirio,
Junto de si uma donzella... ergueu-se,
E suspirando exclama :
« És tu ?... »
Não era;
E sentindo accordado a realidade,
Maldiz um sonho, que dobrou-lhe as maguas,
Fingindo o gozo de anheladas glorias.

XXXIX

Estava a Douda, que aportar viera
Na formosa barquinha á *Rocha-Negra*,

Como noiva vestida; em seus cabellos
Via-se a c'rôa que engrinalda a virgem,
E preso a elles vinha aos pés cahir-lhe
Branco véo que a pureza symbolisa.
Não lhe accende o rubor do pejo as faces,
Sempre de bella pallidez; mas brilhão
Com sinistro fulgor seus negros olhos,
E é mais viva tambem da fronte a nodoa.

XL

Longo tempo em silencio, e com ternura
Indizivel, a Douda apaixonada
O Trovador contempla docemente;
Emfim a mão lhe aperta, e alegre falla.

XLI

A DOUDA

Vês bem que não faltei; é meia-noite.
Esperavas-me tu?...

O TROVADOR

Não; fiôr da terra,
Julguei-te presa ao mundo, que detesto.

A DOUDA

Deste mundo não sou; bem t'o dizia;
Minha alma delle foge, e altiva, e nobre,
Vaga em mais alta esphera; dos encantos
Dona, me fez das fadas a rainha;
Já t'o jurei; mostrei-te a negra mancha
Que me deixou da *Nebulosa* o beijo,
E não quizeste crer-me!... a razão tua,
Como o teu coração sómente é cega.

O TROVADOR

Que intentas explicar?...

A DOUDA

Dir-t'o-hei lá em baixo,
No fundo mar que habitaremos juntos,
A menos que da vida á cruz pesada
Abraçado outra vez...

O TROVADOR

Não! quero a morte!
A mais louca esperança concedida
Só falta a hora...

A DOUDA

Unidos morreremos.
Oh! ao menos p'ra mim, doce consolo!
Será ditoso o transe derradeiro!

O TROVADOR

Qu'intento é esse ?...

A DOUDA

Inspiração de fadas.
Por cem boccas falou-me a *Nebulosa*,
Marcando o prazo de eternal victoria.
Escuta : quando a noite o manto opaco
Sobre a terra estendeu, vinha eu no bosque.
Sabes que falla o genio do floresta
Do vento no gemer ?... das catadupas
No bramido, e no silvo das serpentes ?...
Pois eu ouvi-lhes, traduzi-lh'as fallas,
E em côro me dizião : « *Morre! morre!* »
Entro na minha gruta, e resplendente
De stalactites na muralha escripta
Leio a sentença amiga : « *Morre! morre!* »
Saio, e os olhos erguendo ao Céo formoso,
Lá vejo minha mãi n'um throno aereo
De brancas nuvens; sua voz escuto,

Ella me chama e brada : « *Morre! morre!* »
Corro ao mar, sobre o dorso trazem ondas
Uma faixa de espuma côr de neve,
Onde com o dedo algido e invisivel
Traçára a *Nebulosa* : « *Morre! morre!* »
Trovador, Trovador ! não vês que eu rio ?...
É do triumpho a hora que me sôa ;
Do bosque o genio, a luz que accendem fadas,
Minha mãi lá do Céo, do mar na espuma
A primaz *Nebulosa,* alção meu hymno,
Meu canto de victoria : « *Morre! morre!* »

XLII

Rosas inflamma commoção sublime
Naquelle rosto de jasmins eternos ;
Fulgem-lhe os olhos, e o virgineo seio
A custo abafa pudibundo, arcano ;
Nunca tão linda se mostrára a Douda.
O Trovador attonito se chega ;
Sorpresa e compaixão enchem-lhe alma ;
Entre as suas as mãos da Douda aperta ;
E logo exclama :
« A tua dextra é gelo!...
« Tu padeces !... »

XLIII

Sorriu-se a miseranda;
Marmoreo dedo o coração aponta,
E diz tremendo:
« Aqui se encerra o fogo! »
Volta os olhos depois, indaga a lua:
Vae em breve sumir-se, e negras nuvens
Encrespão-se no Céo:
« Ouve, ella torna;
« Da morte o prazo em breve tocar vamos,
« E prestes vae rugir a tempestade;
« Leio no Céo o annuncio da borrasca;
« Dos trovões ao bramir, e á luz dos raios
« Iremos ter com a *Nebulosa*. É tempo;
« Encha o encanto o que da vida resta;
« Oh! faze-me chorar eu amo as lagrimas,
« Peço-te um canto; accorda *o amor que fala*.
« Oh!... faze-me chorar!...

XLIV

« Harpa!... oh! minh'harpa!... »
Exclama o Trovador, e arreda um passo,
Mostrando os restos do instrumento amado.

XLV

Recua a Douda espavorida, e treme,
Depois avança; e curva e de joelhos
Contempla a harpa quebrada.
« Ah! que fizeste?...
Diz ella emfim se desfazendo em pranto;
« Que sacrilego impulso armou teu braço
« Para matar o anjo dos amores?...
« Não te obrigaste n'um piedoso voto
« A' morte em doces cantos deleitar-me?...
« Oh! que és muito cruel!... muito! nem pensas,
« Que extrema ha sido a crueldade tua!...
« Pobre *amor que falavas*, já não falas!...
« Matou-te aquelle por quem só vivias!... »

XLVI

Breves momentos reflectiu a Douda;
Depois mais terna e mais sentida ainda,
E ás vezes soluçando assim prosegue :
« Somos irmãos, *amor que já não falas!*
« Igual destino nos fadára um genio,

« Que vida e morte deu-nos semelhante.
« Tiveste por encanto a voz de um anjo,
« E eu devo encantos á primaz das fadas;
« Tu já morreste, eu morrerei bem cedo,
« E a mão que ousou matar-te vae matar-me;
« N'um ponto só nos distinguira a sorte;
« Tu foste amor de apreciados cantos,
« E eu sou amor de lagrimas perdidas;
« Ambas harpas de amor, eu só mais triste.
« Oh! minha irmã!... não ficarás na terra!
« No fundo mar ha um palacio d'ouro,
« Que habita a *Nebulosa :* ella te aceite...
« Tu lá me espera... viveremos juntas,
« E assentadas ao lar de immortaes fadas
« Do nosso féro algoz nos lembraremos.
« O' harpa! ó anjo de celestes hymnos,
« Que adormecem a dôr nos seios d'alma;
« Interprete fiel de affectos puros,
« Levem-te á *Nebulosa* ondas amigas,
« E as mesmas voltem p'ra tambem levar-me. »

XLVII

Disse, e os fragmentos d'harpa reunindo,
Em movimento rapido os arroja
Ao mar, que os leva amante á flôr das ondas.

XLVIII

A Douda ouvindo, o Trovador pasmára;
Esclarece-lhe a mente luz brilhante;
Lembra o passado, rompe-se um mysterio,
E os proprios males esquecendo, inquire,
Que dôr é essa, que um gemer tão doce
Quasi á força exhalou a seus ouvidos.

XLIX

O TROVADOR

Que disseste, infeliz?... ardente raio
Os meus olhos ferio... acaba, fala!
Devo eu tambem levar á eternidade
Além de atroz desgraça inda um remorso?...
Oh! que o peso é demais!...

A DOUDA

Morrer juraste;
A jura cumprirás!...

O TROVADOR

Já tarda a morte.

A DOUDA

Eu sou fada, e não temo; tu... quem sabe?...
Talvez inda a esperança...

O TROVADOR

Ah! não; mais nada;
Já disse extremo adeus ao mundo insano;
De agonia cruel traguei acerba

A hora que precede ao passamento;
Nada me resta agora, e se não falas
Depressa e já, não te ouvirei por certo.

A DOUDA

Morres?... eu tambem morro, oh! gloria eximia!
Falar me é dado alfim! abra-se o dique,
Transborde o coração : ouve; os encantos
Podem prestar sublime influxo ás fadas,
Mudar-lh' as formas, requintar-lh' os gozos,
Sábias fazê-las predizer futuros,
Ao seu imperio sujeitar os seres,
Os homens, as paixões; mas ah! não podem
Nem mesmo encantos supernaes, aquelles
Que a *Nebulosa* sublimada excita,
Do amor, paixão divina, liberta-las.
De Deus, que os mundos fez, e os mundos rege,
O amor é doce emanação excelsa,
Que do universo á creação dá vida;
E ante amor, que é de Deus, dobrão-se as fadas;
Amão; e quando amor arde em seus peitos,
É fogo eterno, que as devora e mata.
Sina funesta! amor que tudo alenta,
A's fadas sempre traz desgraça e morte!

Oh! Trovador! não me entendeste ainda?...
Sou fada, e vou morrer... porque?... não sabes?...
Cégo, nunca me viste! agora ao menos
Abre os olhos, contempla a moribunda!
Trovador! eu te amei nos bellos annos
Da infancia, e não sabia então que amava;
Foi, das flôres na idade amor tão puro,
Roseo botão no seio desbrochando.
Moça te amei, e em sonhos deleitosos
Additava á minh'alma tua imagem;
Escravo de outro amor, tu me feriste
Com a indifferença enregelada e féra;
E eu te amei inda mais! segui teus passos
A toda parte; inebriei-me ouvindo
Teus doces cantos; fiz-me a confidente
Do terno affecto, que era o meu supplicio;
Com minhas mãos nos braços te lançára
Da Peregrina, se eu pudesse tanto;
E mais não te pedira que um sorriso
De gratidão, sequer p'ra mim tão triste!...
Amei, chorei, votei-me a um sacrificio;
E tu, oh! Trovador, não viste nada!!!
Ah! se te amei! e como te amo ainda!...
Trovador! Trovador!... amo-te sempre,
Como a aura ama a flôr, aves a aurora,
O heliotropio o sol, e ao Céo os anjos!
Tua voz tem um echo no meo seio,

Dos teus olhos no fogo os meus se abrasão :
Amei-te, oh! muito! como ninguem ama!
Dei-te a minha alma, dera-te o meu corpo,
Assim me expondo a desencanto horrivel!
A *Nebulosa* e minha mãi o sabem;
Uma no fundo mar ouve-me as vozes,
Outra de sobre as nuvens lá me escuta.
Amei-te muito! amo-te ainda, oh! muito!

L

E a misera entre as mãos, que o pranto ensopa,
Esconde o rosto que o pudor devora.

LI

De joelhos, chorando enternecido,
O Trovador a soluçar murmura :
« Santa consolação, não me aproveitas!...
« Brando orvalho do Céo cáe n'um deserto
« Esteril, secco, que não mais vegeta;
« Terno grito de amor tardo se escuta
« No meio do Oceano, e não tem écho.

« Mirrado coração, quanto has perdido !
« E essa ingrata, que amei, quanto me rouba !... »

LII

Suspira, e breve instante se interrompe ;
Depois mais doce ainda fala á Douda :
« Celeste pomba dos amores puros !
« Vive, e desabre teus serenos vôos
« Na terra, em que te deixo ; esquece o cego,
« Que te não vio no mundo tão formosa !
« Vive, e me olvida ; e se um sinistro voto
« Póde vibrar a alma da innocencia,
« Maldize o monstro, que fatal perdeu-me ;
« De fogo a serpe, que tornou em cinza
« O coração, que um throno te devia.
« Celeste pomba dos amores puros,
« Vive e me esquece, que te não mereço !... »

LIII

Da Douda os olhos flammejárão raios;
O Céo, a lua, o mar convulsa observa;
Tremem seus labios n'um febril sorriso,
Troar ouvindo subita borrasca;
Nas faces rubras chammas lhe rebentão,
Que a paixão lhe usurpou do sacro pejo;
E com fervente voz exclama ousada :

LIV

« Não vaes morrer?... pois morrerei comtigo.
« Sê meu na morte! um encantado thalamo
« Nas ondas nos espera; vê! sou bella!
« Tenho o fogo do sol nos olhos negros!
« Vê! sou bella! meu rosto é côr da neve,
« Meus labios côr de rosa, e o seio é puro!
« Esperão-te mil beijos nestes labios,
« Amplexo deleitoso entre meus braços!
« Sou bella, e serei tua sobre as ondas!
« Corôa de noiva orna-me a fronte;

« E trago para as nupcias graciosa
« Véo de donzella, e vestes de noivado.
« Vem, sou bella! sou virgem! serei tua!
« Espera-nos o mar! esposo! corre!
« Vem! a lua escondeu-se atrás do monte,
« Ribomba a tempestade; vem! sou bella!
« Dar-te-hei encantos, divinaes deleites,
« Inda mais puros que os botões das flôres!
« Vem! sou bella! sou virgem! serei tua!
« Não receies a morte; o gozo é certo;
« A *Nebulosa* nos prepara um leito
« De rosas e jasmins entretecido
« No fundo mar, no seu palacio d'ouro;
« Esposo, corre! o thalamo nos chama!
« Ao triumpho! ao amor! á dita! á gloria! »

LV

Era um anjo a fulgir a Douda em fogo.

LVI

O Trovador atira-se nos braços,
Que lhe estendia a amante desvairada;

Ambos se apertão, misturando alentos,
Unem os labios, e trocando um beijo,
Um desses beijos que uma vida pagão,
Sem que morra o pudor, delicias libão;
Mas um momento só; que delirantes
Enlaçadas as mãos, ambos correndo
A' extrema fatal sobem da rocha,
E ás ondas furiosas vão lançar-se.

LVII

E o Céo rebrame, e ruge o mar terrivel,
Fuzila o raio, que incendeia os ares;
Trôa o trovão, desaba a tempestade;
Abalada estremece a natureza,
Envolve a *Rocha Negra* horrenda nuvem;
Todo é trévas... horror.... borrasca, e morte.

EPILOGO

I

Côro jocundo de sonoras aves,
Incensos dos thuribulos das fllôres,
Terra viçosa despertando em risos
A luz saudão, que dá vida ao mundo.
Purpureião no Céo rosas da aurora;
Mansa suspira a brisa, e o mar sereno
As praias beija murmurante apenas,
Cadenciando festivaes cantigas
Do pescador, que ao perto sulca as ondas.

II

Snccede á tempestade alma bonança,
E o Céo que luz, e a terra que desperta
Entre perfumes humida de orvalho,
E a praia alvejante e o mar sereno
Em doce paz o horror da noite esquecem.

III

Ninguem mais da borrasca se recorda;
Mas, oh não! que d'alli rompem correndo
Humanos vultos dous : — angustiados
Achão azas na dôr, e afflictos voão.
Duas mulheres são, e espavoridas
A *Rocha-Negra* em desespero buscão.

IV

Uma, que ávante marcha, esparsos leva
Cabellos côr da neve, e ensanguentados
Os pés descalços, rotos os vestidos;
Seus magros braços estendidos tremem,
Em fogo os olhos tem, e aberta a bocca
Respira com estertor afadigada.

V

Essa não chora, mas ás vezes brame.

VI

Segue-lhe a outra, moça e tão formosa,
Que a despeito da magua e desalinho
Deslumbra o astro que no Céo esplende.

VII

Essa não brame nunca, e sempre chora.

VIII

Da *Rocha-Negra* toca emfim a extrema
A velha exasperada; afunda os olhos
Do mar no seio immenso, e convulsiva
As mãos alçando ao Céo brada: « Meu filho! »

IX

Um grito lhe responde; volta e corre
A Peregrina, que na praia ulula;
Mas não chega; de subito sustem-se;
Vê de longe em pedaços sobre a areia
A terna harpa de amor, qu'inda quebrada
Aos pés da ingrata as ondas arrojárão.

X

Da velha o rosto decompõe-se horrivel;
Rubros olhos revolvem-se nas orbitas;
Erição-se os cabellos alvejantes;
Seu vulto se agiganta; um braço eleva,

E com sinistra voz, rouca, e medonha,
Exclama em furia : « Ingrata ! sê maldita !... »

XI

Qual ferida de um raio, a Peregrina
Cáe com os labios de encontro á *harpa quebrada*.

XII

E a velha, pobre mãi, da dôr no excesso,
Sobre a rocha fatal tomba sem vida,
E aberto um golpe na rugosa fronte,
Banha o sangue materno o altar da morte.

FIM

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collecção in-8° a 2$000, 3$000 e 4$000 broch. Encadernado, 1$000 a mais por volume.

Machado de Assis
Contos Fluminenses. 1 vol.
Helena. 1 vol.
Historias da Meia Noite. 1 v.
Historias sem data. 1 vol.
Memorias posthumas de Braz Cubas. 1 vol.
Papeis avulsos. 1 vol.
Resurreição. 1 vol.
Americanas (poesias). 1 vol.
Chrysalidas (poesias). 1 vol.
Phalenas (poesias). 1 vol.
Quincas Borba. 1 vol.
Yáyá Garcia. 1 vol.
Paginas Recolhidas. 1 vol.
Dom Casmurro. 1 vol.

Magalhães (D. J. G. de)
Commentarios e Pensamentos 1 vol.

Martins Penna.
Comedias. 1 vol.

Mello Moraes Filho (Dr A. S.).
Os Ciganos no Brazil. 1 vol.
Mythos e Poemas. 1 vol.
Cancioneiro dos ciganos. 1 vol.

Medeiros e Albuquerque.
Mae Tapuia. 1 vol.

Mendes Pinto (Fernão de).
Excerptos. 2 vol.

Moreira de Azevedo.
Lourenço de Mendonça. 1 vol.
Criminosos celebres. 1 vol.
Homens do passado. 1 vol.
Curiosidades. 1 vol.
Os Francezes no Rio de Janeiro. 1 vol.
Mosaico brazileiro. 1 vol.

Norberto de Souza Silva.
Brazileiras celebres. 1 vol.

Oliveira (A. de).
Poesias. 1 vol.

Pereira da Silva.
Aspasia. 1 vol.
Gonzaga, poema. 1 vol.
Jeronymo Côrte Real. 1 vol.
Manoel de Moraes. 1 vol.
Os Varões illustres. 2 vol.

Rozendo Moniz.
Favos e Travos. 1 vol.
Moniz Baretto. 1 vol.

S. Carlos (Fr. F. de).
A Assumpção, poema. 1 vol.

Sabino (Iguez).
Mulheres celebres. 1 vol.

Seabra (Bruno).
Flores e fructos.

Serra (Joaquim).
Quadros, poesias. 1 vol.

Smiles (Samuel).
Ajuda-te. 1 vol.
O caracter. 1 vol.
O dever. 1 vol.
Economia. 1 vol.
A Vida e o Trabalho. 1 vol.
Poder da vontade. 1 vol.

Sylvio Romero.
Novos estudos de litteratura contemporanea. 1 vol.

Taunay (Sylvio Dinarte).
Historias Brazileiras. 1 vol.
Narrativas militares. 1 vol.
Mocidade de Trajano. 2 vol.
Ouro sobre azul. 1 vol.
Manuscripto de uma mulher. 1 vol.

Levallois-Ferret. — Imp. Crété de l'Arbre, 35, rue Fromont.